



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>



BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHÉCA DE CLASSICOS PORTUGUEZES
DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*
Proprietario e fundador — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA
DE
EL-REI D. JOÃO I

POR
Gomes Eannes d'Azurara

VOL. II

ESCRITORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA
—
1899

DP
585
.Z92

v.2

A LIBERAL—Officina Typographica
RUA DE S. PAULO, 216

1899



6L
6L
V Böhöven
11-5-70
853684-196
add nel

CAPITULO XXXI

Como aquelles embaixadores vieram a Portugal e como deram a embaixada a el-rei, e da resposta que houveram, e como Dia Sanches de Benavides morreu, e o bispo se tornou.

NOBREMENTE mandou a rainha corregar aquelles embaixadores, assim pelo que pertencia á excellencia do estado de seu filho, como por serem os primeiros que vieram a este reino, depois da morte d'el-rei D. Henrique, os quaes partidos de Castella traziam em si mui grande duvida de acabarem o porque vinham, tamanho era o espanto que lhe pozeram ácerca do movimento d'el-rei contra a cidade de Sevilha, a qual opinião lhes fazia pensar que seriam mal recebidos e peor agasalhados.

Emperó acharam tudo por contrario do que elles esperavam, porque tanto que el-rei houve novas de sua vinda, mandou logo um escudeiro ao extremo, que os fizesse mui bem receber em todos os logares do reino, por onde elles viessem, o qual escudeiro le-

vava poder abastante d'el-rei pera que lhe fizesse dar abastantemente todas as cousas que lhe fizessem mister, sem lhe ser levado dinheiro algum, mas tudo á custa d'el-rei.

E quando assim aquelles embaixadores viram semelhante começo, prouve-lhe muito, do qual logo mandaram recado á rainha e aos do seu conselho, fazendo-lhes saber aquelle agazalhado que lhe el-rei ao presente mandava fazer.

Mas quando elles chegaram acerca de Lisboa, onde el-rei estava, ali poderam elles de todo conhecer quanto a sua opinião era errada, cá mandou el-rei mui grande parte dos bons que havia na cidade pera os acompanharem, e tanto que foram ante elle, recebeu-os mui graciosamente de sua pessoa, do que elles sobre todo foram mui mais contentes.

«Senhor, disse o cavalleiro, el-rei nosso senhor e a rainha sua madre vos enviam muito saudar, e o duque com todos os outros da sua valia se encommendam em vossa mercê, e os outros fidalgos e cavalleiros com a mais gentileza da côrte enviam beijar vossas mãos e encommendar em vossa mercê.»

As quaes encommendas assim dadas foram recebidas por el-rei com aquella mesura e cerimonia que convinha a seu estado, entoncos lhe deram a carta de crença e lhe apresentaram sua embaixada em esta fórma :

EMBAIXADA D'EL-REI DE CASTELLA

«Mui poderoso e serenissimo principe, senhor el-rei.

O bispo de Mondonhedo e Dia Sanches de Benavides, subditos naturaes e feitoras do mui alto, muito poderoso serenissimo e illustrissimo principe senhor,

el-rei de Castella e de Leão, vosso sobrinho e nosso senhor, notificamos a vossa mercê, como ante a sua real magestade foram vossos embaixadores, a saber: João Gomes da Silva, vosso alferes-mór e o doctor Martim Docem, e o doctor Beliago, os quaes com vossa auctoridade e poder trataram com a senhora rainha e com el-rei D. Fernando, que entoncez era infante, como tutores do dito senhor, pazes perpetuas, firmes e valedoiras pera todo sempre, ante a sua real senhoria com todos os seus reinos e senhorios e terras, e vossa alteza com todos seus reinos senhorios e terras, sobre as quaes foram feitos uns capitulos, em que inteiramente se contem a fôrma das ditas pazes e a maneira como se devem firmar e guardar.

E porquanto os ditos senhores, tutores e curadores d'el-rei, fizeram juramento solemne segundo pera tal auto cumpria, e assim todos os outros principaes d'aquelles reinos, passando-se todo assim em presença dos ditos vossos embaixadores, segundo d'ello tornaram suas escripturas publicas, os quaes embaixadores juraram outrosim, em vosso nome e de vossos filhos, por virtude e poder de vossas procurações, que pera ello levavam sufficientes e abastastantes, ficando resguardado aos ditos senhores, de enviarem ao deante seus embaixadores pera ser tomado pessoalmente o dito juramento de vossa mercê e assim de todos os outros, a quem pertence similhante juramento.

E porque depois dos ditos tratos passados se seguiram outros negocios d'aquelles reinos, principalmente os feitos d'el-rei D. Fernando, não poderam enviar a vossa mercê requerer o dito juramento.

Porém, porque as ditas pazes sejam firmes e ratas, el-rei nosso senhor, por auctoridade da rainha sua madre e dos outros do seu conselho, nos mandou co-

mo seus embaixadores, que firmassemos o dito juramento e lhe levássemos d'ello nossas escripturas publicas, nas quacs se contivesse todo o auto que se ácerca d'ello passasse.

Ora muito alto e muito poderoso principe, a vossa senhoria apraza encaminhar como o dito juramento seja feito, por tal que as ditas pazes se guardem e firmem: segundo por vossos embaixadores foi tratado e firmado.»

Acabada assim a sustancia d'aquella embaixada, disse el-rei :

«Como quer que em todas as cousas os grandes principes tenham maneira de retardarem algum pouco suas respostas, pera haverem razão de se aconselhar, quanto ácerca d'esta presente, muitos dias ha que eu tenho havido meu conselho, cá por tão firme tive e tenho qualquer cousa que aquelles meus embaixadores em meu nome tratassem, como se eu por minha propria pessoa o fizera, e portanto me praz muito de fazer o dito juramento, por a guisa que me por vós é requerido, e d'aqui por deante tratar com todas as cousas de meu sobrinho, por aquella guisa que trato com as minhas, tendo seus naturaes com os meus aquella maneira que é razão.»

E quanto ao juramento, disse el-rei que pera se fazer como cumpria, que elle mandaria chamar alguns dos principaes de seu reino que ali não estavam, e que entoncos encaminharia como elles fossem despachados segundo seu requerimento, e assim fizeram fim quanto aquelle dia das cousas sosuditas, e os embaixadores houveram nobres pousadas, e se ante eram bem agazalhados e providos das cousas que lhe faziam mister, d'ali adeante o foram muito melhor, cá eram em aquella cidade, onde el-rei estava, muitas cousas

deleitosas, especialmente pescados frescos, de que elles em algumas partes de seus reinos são mal providos.

El-rei tinha maneira de os mandar abastar de todo, e des-ahi, quando foi tempo, el-rei e seus filhos fizeram juramento assim e por aquella guisa que fôra feito em Castella, de que os ditos embaixadores tomaram seus instrumentos e escripturas, segundo sentiam que cumpria pera segurança de seus feitos.

Mas porque além da dita sua embaixada elles traziam outras cousas, que haviam de requerer, assim como tomadas de alguns navios, oudamnos que se sempre fazem entre os visinhos dos extremos, foi-lhe necessario estarem ainda alguns dias na côrte pera requererem aquellas cousas, no qual espaço se seguiu que aquelle cavalleiro Dia Sanches de Benavides adoeceu, e como quer que por mandado d'el-rei fosse mui bem curado, a enfermidade era tal, de que por necessidade houve de fazer fim de sua vida, na qual cousa a el-rei desaprouve, e assim lhe mandou fazer mui honradas exequias, e á sepultura foram a maior parte dos bons homens que havia em aquella cidade, por mandado d'el-rei, e assim d'ello, como de todo outro gazalhado que lhe el-rei mandou fazer, o bispo foi mui contente, e assim louvava muito el-rei, por todos os logares por onde ia, quando se tornou pera sua terra, cá logo em breve tempo foi despachado.

E haveis de saber, que depois que estes embaixadores entraram em Portugal, até que se o bispo tornou, sempre foram manteudos, elles e seus homens e bestas, á custa d'el-rei, assim grandemente como elle costumava de fazer; e emfim foram dadas ao bispo grandes dadivas de joias de ouro e de prata, e pannos de grande valia, as quaes com outras cousas, foram

azo porque aquelles servidores, que vieram com os ditos embaixadores, contra sua natureza louvavam muito a grande magnificencia d'el-rei.

CAPITULO XXXII

Como el-rei de Aragão enviou seus embaixadores a el-rei, e da resposta que levaram, e como n'este tempo vieram alguns estrangeiros offerecer-se a el-rei, e da maneira que com elles teve.

Pois que já dissémos dos embaixadores de Castella, e de todo o que se seguiu em sua embaixada, digâmos agora todos os outros embaixadores que vieram a el-rei, por razão d'aquella armada que assim fazia tão grande, cá a fama d'ella como já dissemos soava por todas as partes, e espantava muito os corações dos homens, especialmente d'aquelles que eram mais chegados a este reino.

E foi assim, que tanto que em Castella foi determinado que os embaixadores viessem a Portugal, logo alguns senhores do conselho escreveram a el-rei D. Fernando, fazendo-lhe saber todo o feito como passava, cá posto que elle estivesse assim alongado, não se fazia nenhuma cousa de peso em Castella que a elle não soubesse, e esto era porque os mais d'aquelles eram sua feitura, e assim como lhe fizeram saber a partida dos embaixadores, assim lhe escreveram depois toda a resposta que levaram, mas en-

tonces ficou a elle outro muito maior cuidado, porque consirou em si, que pois el-rei de todo segurava o reino de Castella, firmando as pazes por juramento, como dito é, que poderia ser a verdadeira tenção de irem contra elle, ou contra algum logar do seu senhorio.

Este pensamento, tinha elle assim, porquanto houvera o reino por aquella guisa que já ouvistes, do qual havia tão pouco que estava em posse, e fôra-lhe dito como o conde de Urgel, que pensava ter maior direito no reino que elle, vendo como já por si não podia cobrar o nome de rei, que escrevera a el-rei D. João, como elle era assim forçado do seu, e que pois já n'aquelle reino não podia cobrar direito, que lhe prouvesse de o ajudar, e que com pequeno movimento que elle fizesse acerca d'elle, seria de todo ponto em posse d'elle, cá os mais e maiores d'aquelle reino não obedeciam a el-rei D. Fernando senão por força, cá conhecido era a todos que o reino justamente pertencia a elle mais que a el-rei D. Fernando, e que se a Deus prouvesse d'elle cobrar a dita posse, que elle não filharia nome de rei, mas que elle tinha duas filhas pera casar, e elle isso mesmo a Deus graças tinha filhos, que as casasse com dois d'elles, comtanto que o que casasse com a maior, tomasse logo nome de rei de Aragão, e que ao outro filho seria dada terra em aquelle reino com que podesse viver honradamente, e que por seu fallecimento lhe ficaria o seu condado, com toda sua terra.

E como quer que nenhuma cousa d'estas se salasse a el-rei D. João, é porém certo que foi assim dito a el-rei D. Fernando, e de o elle crêr não era sem razão, porquanto elle estava assim em aquelle reino onde era quasi estrangeiro, e conhecia bem que ainda que o seu direito fosse maior, que muitos d'aquelles

que lhe obedeciam quizeram antes o conde por seu rei, por azo da natureza que havia com elles, cá bem conhecia que o seu obedecimento era constrangido, mais que por vontade, e que obediencia constrangida nunca se póde possuir sem grande suspeita, e porque os seus lhe conheciam aquelle grande cuidado, e que lhe aprazia de ouvir qualquer cousa de movimento de cada um de seus contrarios, trabalhavam-se de saber tudo o que ácerca d'ello podiam saber, e diziam-lho: e querendo-lhe comprazer, muitas vezes lhe afirmavam o que não sabiam, de que se seguiam penas injustas a alguns, cá isto é uma cousa que faz a muitos principes ganhar grandes imizades com seu povo, e os males que se d'ello seguiram, manifestos são a todos aquelles que sabem as chronicas antigas.

Não era pois esta cousa pera el-rei D. Fernando não crêr, trazendo comsigo tão manifesta côr, e porém mandou logo fazer prestes seus embaixadores, os quaes enviou logo com suas cartas a el-rei D. João, e leixando a prolixidade das outras cousas, brevemente chegaram a este reino, e tanto que foram em ponto de serem ouvidos, disseram a el-rei por esta guisa:

EMBAIXADA D'EL-REI DE ARAGÃO

«Senhor: el-rei de Aragão, nosso senhor, vos faz a saber como ha muito tempo que ha novas que vós vos percebeis de guerra, e que elle emquanto vosso percebimento não foi muito soado, sempre pensou que era alguma cousa pequena, mas depois que houve certas novas que mandaveis aperceber todas as gentes do vosso reino e buscar por diversas partes naus e navios pera fazer grande ajuntamento de frota, que entendeu, e entende, que um tão alto principe como

vós não pode mover similhante feito, senão a algum grande fim, e que quanto a certidão do feito é mais duvidosa, tanto é maior razão que se proveja sobre ello, e porque entre as muitas partes que se determinam ácerca de vossa armação, principalmente são só duas que a elle pertencem, a saber, que alguns seus contrarios vos moveram partido, que os ajudeis a cobrar aquelle reino, poendo-vos esperança de o darem depois a cada um de vossos filhos, e a outra é, que enviais sobre o reino de Secilia, de que elle tem tanta parte como sabeis.

Porém, que elle vos roga que consireis a boa vontade que elle sempre teve a vós, e a todos vossos feitos, e ao direito que elle tem n'aquelles reinos, o qual já foi visto e determinado pelo Santo Padre, e assim por todos os letrados e sabedores dos ditos reinos, por cuja razão elle foi em posse posto, e recebido por rei e senhor, como bem sabeis, e portanto que vos não queiraes mover contra elle por nenhuma esperança de proveito que vos ácerca d'ello seja movida, não havendo justa razão pera ello, e que sobre todo pera obrardes segundo pertence a vossa clara magnificencia, vos praza que lhe envieis dizer ácerca de todo vossa vontade, cá elle posto que lhe estas cousas fossem ditas, nunca determinadamente em seu coração pôde caber que vós similhante movimento fizesseis, não havendo mais justa causa, que porque vos conhece por justo e direito em todas vossas cousas, e assim obrador de grandes feitos».

El-rei não quiz mais alongar resposta, porque não era cousa que pertencesse ao conselho.

—Vós direis, disse elle, a el-rei D. Fernando meu amigo, depois de lhe dardes minhas saudações, que elle saiba certamente, que meu ajuntamento não é

contra elle, nem contra cousa que a elle pertença, cá saiba elle que com maior vontade o ajudaria a ganhar outro reino, tendo n'elle alguma parte de direito, do que lhe daria fadiga sobre o que tem ganhado, do qual Deus sabe que me prouve, e me praz muito, e que se porventura eu tivera determinado de dizer este segredo a algum principe semelhante, que fôra a elle, mas que prazendo a Deus, mui cedo saberá certo recado de minha intenção.»

Não havemos aqui porque escrever os gazalhados nem as mercês que el-rei fez áquelles embaixadores, cá esto havia el-rei avantajadamente sobre todos os principes do mundo; elles foram muito contentes de el-rei, e mais o foi el-rei D. Fernando depois que lhe os embaixadores contaram a boa vontade que el-rei tinha pera elle, e pera toda sua honra.

E porque as novas eram taes, e a elle tanto praziam, lh'as contavam aquelles seus embaixadores com muita diligencia, e assim toda a maneira que el-rei tinha em seu estado, e o corregimento de sua frota, e principalmente louvavam muito a postura dos infantes, e de todo prazia muito a el-rei D. Fernando. «Certamente, disse elle, sempre conheci el-rei D. João ser muito avantajado principe, e em todos seus feitos sempre se mostrou grande e virtuoso e elle que este feito assim move, membre-nos que ha-de ser uma cousa notavel e grande, cuja fórma será de mui grande preço, e ainda inveja de muitos principes do mundo.»

Outrosim vieram em este ensejo a el-rei, um grande duque d'Allemanha, e um barão com elle pera o servir em aquelle feito; e o duque disse a el-rei que ouvindo novas em sua terra, d'este seu movimento, vinha com intenção de o servir, porém que lhe pe-

dia por mercê que lhe declarasse logar certo pera onde ia sua frota, porque pera tal poderia ir, que não seria razão de o seguir em ella.

El-rei lhe respondeu que elle tinha determinado por seu serviço, de não revelar aquelle segredo a alguma pessoa fóra de seu conselho, e que ainda saberia que nem todos do concelho eram d'ello sabedores, sómente alguns d'elles certos e especiaes, porém que se a elle prouvesse de ir assim com elle por acrescentar em sua honra, que lh'o teria em serviço, e lhe faria por ello mercê.

O duque respondeu que sua determinação não era tal, senão pela guisa que lhe já dissera, porém que com sua licença se queria tornar pera sua terra.

El-rei mandou-lhe fazer mercê, segundo requeria seu estado, e des-ahi encaminhou pera Santiago, e d'ahi caminho de sua terra.

E o barão ficou com el-rei e o serviu depois mui bem, segundo fizeram outros muitos estrangeiros que vieram fazer de suas honras em este feito, entre os quaes foram principalmente tres grandes fidalgos, gentis homens da casa de França, e o principal d'elles havia nome Mosem Arredentão, o segundo, Pierre de Souvre Batalha, e o terceiro Gibotalher; empero nenhum d'elles vinha tão grandemente corregido como o grão barão, que trazia comsigo quarenta escudeiros fidalgos gentis homens, que depois provaram mui bem por seus corpos, suas honras, na tomada d'aquella cidade.

E posto que estas embaixadas e cousas vão assim juntamente, não sejam porém apropriadas a aquelles tempos, cá entre umas e outras se metiam alguns espaços, os quaes homem discintamente não poderia escrever, porque as chronicas que levam semelhante

ordenança, não pôdem levar mais certa declaração, salvo aquellas que levam os feitos contados d'um anno a outro, semelhantes a aquelles a que os romanos chamavam *Annaes*, porque havia ordenança que se escrevessem os feitos de cada um consul apartadamente, e porque elles não reinavam mais que um anno era necessario que se fizesse cada um anno o dito livro, empero ainda estes livros tinham outro nome cá lhe chamavam os livros dos dias fastos, cá era fasto em sua linguagem, como dia convinhavel pera pelear ou fazer outros grandes feitos, a qual cousa sempre era mui bem esguardada pelo regimento das rodas celestiaes, e ou vencessem ou fossem vencidos, todavia haviam de fazer escrever todo seu acontecimento, e ao dia em que elles venciam, chamavam fasto, a saber, dia convinhavel, e ao dia em que lhe não convinha pelejar, chamavam-lhe nefasto, porque tanto quer dizer em nossa propria linguagem fasto, como bem aventurado, e nefasto como não bem aventurado, á qual ordenança nos não podemos guardar em esta obra, por ser começada tão tarde, como já ouvistes, e tratada em tão grande segredo que foi cousa d'haver d'aquelles feitos mui poucas escripturas, que ao deante parecessem, sómente aquellas que se fizeram, depois do conselho de Torres Vedras, quando ficou determinado de se divulgar a partida dos infantes, e as cousas que se entonce escreviam não eram senão ordenanças, que se geralmente fazem em todas as armações em que ha-de ser alguma multidão de gente, o que ainda não foi feito, senão no derradeiro anno, e sobre todo as cousas foram mui grandes e embrulhadas umas com as outras, por cuja razão não se poderão escrever por outra guisa, cá as muitas cousas não são assim ligeiras de abarcar, por-

que aquelle que acha as rodas do carro apartadas, algum tempo ha mister pera as ajuntar.

CAPITULO XXXIII

Como os embaixadores d'el-rei de Grada vieram a el-rei, e do que lhe requereram, e como traziam recado d'el-rei ao infante D. Duarte e á rainha, e do que lhe prometeram.

AINDA fica agora pera dizer, como el-rei de Grada enviou seus embaixadores a el-rei de Portugal, cá se os outros reis christãos tinham temores, muita mais razão tinha elle, consirando quantas vezes enviara seus recados a el-rei pera cobrar sua amizade e segurança de paz, e nunca a d'elle podéra haver, e que poderia agora suspeitar ouvindo as novas de tamanho ajuntamento, cuja fama espantava muitos principes da christandade?

Quanto mais que os mouros forros, que viviam em este reino, vendo assim aquelle ajuntamento, como homens que não tinham perdida a amizade dos outros mouros, que a sua seita requeria, nunca cessavam de perguntar qual era o verdadeiro proposito d'el-rei; e não é duvida que este segredo lhe não fôra revelado, segundo a grande diligencia que elles tinham de o saber, se algum dos do reino, afôra aquelles que já dissémos, houvera azo de o saber, empero apalpan-do assim, depois que viram que el-rei segurava Cas-

tella e Aragão, suspeitaram que aquelle ajuntamento não podia ser, senão sobre o reino de Grada, e avizaram por suas cartas a el-rei de Grada, o qual ouvindo assim aquellas novas de tantas partes, enviou seus embaixadores a el-rei de Portugal, os quaes eram certos mouros de grande auctoridade, levando seus turgimães, que lhe interpretassem a linguagem.

El-rei, assim como tinha em costume de receber bem todos os estrangeiros, recebeu a elles, segundo seu estado, e quando foi tempo de darem sua embaixada, disseram :

EMBAIXADA D'EL-REI DE GRADA

«El-rei nosso senhor, vos envia dizer, como depois que este vosso senhorio, está em posse de reino, nunca entre os seus naturaes e os vossos foi achada tal discordia, porque leixassem de tratar uns com os outros, trazendo-se d'aquelle reino ao vosso grandes mercadorias, e do vosso ao seu, e que além de todo, o dito senhor vos teve sempre em sua vontade grande amor, principalmente por vossas grandes virtudes e bondades, o qual o constringem a vos enviar por muitas vezes seus presentes, o que nunca fez a nenhum rei christão.

Porém, disséram elles, que agora, que alguns seus naturaes tinham receio de vir a vossos reinos, com suas mercadorias, como antes sahiam, por azo do corremento de vossa frota, suspeitando que podia ser contra algum dos logares de seu senhorio, e que outros mercadores, do seu reino, leixavam de levar as suas ao vosso, receando que lhe fossem reteudas por vós ou vosso mandado, que vos prouvesse, por evitar assim esta suspeição, de lhe enviardes certa segurança

de uns e outros poderem estar, e contratar amigavelmente, como sempre fizeram, na qual cousa lhe fareis uma grande graça, a qual elle prazendo a Deus entende de emendar com outra similhante, ou muito maior quando lhe requerida fôr da vossa parte».

—Não sei que razão tem os mouros, respondeu el-rei, de terem similhante suspeita, nem os meus naturaes isso mesmo, tendo tão pequena certeza de minha vontade? porque ainda que eu assim mande correr minhas gentes, pera enviar meus filhos, por meu serviço, a verdadeira tenção d'ella está muito longe de seu conhecimento, nem vejo que razão podesse ter que parecesse razoada pera fazer similhante segurança.

Porém vós lhe dizei que eu não entendo fazer com elle, nem com outra alguma pessoa, similhante inovação, pois que a nunca fiz em todos meus dias, e porque esta é a conclusão de meu proposito, vós podeis ir, muito embora, quando vos aprouver.

Os mouros sentiram que por aquella resposta não levavam nenhuma segurança, e fallaram entonce á rainha, por vêr se poderiam encaminhar o feito por outra guisa, cá tal avisamente traziam d'el-rei de Grada; o qual era que a Rica Forra, que era a principal das mulheres d'aquelle rei mouro, enviava dizer á rainha D. Felippa, como el-rei seu senhor e marido, enviava seus embaixadores a este reino requerer algumas cousas a el-rei, as quaes a ella prazeria muito que ellas fossem bem aviadas, e porquanto ella sabia quanto os bons requerimentos das mulheres moviam os corações dos maridos, quando lhe requeriam algumas cousas em que tinham vontade, que lhe rogava, que por contemplação sua, lhe prouvesse filhar cargo de requerer a el-rei a resposta

d'aquelle feito, poendo em ello todo seu bom desejo, de guisa que a vontade d'el-rei de Grada, seu senhor e marido, fosse posta n'aquelle fim que elle desejava, e que pois ella tinha filha pera casar, que em breve tempo poderia vêr o agradecimento de sua boa vontade, cá lhe certificava que lhe enviasse pera ella o melhor e mais rico enxoval, que nunca fôra dado a nenhuma princesa moura nem christã.

Mas quem havia de ser aquelle que movesse a rainha, pera falar em tal partido? cá a rainha era uma mulher muito amiga de Deus, e segundo suas obras filhara de mámente encarrego de nenhum infiel, pera lhe procurar nenhum favor, quanto mais que era natural de Inglaterra, cuja nação entre as do mundo, naturalmente desamam todos os infieis.

— Eu não sci, respondeu ella, a maneira que os vossos reis com suas mulheres teem, que entre os christãos não é bem contado a nenhuma rainha, nem a outra alguma princesa, de se entremeter nos feitos de seu marido, quanto em semelhantes casos, pera os quaes elles teem seus conselhos, onde determinam seus feitos, segundo o entendem, e as suas mulheres quanto melhores são tanto com mais diligencia se guardam de quererem saber o que a ellas não pertence, cá conhecem, certamente, que seus maridos, com seus conselheiros, teem maior cuidado do que á honra do seu estado pertence, do que o ellas podem conhecer, verdade é, que ellas não são assim afastadas de todo que lhe não fique poder de requerer o que lhes praz, mas estes requerimentos, são taes, que os maridos não hão razão de lh'os poderem negar, e algumas que o contrario fazem, não são havidas por ensinadas, nem discretas.

Porém vós direis á rainha vossa senhora, que eu

lhe agradeço sua boa vontade, mas que ella poderá de seu enxoval fazer o que lhe prouver, cá com a graça de Deus, a minha filha não fallecerá enxoval pera seu casamento; e vós requerei vosso feito a el-rei meu senhor, que elle é tal, que se lhe vós requerdes o que é razão, que vol-o fará com mui boa vontade.

Os mouros sentiram que não tinham bom recado na rainha, e provaram de attentar ao infante D. Duarte, pera vêr se com suas grandes promessas o poderiam inclinar a sua devoção, e foram-se a elle, e disseram-lhe como el-rei de Grada, seu senhor, era um homem que muito desejava ter amizade com seu padre, e por consequente, com elle, e com toda a casa de Portugal, e pera elle crêr que sua vontade era tal, que o poderia saber de todos os mercadores, e outros naturaes d'este reino, como eram tratados tão docemente, e com tanto favor, leixando-lhe trazer suas mercadorias e tratar com seus naturaes, assim como se fossem subditos d'algum rei mouro, com que elle houvesse mui chegada liança de sangue, por cuja razão, disseram elles, senhor, nos enviou a el-rei vosso padre com sua embaixada, da qual cremos que vossa mercê haverá já certa informação.

Porém, senhor, porque el-rei de Grada, nosso senhor, muito deseja cobrar aquella segurança que requeremos, elle vos envia dizer que por quanto elle sabe que el-rei vosso padre, ha-de obrar em este feito, principalmente por vosso conselho, que vos roga que por sua contemplação, vos praza filhar encargo do dito requerimento, de guisa que pela boa vontade que vós em ello pozerdes, possa vir a fim de seu desejo, e por vós não haverdes vosso trabalho por mal despeso, que elle vos promete, assim como

rei que é, de vos fazer um tal serviço que em todas as partes do mundo seja nomeado por grande, pera segurança do qual vos será feita por nós qualquer firmeza que vossa mercê mandar, e ainda se mister fizer, abastante fiança».

«Os principes d'esta terra, respondeu o infante, não são costumados de vender suas boas vontades por preço de dinheiro, cá uzando de similhante modo, teriam mais razão de se chamarem mercadores, que não senhores, nem principes; porém vossas promessas são escusadas ácerca de similhante caso, cá não tão sómente esse presente, que el-rei diz que me enviará, mas que me fizesse segurança que me daria todo seu reino, por similhante modo o não receberia d'elle, nem poderia fazer a el-rei meu senhor e padre nenhum requerimento, senão aquelle que fosse justo e razoado, e el-rei de Grada, vosso senhor, não ha porque tomar taes cocegas, não havendo mais justa causa pera ello.

E d'esta guiza se tornaram os mouros, pouco contentes de tal resposta.

CAPITULO XXXIV

Como o infante D. Henrique veio depois de janeiro fallar a el-rei seu padre, e como se tornou pera o Porto, e da maneira que teve na sua armação.

JÁ me parece que tenho tempo de leixar estas cousas, e fallar nas outras que são mais chegadas ao aviamento da frota, emperó antes direi um pouco das boas vontades que todos traziam pera servir el-rei n'aquelle feito, porque cada um trazia tamanha lédice em seu corregimento, como se determinadamente soubessem que sem nenhum perigo haviam d'haver victoria, nem lhes fazia nenhum empacho, a duvida que tinham do logar certo, cá não sabiam pera onde havia de ir.

Era antonce a gente do reino repartida em duas partes, porque havia ahi uns, que serviram el-rei em todos os seus trabalhos, e eram quasi todos d'uma idade pouco mais ou menos, e os outros eram os filhos d'aquestes, os quaes traziam em si mui grandes desejos de chegarem aos merecimentos de seus padres; cá assim como os filhos dos galgos geralmente seguem a natureza de seus padres em caçar, assim os filhos dos bons homens, commummente se chegam a aquelle officio que seus padres uzaram e porque mereceram.

Não fallo d'alguns, que por sua desvairada constelação perdem sua bondade, cá assim ha hi outros, que por sua nascença, não são obrigados a seguir vir-

tude, e dá-lhe Deus graça que se chegam a ella, e a seguem, porque cobram honra, cá em todas as cousas se toma a maior parte, pelo todo, mas pera este cor-regimento não ser tão perfeito, como todos tinham em vontade, sobreveio um grande empacho, porque começaram de morrer de pestilencia na cidade de Lisboa, e também no Porto, e esto foi, segundo diziam, por azo dos navios que vieram de muitas partes, e em alguns d'elles havia pestilença, e porque esta enfermidade, segundo diz S. Izidoro na sua Etimologia, é contagiosa, fez mui grande damno no haviamento d'aquella frota, principalmente na morte da rainha, que sobre todos, foi mais sentida.

Não podemos falar directamente, que algum do rei-no tivesse maior cuidado de aviar o que lhe pertencia, que o infante D. Henrique, cá tanto que passou o mez de janeiro, veiu falar a seu padre, contando-lhe o ponto em que leixava todas as cousas, e dizendo-lhe outrosim, que lhe pedia por mercê, que lhe desse seu regimento escripto, da maneira que havia de ter.

— Meu filho, disse el-rei, a mim me praz que por o presente vós não leveis outra ordenança, nem cor-regimento, senão vossa descripção, com a boa vontade que eu em vós sinto pera me servir, mas leva-reis uma minha carta, pera que vos obedeçam todos, assim como a capitão general, e outra semelhante darei a vosso irmão, o infante D. Pedro, e vós partivos logo pera a cidade do Porto, e trigai-vos quanto vos fôr possivel que façaes vir essa frota de lá, mas sede avisado, que o mais que poderdes, escuseis d'entrar na cidade, senão quando fôr muito necessario.

Assim partiu o infante de Sacavem, d'onde entonce estava seu prdre, e onde esteve em mentes a peste foi grande em Lisboa, e até que a rainha adoeceu.

O infante teve tal modo em seus feitos, que n'aquelles tres mezes seguintes aviou todas suas gentes e armas e mantimentos, de tal guisa, que no começo do mez de maio, foi dentro na cidade do Porto, onde logo começou dar trigoso aviamento a sua frota, e fazer encaminhar todas as cousas que pera ella pertenciam tãoobem e tão ordenadamente, que nem sua nova idade, nem fallecimento de pratica de taes feitos, não o poderam empachar que não recebesse mui grande louvor de seu maravilhoso trabalho, cá diziam aquelles velhos, que era muito pera maravilhar, um homem de idade de vinte annos, ser tão destro e tão desempachado pera aviar tamanho feito, e se Tito Livio (diz o auctor) louva tanto no llvro da segunda guerra, a prudencia de Cypião, porque estando em Secilia ordenou tãoobem sua frota pera passar em Africa, sendo elle quasi de trinta e cinco annos, e havendo já cometidas muitas pelepas, pelo mar, e por terra, como não louvaremos a este principe sendo de idade de vinte annos, sem haver conhecimento de semelhantes feitos, por certa pratica sómente, quanto tinha uma natural inclinação pera commeter grandes feitos?

Não falamos aqui da armada do infante D. Pedro, porque, posto que o nome fosse seu, o cuidado era principalmente d'el-rei seu padre, e do infante D. Duarte, e com todas estas cousas, não esquecia ao infante D. Henrique de mandar fazer mui ricas librés, as quaes ordenou que levassem todos os capitães, que eram ordenados, sob sua capitania, e tratando estas cousas, chegavam-se, vindo pera a cidade, todos os senhores e fidalgos que haviam d'ir com elle.

Alli chegou Ayres Gonçalves de Figueiredo, nobre cavalheiro, sendo em idade de noventa annos, corre-

gido com seus escudeiros, e gente de pé, e elle com sua cota vestida, cuja continencia parecia pouco d'homem de sua idade, e quando o infante o viu chegar a elle, pera lhe beijar a mão, começou de se rir e disse:

— Já me parece, que homem de tantos annos, devia filhar repouso, por descanso de tantos trabalhos.

— Eu não sei, respondeu Ayres de Figueiredo, se os membros, por razão da idade, enfraqueceram, mas a vontade não é agora menos, da que foi em todos os trabalhos que eu levei com vosso padre, e não poderá por certo haver maior honra, nas exequias de minha sepultura, que antes de meus dias acabados, ser em este feito.

Por esta guisa fizeram dois escudeiros bayoneses, que por muitos serviços que fizeram a el-rei na guerra, lhes dera alli mui boas tenças pera sua manutenção, os quaes eram homens de pouco menos idade que Ayres Gonçalves de Figueiredo, os quaes se foram ao infante requerer que lhe mandasse dar seu provimento, pera sua ida.

— Assaz é, disse o infante, o que vós tendes trabalhado, eu vos tenho muito em serviço, vossa boa vontade; parece-me que é bem que fiqueis, cá já a vossa idade não é pera mais trabalhos.

Os escudeiros, por nenhuma guisa quizeram ficar, antes mostraram suas continencias queixosas, quando lhe foi falado que ficassem.

— Pois que será, disse o infante, que as armas que tinha, são já todas repartidas, e não tenho assim pres-tes com que vos armasse?

— Não é bom homem, disseram elles, aquelle que por necessidade alguma, vende suas armas, e nós, posto que por algumas vezes nos fizessem mingoa

nossos soldos e a tença, depois que nos foi assentada, por fallecimento da paga, as nossas sempre estiveram comnosco, porém o mantimento nos dae segundo vossa ordenança, e das armas não tenhaes cuidado.

Muito ledo foi o infante de suas boas vontades, e além de seu ordenado lhe mandou fazer mercê, conhecendo que era muito pera agradecer a homens de tal idade, similhante desejo.

Não sei (disse o auctor) se fale aqui, como gentio, mas por certo, eu penso, que os ossos dos finados desejavam ser vestidos em carne, onde estavam gastados em suas sepulturas, pera serem companheiros de seus filhos e parentes no ajuntamento d'aquelle feito, e directamente podemos dizer, que se os vivos tinham ledice, que as almas d'aquelles que por resplendor divinal sabiam a verdade d'esto, se alegravam muito mais.

Pera cuja prova, é bem que saibaes o que aconteceu a um frade, da ordem de S. Domingos, que era em aquella cidade do Porto, no segundo dia das ladainhas, sendo-lhe mandado que pré-gasse ao outro dia á procissão, se levantou depois que o gallo contou a primeira vez, e estando fazendo oração deante do altar da Virgem Maria, antes que entrasse em seu estudo, lhe appareceram maravilhosas visões, entre as quaes lhe pareceu que via a el-rei D. João, ante a Virgem Maria, armado, posto de giolhos, e as mãos levantadas contra o ceu, d'onde lhe apresentavam uma espada, cujo resplendor a aquelle homem bom, apparecia que não tinha comparação, mas o portador d'aquelle espada, não conheceu elle, como quer que a sua vista lhe parecia cousa divinal, e porque este bom homem era simples, não quiz contar esta visão

senão a outro frade seu amigo, que era sachristão d'aquelle mosteiro.

Oh! como as almas d'aquelles bons homens, que morriam n'aquella peste, partiam saudosas dos proprios corpos, não tanto por aquella natural saudade com que se as almas partem das carnes, como por não verem a fim d'aquelle feito.

Ah! diziam elles, morte sem remedio, fim de todas as cousas terriveis, sobre cujo imperio e senhorio não ha poder nenhuma cousa creada de sob novello da lua, e ante cujo brado tremem todas as cousas que se n'este mundo movem, por que trigavas tanto teus dolorosos passos pera nos lebares d'aquestra vida? Porque nos não leixavas algum pequeno espaço pera vermos a fim d'esto? Onde tiveras razoado tempo pera te entregares de nossa divida, se as nossas almas te faziam mingua pera povoares as casas do outro mundo.

Bemaventurados serão aquelles que receberem os derradeiros golpes ante os olhos de seus senhores, aos quaes seus parentes e amigos contaram as chagas, porque depois seus filhos recebam honra pelos merecimentos de seus padres, e o seu nome, depois da victoria, não poderá escorregar d'ante o conhecimento dos que depois vierem. Mas nós, não só dos que hão de vir, mas ainda dos presentes, nossas mortes são esquecidas, e o trabalho do presente negocio não lhes dá vagar que se possam apartar pera chorar nosso fallecimento.

Era ali o trafego tamanho em aquella ribeira, que de dia, nem de noite, nunca estava só, nem os marinhheiros eram pouco cansados em arrumar tamanha multidão de frasca, e com esto as estradas e caminhos eram cheios de carros e de bestas, que vinham

carregadas de mantimentos e armas, das terras d'aquelles fidalgos, e doutras cousas que lhe cumpriam pera sua ida, e aquelles que tão azinha senão podiam despachar da terra, trigava-os o infante por suas cartas, de guisa que não abalasse sua frota, e elles ficassem contra suas vontades.

CAPITULO XXXV

Como el-rei escreveu ao infante D. Henrique que partisse com sua frota, e como o infante partiu, e da ordenança que levava.

CADA dia el-rei havia novas do corregimento da frota que estava na cidade do Porto, assim pelas cartas que o infante lhe escrevia, como por outros muitos que cada dia iam d'uma cidade pera outra, cá segundo os tempos, não podiam os caminhos estar mui livres, porquanto aquelles fidalgos esperavam d'ir á cidade de Lisboa, e por tanto mandavam seus homens e cousas deante cada um segundo lhe cumpria, escreveu el-rei ao infante, que tanto que aquelles principaes fossem prestes, que partisse logo o mais trigosamente que podessem, porque tanto que elle viesse com sua frota, entendia logo aviara outra de Lisboa, de guisa que ao tempo que tinha ordenado partissem.

E como o infante foi prestes, mandou apparellhar uma fusta, na qual mandou um seu escudeiro, que

chamavam Affonso Annes, que depois foi contador d'aquella cidade, o qual levava recado a el-rei, como o infante, seu filho, partia já da cidade do Porto com sua frota, e logo o infante mandou que se recolhessem todos, pera seguir sua viagem, e era formosa cousa de vêr o corregimento d'aquella frota, porque todas as naus, galés e outros navios, eram nobremente embandeirados, com balsões e pendões pequenos, das côres, motes e devisa do infante.

E porque eram todos novos, e bem acompanhados d'ouro, davam muito grande vista, e as galés eram toldadas de finos pannos d'aquelles motes e devisa que já disse, e os capitães das galés, eram estes que se seguem, a saber, o senhor infante, o conde seu irmão e D. Fernando de Bragança, filho do infante D. João, e Gonçalo Vasques Coutinho, marechal, e João Gomes da Silva, alferes mór d'el-rei, e Vasco Fernandes d'Atayde, governador da casa do infante, e Gomes Martins de Lemos, aio que fôra do conde de Barcellos, e assim eram sete galés, e sete capitães, e assim estes como todos os outros que iam nas naus, de qualquer condição que fossem, que capitania de gente alguma tivessem, levavam a libré do senhor infante, a qual era de pannos de sirgo e outra de finos pannos de lã, repartida pelo contrario, porque as maiores pessoas houveram a libré dos pannos de lã, e as outras de menos estado, vestiam os pannos de sirgo.

E porque falamos nos capitães das galés, é bem que saibaes d'alguns dos principaes que iam da outra frota, a saber ; D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro Pires de Castro, Gil Vaz da Cunha, Pero Lourenço de Tavora, Diogo Gomes da Silva, João Rodrigues de Sá, João Alvares Pereira, Gonçalo Annes de

Sousa, Martim Affonso de Sousa, Martim Lopes d'Azevedo, Ayres Gonçalves de Figueiredo, Luiz Alvares Cabral, Fernão d'Alvares, seu filho, Estevam Soares de Mello, Mem Rodrigues de Refoyos, Garcia Moniz, Payo Rodrigues d'Araujo, Vasco Martins d'Albergaria, Alvaro da Cunha, Fernão Lopes de Azevedo, e Alvaro Fernandes Mascarenhas.

Todos estes homens levavam a libré do infante, e assim outros alguns fidalgos e escudeiros, cujos nomes não podemos perfeitamente saber, e quando foi o dia d'aquella partida, era entre todos aquelles da frota mui grande alegria, cá todos os navios eram acompanhados de trombetas e outros instrumentos, cujo som espertava seus corações, pera serem alegres.

E ainda haviam outro azo pera serem muito mais ledos, cá em aquelle dia foram todos vestidos de novo, a qual cousa, por sua novidade sempre traz algum accrescentamento de folgança em o coração de qualquer, e muito mais no dos homens mancebos, cuja clara experiencia não ha mister outra prova. E além d'aquella libré, que assim o infante deu áquelles senhores e fidalgos, e assim geralmente a todos os seus, cada um d'elles dava aos seus apartadamente sua libré, como lhe aprazia, mas porque seria grande proximidade escrevermos a devisa de cada um, abasta somente que a do infante; eram umas capellas de carasco, bem acompanhadas de chaparia, e por meio uns motes, que diziam: *vontade de bem fazer*, e as suas côres eram branco e preto e vis.

Todos os bons homens da cidade que ali ficavam, se espediram aquelle dia do infante, offerecendo-lhe seu serviço, porque além de em elle haver uma graça singular pera todos aquelles que com elle tratavam,

porquanto elle era natural d'aquella cidade, tinha especial cuidado dos moradores d'ella, pera requerimento de seus feitos, por cuja razão era mui amado d'elles todos, e o tinham quasi por seu cidadão.

Tanto que as novas chegaram a Lisboa da vinda do infante D. Henrique, logo el-rei mandou ao infante D. Pedro que fosse receber seu irmão, pera cuja ida logo foram prestes as outras oito galés, que ali cstavam, e assim todos os bateis e navios pequenos que havia na frota, nas quaes ia primeiramente o infante D. Pedro e na segunda, o mestre de Christos e na terceira, D. Affonso, na quarta, o prior do Hospital, na quinta, o almirante, na sexta, seu filho Mice Carlos, e na setima, o capitão, e na oitava, João Vaz d'Almada.

O Condestable, com todos os outros senhores que eram ordenados pera ir com o infante D. Pedro, foram nos bateis de suas naus, e assim em alguns navios pequenos, e se a frota do Porto vinha bem embandeirada e toldada, esta que partia de Lisboa não ia menos, emperó tudo era dos motes e divisas d'el-rei, e assim começaram de fazer sua viagem, caminho da foz, contra onde os outros vinham, e o intante D. Henrique trazia tal ordenança em sua frota, que parecessem primeiro por a foz os navios pequenos, e depois as naus grandes, e após ellas as galés, das quaes a mais derradeira era a do infante, e des-ahi todos os navios começaram d'andar balraventeando ao travez d'aquelle mar, fazendo sempre divisa sobre a galé do infante, e pelo espalhamento que assim faziam, era aquella frota de todos estimada em muito maior numero, e assim andaram um pedaço, até que se ajuntou uma frota com a outra, d'onde aquelles irmãos houveram entre si grande prazer, como aquel-

les cuja amizade entre os vivos não foi outra semelhante.

E certamente taes cinco filhos, assim abedientes a seu pedre e amigos entre si, nunca se achou em escriptura que algum principe os tivesse, e assim foram aquelles senhores juntamente acompanhados de sua frota, até que chegaram áquelle lugar, onde o infante D. Henrique depois mandou fazer uma egreja, a qual se agora chama Santa Maria de Belem.

CAPITULO XXXVI

Como Affonso Annes chegou aos infantes com as novas da doença da rainha, e como por aquelle azo aquelle grande prazer em que estavam, foi tornado em tristeza.

OH! quanto minha vontade desejava chegar ao fim d'esta victoria sem algum antrepoimento de tristeza, mas a cega fortuna, com seus tristes aquecimentos, não quiz que a nossa gloria fosse livre d'algum triste acontecimento, nem ha cousa, entre os vivos, mais certa, que o movimento das cousas terreaes, e portanto se determina em philosophia que a direita derivação do tempo, é ser duramento do mundo, em perseverança mudavel, o qual é depar-tido em quatro partes, segundo o desvairo quaternario do circulo do ceu, que é chamado zodiaco, o qual em cada uma quarta, tem tres signaes chamados por no-

mes desvairados de animaes, os quaes se regem entre os homens por quatro ternarios de mezes, em que são desvairadas influencias, que geram aos homens novos fallecimentos.

E porém um philosopho, cujo conselho requeria um homem, pera consolação da tristeza que tinha por morte de seu padre, lhe disse:

— Amigo, lembra-te depois que nasceste quantas vodas e alegres desenfadamentos houveste, e soporta em paciencia, este triste aquecimento, que te veio, cá o movimento do mundo, por tal condição, foi assim ordenado, que não leixasse alguma cousa em perduravel assocego.

Ora pois, que assim é, vamos por nossa historia adeante sem receio.

Onde deveis de saber, que tanto que os infantes chegaram com sua frota a aquelle porto de Restello, segundo já dissemos, mandaram alli lançar as ancoras de seus navios, e a outra frota fazia andando suas voltas ao travez d'aquelle mar, tangendo suas trombetas e instrumentos, que traziam, como homens que queriam mostrar aos outros da terra, que estavam em grande ledice, que traziam em seus corações.

Nem o infante D. Henrique estava pouco ledado, assim pela vista de seus irmãos, e de toda a outra gente da côrte, que o alli vieram receber, como por trazer assim sua frota bem aderaçada de todo o que lhe cumpria, mas porque sua gloria não fosse de todo acabada, chegou alli Affonso Anes, aquelle seu escudeiro, que trouxera recado a el-rei de sua vinda, e lhe disse como sua senhora e madre a rainha, estava doente.

Empero, disse elle, que não ficava ella tão aficada de sua dôr, porque elle houvesse de tomar tristeza

alguma, antes lhe fôra dito, que a principal causa d'aquella enfermidade, era por azo da grande abstinencia que fazia em seus jejuns e orações, cá posto que ella, em toda sua vida, fosse uma das princezas do mundo de mais singular devoção, ainda que nos outros tempos quizesse jejuar, era-lhe defeso por seus abbades, com accordo dos phisicos, por azo da fraca compreição, e tinham determinado os phisicos que a dita abstinencia, seria muito perigosa pera sua vida, e porém cessava de o fazer, cá determinado é por santo Agostinho, que cada um tenha tal temperança no jejum e oração, que lhe fique livre poder pera uzar das outras virtudes, cá d'outra guisa, seria homicida de si mesmo.

Mas depois que a rainha foi certa da ida de seus filhos, que ainda até aquelle tempo, não sabia da d'el-rei, nem do infante D. Duarte, cá posto que lhe fosse d'antes fallado como já ouvistes; el-rei não quiz que o ella o soubesse até acerca da sua partida, por lhe arredar o coração do cuidado que sentia que ella filharia, ali não curou ella de phisicos nem de conselhos de confessores, mas jejuava muito amiude, e fazia grande oração, além do que tinha em costume, cá tanto que era manhã, logo se ia á egreja, onde estava até o meio dia, e tanto que comia e filhava um pouco de repouso, logo tornava a sua oração.

Mandava visitar as casas dos santos, e dar grandes esmolas aos pobres, e fazer outros bens, por acrescentar em seu merecimento, e de como lhe el-rei contou determinadamente sua tenção, e des-ahi o seguimento de sua dôr, até que a Deys levou d'este mundo, ouvireis agora, no seguimento d'estes capitulos.

CAPITULO XXXVII

Como el-rei disse á rainha determinadamente sua tenção, e da resposta que lhe a rainha deu, e como por azo d'alguns, que ali adoeceram de peste, el-rêi se partiu pera o mosteiro d'Odivellas, e como a rainha ficou pera acabar suas devoções e como em aquelle dia adoeceu.

PORQUE todo fim principal dos historiadores, está no recontamento das virtuosas pessoas, porque a sua clara memoria, por nenhum prolongamento d'edade possa ser afastada d'ante os presentes, a qual cousa por certo traz comsigo dois proveitosos fins; o primeiro quando amoesta aquelles, que vêm e ouvem o memorial de suas mui virtuosas obras, o qual certamente é aquelle espelho, que Socrates philosopho, mandava que os mancebos esguardassem a meude por tal que os bons feitos de seus antecessores fossem a elles proveitoso ensino, cá assim como no bésteiro não pôde ser conhecida vantagem, antes que tire a algum certo signal, assim nenhum bom homem, poderia obrar perfeitamente o auto d'algunha virtude, senão trouvesse ante os olhos a imagem d'algun tão virtuoso, que a sua proveitosa inveja lhe mostrasse o verdadeiro caminho pera chegar ao fim de seu desejo.

O segundo fim é que, se os homens sentissem, que pelo fallecimento de sua vida se acabava toda sua lem-

brança, certamente não se poeriam a tão grandes trabalhos e perigos, como vemos que se manifestamente põem, a qual cousa foi o principal azo porque os primeiros auctores se esforçaram a compoer historias, cá naturalmente toda a creatura racional deseja duração, por cuja razão os primeiros philosophos sentindo este natural desejo, pensando que a morte não vinha aos homens por lei determinada, sómente, por corrompimento dos humores, se trabalhavam muito por buscar arteficio pelo qual os mantivessem em duração, ordenando proveitosas veandas, segundo as qualidades das compreisões, e assim buscaram leituário e mezinhas, porque arredassem as enfermidades do corpo, mas depois que conheceram que em aquello não havia algum proveito, disseram que por quanto o homem era feito de muitos contrarios, de necessidade havia de morrer.

Aristoteles, que d'isto tomou especial cuidado, disse n'aquelle livro que se chama Segredo dos Segredos, que enviou a Alexandre ácerca do fim dos seus dias, que bem certamente elle se maravilhava do homem que comia pão de trigo e carne de dois dentes, poder fallecer naturalmente, e depois que os homens conheceram que por si mesmos determinadamente não podiam durar, buscaram certas maneiras de similhaça porque elles fossem aos presentes em certo conhecimento uns fizeram tão grandes sepulturas e assim maravilhosamente obradas que a vista fosse azo de os presentes perguntarem por seu possuidor, outros fizeram ajuntamento de seus bens, havendo a auctoridade real pera o que fizessem morgado pera ficar ao filho maior, de guisa que todos os que d'aquella linhagem decendessem houvessem razão de se lembrarem sempre d'aquelle, que a primeiro

fizera outros se trabalharam de fazerem tão excellentes feitos d'armas, cuja grandeza fosse azo de sua memoria ser exemplo aos que depois viessem, por cuja rasão honravam muito aos historiadores das taes cousas, como diz Valerio que fazia Cypião a Lucano, e assim outros muitos aos seus auctores, e porém dizia Alexandre, o grão rei de Macedonia, que elle seria bem contente de trocar a prosperidade que lhe os Deuses tinham aparelhada, e affastava sua mão de toda a parte, que lhe no ceu podiam dar, por haver um tão alto e tão summo orador pera seus feitos, como tivera Achilles em Homero poeta; e um romano sendo perguntado em um convite, qual era a cousa que mais desejava? disse que saber certamente que depois de sua morte, seus feitos seriam assim, e com-primadamente escriptos como os elle fizera.

Creio que o dizia porque fôra tres vezes levado no carro do triumpho, e houvera onze corôas d'aquellas que se davam áquelles que primeiramente entravam em algumas cidades ou villas, ou grandes navios quando era em peleja de mar.

E, não sómente filharam os antigos cuidado de escrever os feitos dos virtuosos homens, mas ainda das virtuosas mulheres, assim como se acha na historia da Biblia, da rainha Hester, e de Judith, e assim nas obras de Tito Livio, de Lucrecia e de Virginia, e d'outras semelhantes, e se estes auctores assim quizeram remembrar os feitos virtuosos d'aquestas, pequena culpa mereceremos nós ao deante, escrevendo o acontecimento, e virtuoso fim d'aquesta rainha, cujas grandes virtudes são dignas de grande memoria.

Já dissemos a maneira como lhe seus filhos falaram e como lhe el-rei falára em Cintra, e como sua ida, nem do infante D. Duarte, ficava posta em determinação.

Ora sabeí, que depois que el-rei de todo teve seus feitos aviados, pera partir, querendo-lhe determinadamente declarar sua vontade, estando um dia na camara folgando com a dita senhora, sendo ahi acerca do seu estrado Brites Gonçalves de Moura e sua filha Mécia Vasques, começou d'ordenar el-rei suas repartições, por tal guisa, que chegou á conclusão de sua vontade.

— Senhora, disse elle, como quer que ao tempo que me falastes ácerca da ida de nossos filhos, eu por entonce não determinasse, se não sómente a ida dos infantes D. Pedro e D. Henrique, e pera elles principalmente ordenei todo este feito, consirando como faria grande agravo ao nosso filho, o infante D. Duarte, sendo elle de tal idade e tão desejoso de provar sua força, não ordenar como elle fosse em tal feito, e desahi a mi não seria bem cabido de os mandar assim sem minha presença, pois por a graça de Deus, são em tempo de lhe poder mostrar a ensinança que deprenhi em semelhantes feitos por continuação de muitos dias, e soffrimento de grandes trabalhos e muitos perigos, e pero que vos algumas vezes tocasse na vontade que tinha de ser em este feito, agora vol-a declaro, que a Deus prazendo, eu entendo d'ir e levar comigo assim ao infante como a seus irmãos.

E como quer que a rainha, dos outros dias passados, sentisse a vontade que el-rei trazia n'aquelle feito, ouvindo-a assim determinadamente, não pôde suste sua continencia, que não mostrasse em ella, que havia grande sentimento, cá posto que assim fosse virtuosa, como já ouvistes, a natureza das mulheres em semelhantes casos, não pôde ser tão esforçada que não faça mover o coração a alguma tristeza, mas Brites Gonçalves e sua filha ouvindo aquellas palavras sol-

taram de todo seus olhos em lagrimas, e a rainha tornando á sua razão disse a el-rei, não como cabia dizer a mulher, mas como quem falava por respeito da linhagem de que descendia.

— Verdade é senhor, disse ella, que eu vos pedi que mandasseis vossos filhos a este feito, e vos disse logo entonce quanto me parecia ser razoado de vós não irdes, e de vós agora mandardes o infante, segundo dizeis, conhecendo quanto lhe é compridouro, como quer que grande sentimento por ello houvesse, meu gosto nunca o poderia mostrar, mas a vossa ida me faz que me não abaste sizo, nem entender pera me reter de não mostrar o que sinto, mas pois vós, por bem houvestes e haveis de ir, a Deus prazendo, elle enderence vossa ida por tal guisa, que seja muito a seu serviço, e vossa honra e de vossos filhos e bem de vossos reinos, e disse contra as outras que estavam chorando com grande sentimento.

— Amigas, não haveis porque chorar, porque o choro em taes casos, não é cousa que aproveite, antes vos rogo que d'aqui em deante uzemos do que a nós, e a nossos officios pertence, isto é encomendarmos a Deus este feito muito afincadamente, fazendo taes obras e bens, porque mereçamos ser ouvidas, e não tão somente, ainda por nós, mas por todas as virtuosas pessoas, por cujo merecimento sintamos que este feito, pôde ser ajudado, cá certo é, que em taes cousas presta muito a oração, segundo se mostrou nos feitos da lei antiga, que pela oração que fazia Moysés, quando o povo dos judeus pelejava, recebia mór ajuda que por suas proprias forças, e nós assim oremos, menosprezando todo o trabalho e cansaço, que se em ello possa seguir, e façamos outros bens, porque nossas orações sejam dignas de ser ouvidas ante

Deus, e isto é melhor, que espargimento de lagrimas, nem outra alguma maneira de grande tristeza, e em acabando esto disse a el-rei:

— Senhor, eu vós peço por mercê, que se me Deus quizer dar dias de vida, que chegue até o tempo de vossa partida, que vós façaes vossos filhos cavalleiros presente mi, ao tempo de vosso embarcamento, com senhas espadas, que lhe eu darei, e com a minha benção, cá posto que seja dito, que as armas das mulheres enfraquecem os corações dos cavalleiros, bem creio que, segundo a geração de que eu venho, nunca serão enfraquecidos por as receberem de minha mão.

Ao que el-rei respondeu, lhe prazia muito.

A rainha mandou ao outro dia chamar João Vazques d'Almada, ao qual disse que lhe mandasse fazer tres espadas, e as mandasse guarnecer mui ricamente de ouro, e aljofres e de pedras preciosas, e tanto que fossem acabadas lh'as trouxesse, des-ahi proseguindo ella em suas orações, que tanto era manhã logo se ia á egreja, onde estava até o meio dia, e tanto que era vespera, logo se tornava a ella e estava até noite, que se tornava para a sua casa, onde despendia o serão, não em danças, nem em outros desenfadamentos d'este mundo, sómente em espiritual contemplação.

Além d'esto mandou a rainha, por muitos mosteiros, grandes esmolos, e assim a outras algumas pessoas que ella sabia que eram de boa vida, encomendando-lhe que toda sua principal intenção, fosse encommendar a Deus, que lhe prouvesse, por sua piedade, trazer aquelle feito a proveitoso fim, e estando assim alguns dias, seguiu-se que adoeceram algumas pessoas de peste, em aquelle logar de Sacavem, e esto

era porque a peste andava muito grande em Lisboa, como já ouvistes, e por ser tão perto da conversação da gente, que era necessario, que tivessem uma com outra, a necessidade do tempo não podia ser, que o dito logar fosse largamente livre d'aquelle padecimento, e como el-rei soube, que alli adoeceram aquellas pessoas, disse á rainha, que seria bem que se partissem logo antes de comer.

— Senhor, disse ella, vós vos podeis logo partir, que eu depois que acabar meus officios, me partirei, cá mulher tão velha, como eu, não deve haver medo de peste, e isto dizia a rainha, porque ella era entonce de idade de cincoenta e tres annos.

— Pois senhora, disse el-rei, que vós assim quereis, podeil-o fazer, mas peço-vos, que o mais cedo que poderdes vos partaes d'este logar.

Entonce se partiu el-rei, caminho do mosteiro de Odivellas, e a rainha não quiz partir até o meio dia, como dissera, e estando assim na egreja lhe deu a dôr de peste, não porém que ella sentisse, que era semelhante enfermidade, sómente imaginava que seria outra alguma dôr, que viria por causa de sua fraqueza, segundo lhe já outras vezes viera, e assim partiu caminho do dito mosteiro.

CAPITULO XXXVIII

Como o infante D. Henrique e o conde D. Affonso chegaram a Odivellas, e como a dôr se acrescentou á rainha.

E agora pera fallar, como as novas foram tão azinha a el-rei, como se a rainha sentia, cá por azo d'aquelle ar corrupto que assim andava, não podia alguém sentir nenhuma enfermidade, que logo pelo presente cuidasse que era outra cousa, mas tanto que a rainha chegou, a el-rei foi a vêr, assim como aquelle que de sua enfermidade tinha maior cuidado que outra alguma pessoa, e muito foi ledó, quando achou tão boa mostrança de continencia, pelo que lhe pareceu, que sua enfermidade, não era causa de perigo, e em este ensejo, sendo já, porém, passados tres dias da enfermidade da dita senhora, chegou ali o infante D. Henrique e o conde D. Affonso, com todos os outros senhores e fidalgos, que vinham em a sua frota, os quaes logo ao outro dia, depois que chegaram a Restello, foram a Odivellas fazer reverencia a el-rei e á rainha e ao infante D. Duarte, e mui graciosamente foram recebidos d'el-rei, especialmente o infante, e muito ledó fôra elle, quando o dia passado lhe fôra contado pelo meudo, como a frota vinha do Porto e a ordenança que trazia, e sobretudo, a grande diligencia que o infante tivera em dar aviamento.

— Bem parece, meu filho, disse elle, que o cargo

que vos eu dei não foi filhado por vós, como por homem de vossa idade, cá segundo me contaram toda vossa frota vem mui bem aviada, como de homem que tem vontade de me servir, e acrescentar em sua honra, e bem podeis dizer, que tivestes maior diligencia em vosso corregimento, do que nós tivemos no nosso, pois que fostes prestes, primeiro que nós; e entonce foram falar á rainha, a qual com a força do grande prazer, encobria o mal da enfermidade, cá assim o recebeu com tão boa continencia, que pouco parecia mulher sentida de tamanha dôr, mas a ledice, que o infante D. Duarte trazia, era cousa que pôderia pelo presente ser mal contada, porque até aquelle tempo, sua ida estivera encoberta pela guisa em que estivera a d'el-rei, por cuja razão lhe fôra necessario, posto que bem soubesse que havia d'ir, mostrar fingida tristeza, por fazer crêr aos outros, a certeza de sua ficada, nem tinha outrosim ouzadia de aviar nenhuns corregimentos de sua pessoa, por arredar todos os azos, porque aquelle segredo podesse ser corrompido, sómente quanto mandara a João Vasques d'Almada, que fizesse mui bem correger sua galé, por quanto ordenava de ir com ella, e assim com aquella ledice e boa vontade, que trazia, recebeu a seus irmãos, e a toda a outra boa gente, que com elle vinha, e por certo não era fingida a boa vontade, que elle n'aquelle feito trazia, por a qual se podia conhecer parte da grandeza de seu coração, e posto que o tempo fosse pouco, nenhuma cousa lhe faleceu pera seu corregimento, cá tambem e tão compridamente houve todas as cousas, que pertenciam pera corregimento de sua pessoa, como se des o começo d'aquelles feitos, mandára ordenar seu corregimento, e bem é de crêr, que se a doença da rainha, não fôra, que

ainda o infante D. Henrique fôra d'elle muito melhor agazalhado, cá além do grande amor que lhe havia, muito se desenfadára de falar no começo d'aquelles feitos, de como os Deus trouxera por sua graça, a tempo de os poderem proseguir.

Já o infante D. Pedro a aquelle tempo estava na frota, como aquelle que tinha a capitania de todas as naus, e assim tinha a sua nau certo signal, porque fosse conhecida entre todas as outras, cá levava grande estandarte, avantajado dos outros, e um farol de noite segundo costume, mas a capitania de todas as galés era d'el-rei, e depois que o infante D. Henrique falou áquelles senhores tornaram-se ambos os infantes e conde pera a frota, pensando que a doença da rainha não fosse a que depois pareceu, cá logo no dia seguinte, o infante D. Duarte, mandou chamar os infantes seus irmãos, fazendo-lhe saber, como a rainha sua senhora, e madre se sentia muito mal, os quaes, logo trigosamente cavalgaram, e se foram a Odivellas, onde estiveram até o acabamento da dita senhora.

Não foi sua tristeza pouca, quando chegaram á rainha, e a acharam tão afficada dá dôr, tomando mui grande cuidado de a servir assim no presente, como depois, e lhe faziam buscar todos os remedios que se podiam achar pera aliviamiento de sua enfermidade, e posto que todos grande cuidado tivessem, o principal encargo era do infante D. Duarte, o qual com grande diligencia, nunca podia dar o seu cuidado a outra cousa, senão a pensar e requerer todas as mezinhas e cousas, que pertenciam pera remedio da rainha, e não sei (diz o auctor) em quantas maneiras louve tanta virtude de principes, por certo se o proprio entendimento d'aquelle preceito, que foi escripto na segunda taboa, que diz que aquelle que honrar seu

padrê e madre, viveria longamente sobre a terra, e quanto a esta vida corporal bem creio, que estes deviam cumpridamente ser aquelles, certamente assim foram sempre obedientes a el-rei seu senhor e padre, e á rainha sua madre, que nem aquelle filho de Veturia Cariola de que Valerio faz menção, nem outros alguns, que sejam emmentados na escriptura, não se pôde egualar a este, e esto não entenda algum que se diz, por falar de graça, cá eu que esta historia escrevi, li mui grande parte das chronicas e livros historicos, e nunca em ellas achei similhante.

Todos os outros cuidados da guerra, em aquelles dias foram esquecidos, e sómente a occupação era em ouvir phisicos e surtições, e poer em execução todas as cousas que elles ordenavam pera saude d'aquella senhora, como quer que seus remedios e trabalhos pouco prestassem, porque a dôr se acrescentava muito mais á rainha, cá a determinação da fim não tem algum certo remedio, cá escripto é (posuisti terminos eius, etc.) da qual cousa el-rei estava mui anojado, como aquelle que conhecia a perda que se lhe seguia por morte de tão boa mulher, com a qual havia vinte e sete annos que estava cazado sem algum entrepoimento de desacordo, que entre elles houvesse, antes muito amor e concordia, como já ouvistes, e tamanho era o sentimento que el-rei tomava pela enfermidade da rainha, que se lhe privava o comer e dormir, por cuja razão muitos presumiam que se lhe seguiria alguma grande enfermidade por aquelle azo, se não fôra seu mui grande esforço.

CAPITULO XXXIX

Como a rainha havia verdadeiro conhecimento de sua morte, e das obras que acerca d'ello fazia, e como deu o Lenho da cruz a seus filhos.

JA falei em outro logar em aquella sentença do philosopho, como todos os homens naturalmente desejam saber, e falei tão sómente n'este natural desejo, quanto ás cousas temporaes, assim como as cousas que são dadas ao homem como principaes do verdadeiro saber, cá toda sabedoria em este mundo seria cousa de pouco valor, sómente porque por ella podemos chegar áquelle verdadeiro conhecimento das obras, porque a alma recebe salvação, porque todo saber sem Deus, não é saber, porém todo o fim da virtuosa vida é no verdadeiro conhecimento de Deus.

E porque já muitas vezes falamos nas grandes virtudes que havia em esta rainha, é de saber como lhe Nosso Senhor quiz dar conhecimento do verdadeiro saber, mostrando-lhe a escuridade da presente vida, por intrinseco amor que lhe deu de si mesmo, com certo conhecimento da fim de sua vida, e posto que o juizo d'alma seja sómente no conspecto de Nosso Senhor Deus, o qual segredo quiz que não soubesse nenhuma pessoa vestida em esta carne humana.

Todos os sabedores, especialmente S. Thomaz, que por contemplação divinal, subiu ao monte do verdadeiro saber, tem que quando a creatura acerca de

sua fim, ha verdadeiro conhecimento do Creador e, se arrepende amargosamente dos seus peccados, que o juizo d'este, é a verdadeira salvação, o qual signal se pôde conhecer por aquelles que em semelhantes tempos falam com seus abades quaesquer faltas, que sentem em suas consciencias, segundo aquelle santo conselho que o Propheta ensina no psalmo dizendo:

«Eu tornarei por todos os meus annos atraz, alimpando as entranhas de minha consciencia, pera te recontar as amarguras de minha alma»; por o qual arrependimento poderemos verdadeiramente saber como aquesta santa rainha, cobrou a verdadeira bemaventurança, cá posto que muito ameude fosse confessada, em todos os outros tempos, depois que se a enfermidade esforçou em ella, falou mui compridamente com seu abade, e em satisfação d'alguns encargos, se os tinha, mandou fazer muitas esmolas, e outras grandes obras de piedade, dizendo muitas razões em arrependimento de seus peccados, as quaes faziam grande contricção a aquelle seu confessor, e acabado esto, fez chamar seus filhos.— Deus sabe, disse ella, tamanho desejo sempre tive, de vêr a hora em que vos vosso padre fizesse cavalleiros, e pera ello mandei fazer e guarnecer tres espadas, e pois a Deus apraz, que eu em este mundo não veja tamanho prazer, Elle seja louvado por todo, e logo mandou saber se lhe enviara já João Vasques as ditas espadas, e disseram-lhe que não.

— Pois, disse ella, vão logo trigosamente a Lisboa, e façam-m'as trazer. Quizera, meus filhos, disse ella contra os infantes, dar-vos agora as espadas, em que vos antes falei, mas por não serem aqui, leixo de vol-as dar, pero dar-vos-hei o verdadeiro escudo de

fortaleza e defensão, que é o lenho da Vera Cruz, e de manhã, a Deus prazendo, vos darei as espadas.

E entonce mandou trazer uma cruz d'aquelle verdadeiro pau, em que Nosso Senhor Jesus Christo padeceu, e partiu-o em quatro partes, segundo os quatro braços, que estão na cruz, e deu a cada um dos infantes seu braço e o quarto guardou pera el-rei seu senhor.

— Meus filhos, disse ella, eu vos rogo, que vós recebaes esta preciosa joia, que vos eu dou com grande devoção, e que creaes perfeitamente na grande virtude que Deus em ella poz, e como é perfeito remedio pera todos os perigos da alma e do corpo, e quem n'ella tem verdadeira fiuza cobra escudo firme e forte pera sua defensão, contra o qual não póde empecer nenhum imigo espirital nem temporal, especialmente contra os infieis, e não tão sómente é defensão contra elles, mas ainda destruímento, segundo se conta no seu officio, o qual diz :

«Fugi partes adversas, cá venceu o Leão, o qual é Jesus Christo, que n'ella padeceu.»

— Eu vos rogo, filhos, que sempre continuamente o queiraes trazer comvosco, que não sabeis os dias, nem as horas dos perigos ; e elles lhe beijaram as mãos e lh'o tiveram muito em mercê, no fim da qual pratica lhe lançou a sua benção.

CAPITULO XL

Como a rainha deu as espadas aos infantes, e das razões que disse a cada um, quando lhe deu a sua espada.

ZELO de grande amor, mostrou sempre a rainha aos infantes, especialmente acerca d'este tempo, em que falamos, a qual causa, foi sempre d'elles muito conhecida, em especial n'aquelle Lenho da Cruz, que lhe assim deu, o qual elles filharam com mui grande devoção, e assim o trouxeram sempre comsigo em todos os dias da sua vida, e tão continuo o trazia o infante D. Duarte, que depois de rei, ao tempo de seu falecimento, quando morreu o soterraram com elle, e depois de muitos dias se lembraram que o levava, e abriram a cova d'onde jazia, pera lh'o tirarem, o qual houve a rainha sua mulher.

E o infante D. Pedro não sabemos que maneira teve com o seu, emperó bem é de crêr que homem tão catholico como elle era, não partiria de si cousa tão boa, nem tão santa.

Mas do infante D. Henrique, podemos-vos dar certo testemunho, porque ao tempo que escrevemos esta historia, elle era de cincoenta e seis annos, e falando ácerca d'esto nos disse, que nunca lhe lembrava depois que o dito Lenho lhe fôra dado, que o tivesse fôra de si, sómente um dia que o tirára por não atentar em desvestindo a camisa, e ouvimos depois a Luiz

de Sousa Carneiro, da ordem de Christo, seu camareiro mór, e filho de Gonçalo Rodrigues de Sousa, que quando se o dito infante finou que lhe tirára o dito Lenho da Cruz, e o déra a el-rei em Evora, com o sinete, e o seu livro de rezar.

Acabando assim estas cousas, chegou ahi João Vazquez d'Almada, que trazia feitas e guarnecidas aquellas espadas em que já falámos, com as quaes muito prouve á rainha, pera com ellas conseguir seu bom proposito, e tanto que as teve em seu poder, fez chegar pera a par de si, seus filhos, e tomou a espada maior e disse contra o infante D. Duarte. •

— Meu filho, porque Deus vos quiz escolher entre vossos irmãos pera serdes herdeiro d'estes reinos, e terdes o regimento e justiça d'elles, a qual já el-rei vosso padre vos tem comettido, conhecendo vossas virtudes e bondades, tão cumpridamente, como se já vosso fosse, eu vos dou esta espada e vos encomendo que vos seja espada de justiça, pera regerdes os grandes e os pequenos d'estes reinos, depois que a Deus prouver que sejam em vosso poder, por fallecimento d'el-rei vosso padre, eu vos encomendo seus povos, e vos rogo, que com toda a fortaleza, sejaes sempre a elles defensão, não consentindo que lhe seja feito algum desaguizado mas a todos cumprimento de direito e justiça, e vêdes filho, como digo justiça, justiça com piedade, cá a justiça que em alguma parte não é piedosa, não é chamada justiça mas crueldade, e eu vos rogo e encomendo, que queiraes ser cavalleiro com esta espada, e estas espadas mandei assim fazer, pera as dar a vós e a vossos irmãos, ante de vossa partida, pera vos el-rei meu senhor fazer com ellas cavalleiros, presente mi, como já disse, mas a Deus aprouve de não ser assim, po-

rém vos rogo, que sem empaxo, vós queiraes filhar esta de minha mão, a qual vos eu dou, com a minha benção e de vossos avós d'onde eu descendo, e como quer que seja cousa empachosa, os cavalleiros tomarem armas das mãos das mulheres, eu vos rogo que não queiraes ter ácerca d'esta que vos eu dou similhante embargo, cá segundo a linhagem, d'onde descendo, e a vontade que tenho pera acrescentar vossas honras, não entendo que por ello empecimento nem damno vos possa vir, antes que a minha benção e d'elles vos fará mui grande ajuda.

O infante D. Duarte, com grande obediencia, poz os giolhos em terra, e lhe beijou a mão, dizendo que elle cumpriria o que lhe ella assim mandava, com mui boa vontade, o que certo nunca lhe esqueceu em todos seus dias, antes o cumpriu mui perfeitamente, como ao deante será contado.

A rainha ouvindo-lhe aquellas palavras, prouve-lhe muito, e alçou a mão e deitou-lhe a benção, e depois tomou a outra espada e chamou o infante D. Pedro e disse-lhe:

— Meu filho, porque sempre desde a meninice, vos vi muito chegado á honra e serviço das donas e donzellas, que é uma cousa, que especialmente deve ser encomendada aos cavalleiros, e porque a vosso irmão, encomendei os povos, encomendo ellas a vós, as quaes vos rogo que hajaes sempre em vossa encomenda.

Elle lhe respondeu que lhe prazia muito, e que assim o faria sem duvida, e entonce se poz em giolhos e lhe beijou a mão, e ella disse que lhe rogava que fosse com ella cavalleiro, dizendo-lhe outras muitas razões, como dissera ao infante D. Duarte, e depois lhe deitou a benção.

Mas é de consirar com que continencias os infan-

tes ouviam similhantes palavras, cá no tratamento de similhante razoado, não se podia escusar grande multidão de lagrimas, as quaes, posto que as elles fortemente retivessem, suas continencias estavam mui tristes, ouvindo as palavras, que lhe a rainha dizia, com tanto amor, sizo e conhecimento de sua morte, e ella outrosim, vendo o grande sentido, que os filhos haviam de seu padecimento, alem de sua dôr, havia por ello grande sentimento de tristeza.

Ainda nos fica por dizer da terceira espada, que foi dada ao infante D. Henrique, o qual a rainha chamou dizendo:

— Meu filho, chegai-vos pera cá; vestindo ella sua continencia de nova ledice, e enchendo sua boca de rizo, e mui honestamente disse:

— Bem vistes a repartição que fiz das outras espadas, que dei a vossos irmãos, e esta terceira guardei pera vós, a qual eu tenho que assim como vós sois forte, assim é ella, e porque a um de vossos irmãos encomendei os povos, e a outro as donas e donzellas, a vós quero eu encomendar todos os senhores cavalleiros e fidalgos e escudeiros d'este reino, os quaes vos encomendo, que hajaes em vosso especial encarrego, cá posto que todos sejam d'el-rei, e elle d'elles tenha especial cuidado, cada um segundo seu estado, elles porém haverão mister vossa ajuda, pera serem manteudos em direito, e lhe serem feitas aquellas mercês que fôr razão, cá muitas vezes acontece, que por informações falsas, e requerimentos sobejos dos povos, os reis fazem contra elles o que não devem, pera o qual cargo vos escolhi, conhecendo de vós quanto amor lhe sempre tivestes e vol-os encomendo, que além de vossa boa vontade, vos seja posto por necessidade. Eu vos dou esta espada, com a minha benção, com a

qual vos encomendo, e rogo que queiraes ser cavalleiro.

Não poderia bem declarar por escripto a grande tristeza com que o infante D. Henrique estava, porque além das boas vontades de seus irmãos, elle havia razão de a ter muito maior, como no seguinte capitulo será contado.

— Senhora, disse o infante, vossa mercê seja muito certa, que emquanto me a vida durar, terei firme lembrança de todo aquello que me ora assim encomendaes, pera cumprimento do qual, offereço todo meu poder e boa vontade.

Entonce lhe beijou a mão, dizendo que lhe tinha em mercê aquella espada, que lhe assim dava, a qual elle não sabia estimar em nenhum preço.

A rainha, ouvindo-lhe aquellas palavras, esforçou-se-lhe a vontade pera rir, e alçou a mão, e lançou-lhe a sua benção.

CAPITULO XLI

Como a rainha tornou a falar ao infante D. Duarte e lhe encomendou os infantes seus irmãos e Brites Gonçalves de Moura e Mécia Vaz sua filha; e assim todas as outras suas cousas.

BEM mostrava a rainha em aquellas palavras, que assim disse ao infante D. Henrique, que o amava especialmente, e portanto dissemos no capitulo antes d'este, que elle havia razão de ter em si mór tristeza que algum dos seus irmãos, e podemos

ainda entender que a rainha sentia por divinal revelação quaes, e quejandas virtudes havia de ter ao deante o infante seu filho, e posto que já agora razoadamente em ellas podessemos falar, leixemo-las pera depois, por falarmos de cada cousa em seu proprio logar, e quanto a encomenda que lhe sua madre deu, elle lh'a manteve tão cumpridamente, como lh'a prometeu, e d'esto sou eu bem certa testemunha, porque vivendo com el-rei D. Duarte, cuja alma Deus tenha na bemaventurança, vi por muitas vezes seus grandes requerimentos que fazia por muitos senhores, fidalgos e cavalleiros, pelos quaes remedeava seus feitos, e acrescentava em suas honras.

Vi outrosim, que ao tempo que a rainha D. Leonor, foi em desacordo com o infante D. Pedro, muitos fidalgos e escudeiros d'este reino, foram em ponto de se perder, senão acharam em elle amparo e ajuda, e sobre todo, do que elle tinha nunca foi negado a todos aquelles que se a elle soccorriam, fazendo-lhe muitas mercês a cada um, segundo seu estado.

Depois que a rainha deu as espadas a seus filhos, como já ouvistes disse ao infante D. Duarte:

— Filho, eu vos rogo, pois, que vos Deus fez n'este mundo senhor de vossos irmãos, que vós tenhaes especial cuidado d'elles, e os hajaes por vossos especiaes servidores, honrando-os sempre, quanto em vós fôr; e fazendo-lhe as mercês que merece ser feitas a taes e tão bons irmãos, como n'elles tendes, e não creaes que outros melhores servidores que elles, possaes ter, nem queiraes prepoer a elles outros alguns, cá quando vos lembrar que são meus filhos, e de vosso padre, que vos tanto amamos, com razão deveis crêr que elles não podem al desejar senão vossa honra e serviço. E posto que alguns, por inveja, se entremetam a vos

dizer alguma cousa contra elles, nunca lhe deis cumprida fé, antes primeiro os ouvi, e bem creio que achareis que elles nunca se apartem d'aquella verdadeira tenção, que devem ter a seu irmão e senhor.

Por certo, (diz o auctor) esto guardou o infante D. Duarte mui especialmente, o que eu vi mui bem, quando o infante D. Henrique veio de Tanger, porque alguns d'aquelles fidalgos que com elle foram, querendo encobrir suas faltas, diziam algumas cousas contra o infante, ás quaes elle não quiz dar nenhuma fé, antes dizia que seu irmão não poderia fazer cousa que não fosse justa e boa, mas que elles o diziam por se escusar do que contra elles arrozoadamente podia ser dito, e não tão sómente guardava isto entre seus irmãos, mas com todas as pessoas do seu reino, cá tanto era bom, que tarde ou por grande força, podia crêr mal algum de nenhuma pessoa, e bem creio, segundo já disse em outro lugar, que não é esta pequena virtude, pera qualquer príncipe, especialmente pera aquelles, em cujo regimento, é posta a vara de justiça.

— Outrosim, disse a rainha, vos encomendo Brites Gonçalves de Moura e Mécia Vaz sua filha, que são mulheres que me tem bem servido, e sabeis a conta em que as sempre tive, e assim vos encomendo todas as outras minhas servidoras e creadas.

Ao que o infante respondeu, que lhe tinha muito em mercê deixar-lhe tal encomenda, a qual elle cumpria o melhor que podesse, e que a Deus aprazeria de o ajudar, por tal guisa que sua vontade e mandado fosse em perfeita execução, e entonce disse aos infantes D. Pedro e D. Henrique.

— Filhos, deveis crêr firmemente, que Deus ordena todas as cousas, como ha por bem, e todos os bons

devem conformar a sua vontade, com o seu querer, e a Elle aprouve por sua mercê, de ordenar que vosso irmão fosse herdeiro d'este reino, e vosso senhor, da qual cousa vós deveis ser muito contentes, consirando que pois haveis de ser servidores, que o sois d'um vosso irmão mais velho, o qual conhecidamente é tão bom como vós sabeis, e vos tanto ama, e do seu pouco, segundo a disposição da terra, vos deveis mais contentar, que do muito de outro algum principe, ainda que fosse o maior do mundo, e porém o deveis sempre servir e amar, com grande vontade e desejo.

E os infantes com grande mesura responderam á rainha que lhe tinham muito em mercê similhante conselho, o qual elles com a graça de Deus, poeriam em obra mui cumpridamente, porque além da razão e natureza e sangue, que com elle haviam, os constrangia a ello mandar-lh'o ella, a qual cousa foi por elles mui bem guardada, cá em todos os dias do dito senhor, o serviram e amaram com grande vontade e obediencia.

CAPITULO XLII

Como o infante D. Pedro requereu á rainha que fosse sua mercê leixar as suas terras á infanta sua irmã, e como lhe foram outorgadas.

Não me posso partir d'este razoado, posto que o seu recontamento me cause tristeza, conhecendo quanto a sua contemplação é proveitosa pera ensinança d'aquellas pessoas que verdadeiramente querem conseguir virtude.

Crêmos que já fica escripto no outro volume, em que se recontam, os feitos passados d'el-rei D. João, quantos filhos elle houve da rainha sua mulher, e como não houve mais d'uma filha, que depois foi duquesa de Borgonha, a qual a aquelle tempo, era mulher de perfeita idade.

E vindo a rainha sua madre e senhora n'aquella disposição, apartou-se d'alli com as outras senhoras e donzellas, onde estava com grande tristeza, rogando a Deus, pela saude da dita senhora, e depois que ella assim repartiu suas encomendas, como já ouvistes, chegou-se a ella Brites Gonçalves de Moura, e disse-lhe:

— Senhora, parece-me que todos os do reino haveis encommendado a vosso filho o infante, e não tivestes lembrança da infanta vossa filha, que é mulher e em tal idade como sabeis, o qual é mais necessario ser encommendada a elle, que outra nenhuma pessoa.

— A meu filho, respondeu ella, todas minhas cou-

sas são encomendadas, especialmente minha filha de que elle sabe que eu tenho tamanho cuidado, e porém não curei de lhe falar em ella, sentindo que elle é tal, que lhe não fará mingua ser-lhe dito por mi d'ella.

O infante D. Pedro, que ahi estava, disse á rainha:

— Senhora, se vossa mercê fosse, a mi parecia bem chamarem a el-rei, e lhe pedirdes que as terras que vós tendes, que haja por bem dal-as á infanta sua filha, pera seu soportamento enquanto não ha outra rainha.

E os infantes ajudando as razões de seu irmão, disseram que lhe parecia muito bem de se fazer assim, sobre o qual o infante D. Henrique foi falar a el-rei seu padre, por mandado da dita Senhora, dizendo como a rainha lhe enviava pedir que chegasse lá, pera falar com elle algumas cousas, que lhe era necessario, no que el-rei não poz nenhuma tardança.

— Senhor, disse ella, de todos quantos estão n'este reino, de que eu tinha carregado, eu não sei quem vos haja de encômandar em esta hora em que estou, porque de todos sinto que tendes especial cuidado principalmente dos que meus são, e me serviram, segundo os bens e mercês, que lhe sempre fazeis. Bem creio, segundo as grandes virtudes que Deus em vós poz, que depois de minha morte, lh'o fareis assim cumpridamente, e ainda muito melhor, mas porque vossa Senhoria bem sabe, como a infanta nossa filha é já quasi de dezenove annos, e como tem forma cumprida de mulher, e que depois de minha morte todas as senhoras, donas e donzellas, que andam em minha casa é necessario que fiquem a ella, e que ella as sustente com vossa mercê e ajuda, porém eu vos peço, que as terras que eu de vós tinha, que lhe faças

d'ellas mercê, até que a Deus praza de lhe trazer casamento, ou que venha rainha a este reino, ainda que eu espero em Deus, que vós a casareis mui cedo, como é razão.

E como quer que el-rei fosse homem de tamanho coração como já ouvistes, pelo grande amor que havia á rainha, ouvindo-lhe suas palavras não se pôde ter que não chorasse, e assim com os olhos cheios d'agua, lhe respondeu.

— Senhora, eu sou muito ledo de cumprir todo esto que me vós requireis, e mais ainda lhe faço mercê e doação de todas as joias e baixellas e os correimentos que de vós ficarem, e mi a pertencerem.

E ella disse que lh'o tinha muito em mercê, e a infanta que já ahi estava, lhe foi beijar a mão, e á rainha sua madre, e por semelhante guisa fizeram os infantes todos tres, que presentes estavam.

Não falamos aqui do infante D. João, nem do infante D. Fernando, porquanto os mandara do dito mosteiro, por razão da dita pestelença que assim andava entre elles, consirando porquanto eram assim moços, que lhe poderia mais azinha aquelle ar empecer, porque um d'elles havia quinze annos e o outro doze, e assim ficaram em este reino com a infanta sua irmã, sob a governança do mestre d'Aviz, a que o regimento do reino ficou encomendado.

E por acabarmos de todo as encomendas da rainha, haveis de saber que depois que se el-rei assim partiu d'ella e a infanta sua filha, ficaram os infantes todos tres, e o infante D. Duarte se apartou com os phisicos eurgiões, pera falar com elles em razão da cura que pertencia á rainha sua madre, e ficando os outros infantes juntos com ella, assim fraca como ella estava, lhe começou a dizer:

— Porque sempre vos vi, em um amor e vontade, sem haver entre vós nenhuma desavença, por obra nem por palavra, assim como verdadeiros irmãos, vos rogo e encomendo, que assim como vos até aqui amastes, assim vos ameis d'aqui em diante, em serviço de Nosso Senhor, e sempre vossos feitos irão de bem em melhor, e não haverá nenhum no reino, que vos possa empecer, e se fordes desvairados e inimigos, não haverá em vós a força que ha, sendo ambos em um amor, como claramente podeis entender, pelo exemplo da frecha, de que em nossa terra ha uma historia, em que se diz que ligeiramente pode um homem quebrar uma e uma, e pera quebrar muitas juntas, cumpre muito mór força; e os infantes lhe disseram que prazeria a Deus, que assim o fariam, e certamente sempre entre elles foi grande amor, e não tão sómente quanto ás vontades de dentro, mas ainda por certos signaes de fóra, cá nos motes e divisas, assim tomaram ambos quasi uma similhaça, cá o infante D. Pedro, trazia no seu escudo por mote, Desejo, e a sua erva carrasco, e ainda se acertara que a repartição das terras era assim junta uma com outra.

Mas do que se depois seguiu, ácerca da morte do infante D. Pedro, fica um grande processo, pera contar adeante, onde perfeitamente podereis saber quanto o infante D. Henrique trabalhou por salvação de seu irmão, e muitos que em esto falaram, não como homens que inteiramente sabiam a verdade, disseram que o infante podera dar vida a seu irmão, se tivera boa vontade de o fazer, o que é certo que se fôra contra outra alguma pessoa, elle trabalhara em ello como por si mesmo, mas contra seu rei e senhor, achou que o não podia fazer, sem quebrantar sua lealdade, o que elle dizia que o não faria, não tão sómente por seu

irmão, mas por mil filhos, ainda que os tivera, nem ainda por salvação de si mesmo, posto que por sua defesa se podesse salvar, das quaes cousas a obra foi manifesta testemunha.

CAPITULO XLIII

Como os infantes pediram a el-rei que se partisse d'alli, e do conselho que ácerca d'ello tiveram, e das visões que a rainha viu antes de sua morte.

SE quizessemos julgar determinadamente qual era o logar que Nosso Senhor tinha aparelhado, á alma da rainha, bem poderíamos dizer, julgando as cousas do outro mundo pelas circumstancias d'este, que era aquelle onde os bemaventurados tem o seu alojamento perduravel, cá dito é pela bocca da verdade, da abundança do coração fala a boua, porque cada um nunca prophetiza senão d'aquelle que deseja, e quem ouviu taes razões como a rainha dizia antes de sua fim, bem poderia julgar que as não falava senão por espirito prophetico, segundo podeis vêr pelas seguintes palavras, cá estando assim depois que falou a seus filhos, estando elles assim, junto com a sua cama, começou o vento a se esforçar em tal guisa, que o sentiam aquelles que estavam na casa, e a rainha perguntou que vento era o que assim corria.

Os infantes lhe disseram, que era Aguião.

— Creio, disse ella, que bom seria este pera vossa

viagem; respondeu-lhe o infante, que era o melhor que ali havia.

— Que cousa tão estranha, disse ella, eu que tanto desejava vêr o dia de vossa partida, em que pensava tomar tamanho prazer, por razão da vontade que tenho de vêr vossa cavallaria, segundo cumpre a vosso real estado, ser eu agora tamanho estorvo d'ella, e demais ser certa de a não poder aqui vêr.

— A Deus prazerá senhora, disse o infante D. Duarte, vós a vereis tão cumpridamente como desejaes, cá posto que agora sejaes em tal ponto, por razão de vossa enfermidade, outros muitos foram já muito mais doentes, e prouve a Deus de lhe dar saude, assim lhe prazerá por sua mercê, de a dar a vós, porque nos vejaes fazer cavalleiros, e partir nossa viagem como desejaes.

— A Deus prazerá, disse a rainha, de me não dar n'este mundo tal prazer, porque entendo que se m'o aqui desse, que me minguaría alguma parte da bem-aventurança do outro, cá espero na sua mercê, que pois lhe praz de eu aqui não vêr prazer, de m'o dar no outro mundo, onde me será mais proveito pera a saude perduravel.

O infante tornou a repetir que todavia ella haveria prazer n'este mundo, como ante dissera, e haveria saude, e veria o que desejava.

Mas ella, como mulher, que das cousas temporaes, não tinha algum sentido, começou de dizer:

— «E subirei no alto, e de lá vos verei, e a minha doença não torvará a vossa ida, cá vos partireis por festa de Santiago»; do que foram serão maravilhados, duvidando muito de tal cousa poder ser, porque d'alli até aquella festa, não havia mais de oito dias, e por
n
enhum modo podiam cuidar que a ida se podesse en-

caminhar em tão breve tempo, segundo a disposição das cousas, cá se a rainha vivesse, havia mistér mais tempo pera sahir da fraqueza em que já estava, e de razão elles não haviam de fazer movimento até que ella fosse em melhor ponto, e se morresse convinha de serem feitas suas exequias, como pertencia a seu real estado, e parecia a cada um que esto consirava que era necessario passarem primeiro alguns dias, antes que el-rei passasse o sentimento de tamanho nojo, pera haver de tomar conselho ácerca de sua ida.

Empero a santa rainha, falava como quem o sabia, cá assim foi perfeitamente cumprido, como ao deante será contado, porque a hora da morte é a mais forte cousa e a mais terrível que se pode achar entre todos os tormentos do mundo, onde tem muitos que as almas são assim apressadas com infernaes visões que lhe alli apparecem, que o espanto lhe faz perder a verdadeira fortaleza; cá posto que Nossa Senhora fosse tão fóra do pecado como todos verdadeiramente cremos, não pode consentir na dita hora semelhantes visões, segundo se lê, que pediu a seu filho que lh'as não mostrasse.

Pois quando Ella que é Madre de Deus, e a mais santa entre todas as creaturas, teve este receio, que pensamento deve ser o nosso, quando pensarmos o estado em que somos? principalmente os principes terreaes que tamanho logar tem de pecar, os quaes posto que muito virtuosos sejam, não podem porém, segundo diz Salomão, andar de cote sobre as brazas, que não escaldem seus pés, nem trazer o fogo em seu seio, que se lhe não queimem os vestidos, pelo qual se escreve no Apocalipse: «nome tens que vivas, e és morto», e porém hão perigoso porto, cá assim como o grande navio, e muito carregado, ha mister mais sa-

bedores e fortes marinheiros, que outro mais pequeno, isto mesmo é dos grandes senhores aos outros homens, e deveis porém de crêr, que assim como elles tem livre poder sem prema de algum superior, pera peccar em esta vida, assim tem grande merecimento na outra, aquelles que por virtude o leixam de fazer, e assim lhes é maior excellencia, prometida no outro mundo, segundo verdadeiro testemunho do evangelista, que disse que resplandeciam assim como sol, e muitas historias ha ahi de muitos e grandes principes, porque Deus fez muitos milagres, assim como se acha d'aquella santa rainha D. Izabel, que foi mulher d'el-rei D. Diniz, que jaz em Santa Clara de Coimbra, á qual foi revelado o dia de sua morte, e d'el-rei D. Pedro, que sendo partido d'esta vida, por bom espaço, tornou sua alma outra vez á carne, pera confessar um só peccado, sem cuja penitencia, não podia receber a bemaventurança da gloria.

Esta rainha D. Filippa, estando n'aquelle ponto, que já ouvistes, lhe appareceu Nossa Senhora, pera lhe dar verdadeiro esforço pera a passagem d'aquella hora, cá depois d'estas cousas que já dissemos, ella endereçou seu rosto pera cima, tendo seus olhos direitos pera o ceu, sem nenhum mudamento de continencia, e foi visto em ella um ar todo cheio de graça, o qual todos visivelmente conheciam que era espirital, e tendo as mãos juntas, como temos em costume de fazer quando vemos o corpo do Senhor, disse:

— Grandes louvores sejam dados a vós minha Senhora, porque vos prouve de me virdes visitar do alto, e assim filhou a roupa que tinha sobre si, e a beijou como se beijasse uma paz.

Quando os infantes viram assim estas cousas, conheceram bem que aquelles cram os derradeiros si-

gnaes do conhecimento da morte de sua madre, e consiraram que seria grande empecimento, se el-rei seu padre alli estivesse, cá sabiam muito certo, segundo o grande amor que lhe havia, que estando alli, quando ella morresse, que não poderia ter aquella temperança, que lhe cumpria pera guarda de sua saude, e foram-se a elle assim juntamente, dizendo :

— Senhor, porque sentimos que a senhora rainha é em tal ponto, que cedo será fim de sua vida, parece-nos que é bem que vossa mercê se parta d'aqui pera alguma parte, porque o mal não haja razão de ser maior sobrevivendo-vos alguma enfermidade, por azo do vosso grande nojo, o qual com menos pena sentireis, não tendo ante os olhos a força do nojo, porque o haveis de sentir a causa d'elle.

— É bem vos parece, disse el-rei, que eu haja de desamparar uma mulher em semelhante tempo, com que tão longamente mantive companhia ? por certo bem se pode seguir qualquer caso, que a Deus prouver, mas eu por nenhum modo me partirei da par d'ella, em cuja companhia me faria Deus mercê, levar-me pera o outro mundo.

— Por que quereis vós, senhor, disseram os infantes, azar dois grandes males, por vossa estada, sem esperança de nenhum proveito ? O primeiro, que sentindo-vos a rainha acercar de si, acrescentar-lhe-heis maior trabalho, quando lhe lembrar que já vos mais não ha de vêr, cá posto que a sua vontade esteja conforme com as cousas do outro mundo, emquanto a alma está na carne, é necessario que a humanidade requeira o que é de sua natureza, o segundo é que vós estando aqui, é necessario que esteis a todos seus officios, e que a vejaes depois de finada, a qual vista vos trará á consiração muitas cousas, cuja lembrança

acrescentará vosso grande nojo, de que se vos pode seguir alguma grande enfermidade, que será muito peor. Porém vos pedimos por mercê que vos não aparteis d'aquelle, que sempre uzastes, a saber, razão e conselho, maiormente sobre cousa tão assignada.

— Pois que assim é, disse el-rei contra o infante D. Duarte, vós mandae chamar todos os do conselho que aqui são, e fallae com elles, e o que acordardes que é bem que eu faça, isso farei; e brevemente o conselho feito, determinaram que todavia el-rei se devia partir d'alli, e passar-se além do Tejo, a um logar que chamam Alhos Vedros, como de feito logo partiu.

Mas d'aquelle triste despedimento que elle fez da rainha sua mulher, quando a foi vêr antes que se partisse, não posso eu fallar tanto como devia, que a força das lagrimas me embargam a vista, que não posso escrever, consirando em cousa tão triste, ca se me apresenta ante a imagn do entendimento, como o verdadeiro e leal amor é mais forte das cousas, que a natureza n'este mundo ajuntou, do qual Salomão diz nos Cantares, que é forte como a morte.

CAPITULO XLIV

Como a rainha foi comungada e ungida, e como fez fim de seus dias, e como o auctor diz que em ella havia cumpridamente as quatro virtudes cardeaes.

GRANDE tristeza sentiram os infantes, quando souberam certamente, que a morte de sua madre, por nenhum modo se escusava, e fizeram logo chamar os phisicos eurgiões, pera salarem com elles acerca d'alguns remedios que se podessem achar, pera que ao menos seu padecimento não fosse tamanho, e acordaram os ditos phisicos que era bem que a rainha se mudasse pera outra cama mais baixa, pera lhe aquella ser corregida como cumpria.

Mas ella, que nos ceus tinha firmadas as ancoras de sua vontade, tanto que foi assim mudada, requereu que lhe trouxessem o corpo de Nosso Senhor, e foi-lhe logo trazido, e ella com todo acatamento e reverencia, como melhor poude, alevantou suas mãos, e disse muitas palavras de grande devoção, pedindo-lhe com grande humildade perdão de seus peccados, e salvação pera sua alma, com tanta humildade e graça espirital, que a quantos ahi estavam parecia que eram ditas por um anjo celestial, e depois que recebeu a comunhão, foi ungida, e mostrou que se sentia d'uma perna, abaixo do giolho, e vista pelos phisicos, assim honestamente, como era razão, acharam que tinha um carbunculo, o qual foi bem conhecido, que era cousa nova, porque

até alli não lhe sentiram mais dôr que uma levação, e posto que sentissem, que com nenhum remedio podia receber saude, mandaram porém que lhe furassem aquelle carbunculo, dizendo logo que não podia mais durar, por determinação da phisica, que até o outro dia, que era uma quinta feira, na qual pouco mais de meio dia, a dita senhora mandou chamar os clerigos, e disse que começassem o officio dos mortos, e ella com todo seu entendimento, ouvindo o dito officio, por tal guisa, que quando algum d'elles errava, ella o corregia, e em acabando a derradeira oração, ella corregeu todo seu corpo e membros ordenadamente e levantou os olhos contra o ceu, e sem nenhum trabalho nem pena, deu sua alma nas mãos de seu Creador, parecendo na sua boca um ar de rizo, como quem fazia escarneo da vida d'este mundo, cá assim ha-de ser, segundo tenção d'alguns doctores, que o homem que direito ha-de viver, venha a este mundo chorando, e parta-se d'elle rindo.

Os infantes tiveram seu conselho acerca da enterração da rainha, e acordaram que, porque o tempo era quente, cá era quando o sol está em dois graus do signo do Leão, que a enterrassem de noite o mais secretamente que podessem, e ao outro dia pela manhã lhe foi feito o officio, segundo cumpria ás exequias de tamanha senhora, empero que eu creio, que não seria tão grande em este mundo, como lhe será feito no outro.

Os infantes foram em aquella noite vestidos de burel, e assim todos os outros, que a maior parte dos bons do reino eram juntos n'aquella cidade, e não havia algum, que de seu moto proprio não tomasse dó por ella, cá certo perdiam n'ella mui grande esteio pera todas suas honras e acrescentamentos, se-

gundo já ouvistes, que nem ainda á hora da morte lhe pode esquecer de encomendar todos os estados do reino a seus filhos, como aquella que d'elles todos tinha especial cuidado.

Por certo, diz o auctor, nós poderíamos aqui fallar muitas razões ácerca do grande dó que foi feito por esta senhora, as quaes nos parece que se devem escusar, consirando como seu recontamento não traz honra ás grandes virtudes d'aquella senhora, cujo fallecimento escrevemos, porque todos certamente sabemos que no dia que entrámos n'esta vida, por lei determinada, fomos julgados á morte.

A nossa vida não é senão uma trasladação que fazemos do ventre ao sepulchro, segundo diz Job, e porque n'esta vida nos são mostrados em este mundo dois caminhos, a saber um de virtude e outro de deleitação, segundo os poetas fingem que Hercules achou no deserto, e o caminho da deleitação é aquelle que nos leva directamente ao inferno, e a morte dos que este caminho seguem devemos chorar por sua perpetua damnação, mas com o fallecimento d'aquelles que vão pelo caminho das virtudes, nos devemos de alegrar tanto, quanto mais nos a sua bemaventurança pertence por natural divido, ou ajuntamento de amizade, e portanto dizia Ovidio, poeta:

«Não me honre nenhum com lagrimas nem vá ao meu enterramento com choro, porque não deve com razão chorar a morte que me leva á vida immortal» e Xenefonte conta que Cyro, o maior, estando para morrer dizia:

«Oh! meus muito amados filhos, não queiraes cuidar que como eu partir de vós, que me tornarei em nenhuma cousa, nem farei em algum lugar, por que quando eu conversava comvosco, certo é que nem

vieis a minha alma, mas entendieis que morava em este corpo, pelas cousas que me vieis obrar, pois aquella mesma alma crêde que me ficará pera sempre, depois de minha morte, a qual entonce perfeitamente começará de viver, e porém não me queirais chorar com dôr.»

Mais poderia alguém dizer por auctoridade do sabedor.

Qual dos homens poderá este caminho certo fazer? cá escripto é que ninguem sabe se merece odio se amor, na presença de Nosso Senhor.

Ao que eu posso directamente responder, que, de tanta sciencia cumpriu Deus o entendimento dos homens, que ligeiramente podem conhecer, pelas obras de cada um, por qual d'estes caminhos faz sua viagem.

E porque já disse, que a virtude era aquelle caminho, pelo qual podiamos chegar á verdadeira vida, quero dizer como esta rainha seguiu verdadeiramente este caminho, por onde com razão, não devemos chorar seu fallecimento.

Grande cuidado tiveram os antigos sabedores, de esquadrinhar verdadeiramente quaes em tamanho numero são estas virtudes, porque assim havemos de fazer nossa viagem, porque ellas são assim como proveitosas balisas, que são postas em algum vau perigoso, em cujo passamento os homens teem alguma duvida de poderem fallecer, e uns disseram que eram trinta e uma virtude, e outros disseram que não eram mais de onze, e brevemente determinaram que posto que muitas hajam, que sómente quatro são aquellas que nos podem directamente encaminhar, por tanto lhe chamaram virtudes cardeaes, porque cardo em latim quer dizer couce, em que se a porta revolve, e

por similhante guiza todas as mais virtudes se **revol-**
vem sobre o couce d'aquestas, que são justiça, pru-
dencia, temperança e fortaleza, as quaes a rainha houve
em mui excellente grau, e ainda as outras tres que se
chamam theologaes, segundo no seguinte capitulo será
contado.

CAPITULO XLV

*Como o auctor faz divisão das virtudes, e como se os
infantes partiram d'aquelle mosteiro pera Restello.*

JUSTIÇA é a primeira virtude, e a principal de to-
das, a qual, segundo diz Seneca, é tal virtude
que não tão sómente pertence áquelles que hão-
de julgar, mas ainda a cada uma creatura racional,
pera julgar a si mesmo, a qual virtude era mui per-
feitamente em aquella senhora, cá assim trazia sua
vida justamente ordenada, que nunca achámos que
a alguma pessoa fizesse injuria, por nenhum modo,
porque suas palavras sempre eram ditas mui mansa-
mente, e fóra de toda escatema, fazendo muitas ami-
zades, porque se escusaram grandes injurias e males,
cá tanto que sabia que alguns se queriam mal, logo
trabalhava de os avir e concertar, ou por si ou por
pessoas religiosas, e muito lhe prazia de dispender hi
alguma cousa do seu, se entendia que pera os apazi-
guar e acabar seu desejo era necessario.

Nunca do alheio mandou tomar nenhuma coisa forçosamente, nem contra vontade de seus donos.

Trouxe sua vida assim ordenada, que todas as cousas que pera ella eram necessarias, eram compradas ou aviadas, segundo a vontade d'aquelles que as tinham.

Da virtude da Prudencia seria sobejo fallar, em tamanho grau uzou d'ella em todos os seus feitos, e porque já disse assaz do claro conhecimento que teve pera seguir todas as virtudes, cá a prudencia não é outra cousa senão um habito ou clara disposição, por que o homem por intrinseco conhecimento pode receber conselho pera se arredar das cousas más, e se chegar ás boas.

Em outros ramos se parte esta virtude, segundo os gregos, assim em uma, que se em grego chama sicnesis, e outros cibalia, de que a nós não convem falar.

A virtude da Temperança foi mui louvada em esta senhora, por que em todas as cousas achamos que viveu muito temperadamente; seus trajos foram sempre muito honestos, assim ordenadamente, que nem eram de tão baixo valor, que por seu azo nascesse presumpção de escacesa, ou menos preço, nem assim altamente obrados, que por sua vista mostrasse aos outros uma conhecida louvaminha.

Muito louva o philosopho a todas as mulheres, o silencio e occupação, a qual cousa certo em ella era achada em grande sufficiencia, cá tarde e por grande ventura falava sem necessidade, e suas palavras sempre eram ditas com a continencia baixa, e mui mansamente razoadas, nem se parecia em ella o geito, que muitas senhoras tomam em falar, que leixam a maneira que lhes pertence, e fallam á parecença, como moças creadas em mimos, e a sua continencia era sem-

pre baixa, e o rosto a meude vestido d'um ar cheio de honestidade, e seu comer, não era por deleitação, sómente por sustentar a vida, nem o seu cozinheiro era muito importunado pera buscar novas maneiras de iguarias; jejuava tanto, como a sua natureza podia soffrer, e maior trabalho tinha o phisico em a constringer que comesse pera ajudar a natureza, que o confessor tinha em a reprehender da sobegidão; amava muito a venerosa castidade, e assim fazia grande honra a todas as pessoas que a mantinham; não se deleitava em fazer longamente na cama, depois das horas razoadas, mas muito primeiro do que a sua natureza e seu estado requeriam, era alevantada; a maior parte de sua occupação era em rezar, e todos os dias rezava as horas canonicas, segundo o costume de Salusbri, e as horas de Nossa Senhora e dos mortos, e os sete psalmos, com outras muitas devoções, e muitas vezes rezava o psalterio todo, e outras horas certas vigílias, segundo a ordenança de sua devoção, e o tempo que lhe ficava não era desprezo em prover o cofre das joias, nem corregimentos de seus toucados, mas com proveitoso exercicio, obrando por suas mãos algumas obras pertencentes a seu estado, nas quaes muito a meude fazia ocupar todas as mulheres de sua casa, pelas arredar d'alguns azos contrarios a sua fortaleza.

Não quero dizer mais, porque a fim de sua victoria, é manifesta prova de sua virtude.

E pois que já disse d'estas quatro virtudes, que pertencem ao encaminhamento de bem ordenada vida, quero dizer das outras tres, que são chamadas theologaes, que inteiramente pertencem á alma.

Não foi pequena sua fé, quando por amor do Senhor Deus lhe prouve trabalhar sua vida, por chegar a fim de seu desejo, conhecendo que o perfeito bem

era o reino dos ceus, e assim amava todos os guiadores de nossa santa fé, e havia grande odio aos infieis, e não é duvida que o infante D. Henrique seu filho, houve aquella mesma impressão, dentro no seu ventre, a qual o fez ao depois sempre conseguir aquelle desejo, segundo ao deante em nossa historia será contado; sua verdadeira esperança sempre foi em Deus e nas suas virtudes, cá nunca foi achado que tentasse outras maneiras de pouca firmeza, sómente ter sua esperança verdadeira n'aquelle Senhor, em cujo serviço desejava viver e acabar, o qual desejo lhe Deus cumpriu, como já ouvistes.

Da sua caridade não direi tanto, quanto com razão se pôde dizer, cá sua riqueza tudo era thezouro de pobres, fazendo muitas esmolas segundo já temos dito; ella tinha muitas mercieiras em todas suas terras, e em todos os mosteiros em que havia pessoas religiosas, e de boa vida, dava cada um anno ajuda pera seu mantimento, e assim pera casar orphãs e crear meninos; requeria a el-rei que uzasse de piedade com algumas pessoas, em que a justiça não havia tamanho lugar, e fazia outros muitos bens, em cumprimento das obras de caridade.

Por todas estas cousas cobrou assim a bemaventurança d'este mundo, como do outro, cá em este mereceu nascer da mais alta geração, que havia entre todos os principes christãos, e mui aposta de seu corpo com a excellencia de virtudes, e houve um dos honrados principes do mundo, por marido, constituido em dignidade real, o qual a amava muito, e assim houve filhos, de que nunca viu nojo, antes teve razão de se alegrar muito com elles, porque conhecia que nenhuma rainha no mundo tinha filhos semelhantes a elles; houve riqueza e servidores muito obedientes, e

seguidores de sua vontade, assim que em este mundo não havia mais que haver, e pera merecer a gloria do outro, lhe deu Nosso Senhor a sua graça, que seguisse o caminho das virtudes, porque mereceu chegar áquelle fim que já dissemos; morreu em sua cama acompanhada de seus filhos, houve assaz espaço em sua dôr, pera fazer os derradeiros officios que a christãos pertence, cá durou treze dias em sua enfermidade; houve o verdadeiro conhecimento do Senhor Deus com grande arrependimento de seus peccados; sua consciencia descarregou sem nenhum trabalhô, e se partiu d'este mundo mostrando taes signaes antes de sua morte, pelos quaes conhecemos verdadeiramente que é no lugar dos Santos, d'onde conhecem quantas trevas jazem sobre a claridade de nosso dia; pois como poderemos chorar sua morte com razão? antes altamente devemos de nos alegrar, aquelles a que praz de sua hemaventurança, e creamos certamente que Nosso Senhor Deus, mandou por ella as prizões d'este mundo, porque a sua alma lançava ante os seus pés, que lhe piedosamente desse victoria pera seu marido e filhos com salvação de todo outro povo d'estes reinos, que por azo de sua morte seus filhos podessem ser mais honradamente cavalleiros, cá se ella vivera seus filhos foram feitos cavalleiros em Portugal, segundo lh'o el-rei tinha prometido, que lhe não iôra tamanha honra, como foi de o serem em terra d'Africa, em uma tão honrada cidade, depois do acabamento de tanta victoria.

Ora fazendo fim d'este capitulo haveis de saber que tanto que aquella santa rainha foi posta em sua sepultura, e feitas suas exequias, os infantes se partiram d'ali acompanhados d'aquelles senhores e fidalgos, e se foram pera uma aldeia, que está acima

d'aquella egreja que o infante D. Henrique mandou fazer, que chamam Santa Maria de Belem, e a aldeia ha nome Restello, por amor d'aquella ancoração que alli está, que se chama por essa mesma guisa, e alli estiveram até que a frota partiu, como ao deante ouvireis.

CAPITULO XLVI

Como os infantes tiveram seu conselho ácerca dos feitos primeiros, e como foram falar a el-rei e tornaram outra vez a ter conselho a aquella aldeia.

POR azo d'aquelle forte acontecimento, era feito em todo aquelle ajuntamento um geral silencio, com que todos andavam não menos pensosos do que eram de ledos antes d'aquelle feito, e assim como todos andavam vestidos de dó, assim tiraram todos os arreios que tinham as galés e navios, de guisa que não parecia a frota outra cousa senão arvores d'alguma mata a que a força do fogo priva das folhas e fructo, e não sabiam falar em outra cousa, senão das grandes virtudes que havia na rainha, nas quaes não havia ahi algum que podesse achar contrario, e muitos duvidavam de se poder fazer algum movimento ácerca do que era começado, cá diziam que tamanhos tres signaes como Nosso Senhor Deus em aquelle feito mostrára, não eram pera ter em jogo, s. a grande peste-

lença que dias havia que andava entre elles, pela qual já faleceram muitas e boas pessoas, e o segundo fôra o eclipse do sol, que foi antes alguns dias da morte da rainha, e em tamanho grau como antes na memoria d'aquelles, que entonce eram, nem depois até este presente, nunca foi visto, cá duas horas continuadas esteve coberto por tal guisa, que pareciam todas as estrellas, e assim todos os outros signaes do ceu que geralmente parecem depois que o sol passa o occidental orizonte, e o crepusculo nos traz a escuridade da noite, e o terceiro foi a morte da rainha, que sobre todo era mais sentido.

Os infantes, tanto que loram em Restello, como já ouvistes, falaram logo entre si que maneira deviam ter ácerca de seus feitos, e acordaram que era bem de irem falar a seu padre, a qual cousa logo em aquella noite seguinte pozeram em obra, cá pouco mais de meia noite mandaram fazer prestes os bateis, e se foram a Alhos Vedros, em tal guisa, que quando era manhã estavam com seu padre, o qual acharam mui anojado, vestido de panos tintos, e quando outrosim viu os filhos vestidos de burel, renovou-se em sua vontade uma mui dorosa lembrança da rainha sua mulher, e com elle estava o conde de Barcellos seu filho, e Gomes Martins de Lemos.

— Senhor, disseram os infantes, consiramos de vos vir falar acerca d'estes feitos, pera sabermos a maneira que quereis ter, e fazemos segundo sentirmos vossa vontade.

— Meus filhos, respondeu el-rei, bem vêdes no tempo em que estou, e que cuidado deve ser o meu, considerando em tamanha perda, como perdi, cuja lembrança me traz tamanho nojo, que não sei cuidar em outra coisa. Porém leixo este encargo a vós, disse elle contra

o infante D. Duarte, que com vossos irmãos e com esses outros do conselho, faleis ácerca d'este feito, e o que acordardes, me fareis a saber, pera eu consirar sobre ello e determinar o que melhor e mais proveitoso parecer.

E logo os infantes se tornaram sem outra detença pera Restello, e fizeram chamar aquelles do conselho, que estavam mais prestes, os quaes, por conto foram quatorze, contando hi os infantes, cujos acordos foram partidos em duas partes eguaes, a saber, sete a cada uma parte, os infantes todos trez, e outros quatro dos do conselho, eram de acordo que el-rei devia de partir como primeiramente tinha determinado, porque diriam que tamanhas despezas como já eram feitas, e tal provimento com tão grandes trabalhos remedeado e buscado, não deviam assim passar em vão, quanto mais pois aquello fôra principalmente movido por serviço de Deus, que se não devia leixar de acabar por nenhuma cousa, nem havia ahi razão porque se justamente leixasse de fazer, cá posto que assim a rainha falecesse, sua morte a tal feito não devia fazer empacho, cá a rainha não era mais que uma mulher, cuja morte não trazia outra tórva pera seu proposito, sómente a tristeza que elles por sua causa filhavam, a qual prazeria a Deus que ajudaria a boa andança da victoria.

Quanto mais que a fama d'este feito era tão divulgada por tantas partes do mundo, que todos pensavam que tamanho movimento não podia parar sem commettimento d'algum grande feito, pelo fim do qual estavam cada dia em esperança de ouvir certo recado. A qual cousa seria muito vergonhosa assim pera el-rei, como pera todo o reino, quando soubessem que por similhante azo o leixavam de poer em fim.

Os outros sete acordaram que el-rei por nenhum caso devia de partir.

— Por certo, disseram elles, se vós dizeis que por isto ser serviço de Deus, o devemos principalmente seguir, bem se mostra que lhe não praz de semelhante movimento, porquanto ante os nossos olhos traz tão manifestos signaes, porque de razão devemos crêr que nosso movimento é contrario a sua vontade.

Que cousa tão maravilhosa pensaes que é o danno que esta peste fez e faz cada dia em tanta e tão boa gente, como d'ella falleceu e fallece? e não é duvida que depois que forem todos dentro nos navios, que se não acenda muito mais, cá o ajuntamento a fará muito mais acender, e o remedio proveitoso pera ella seria espalhar agora esta gente, e é certo que não poderia tamanho fogo estar muito que se não apagasse, e se nos agora partissemos, pode ser que assim como morreu a rainha, morrerão outras pessoas taes, cujo damno trará muito grande perda.

Devemos ainda muito recear tamanho damno, como recebemos na morte d'aquella senhora, porque sómente as suas orações eram bastantes pera nos livrarem de quaesquer perigos, cá bem mostrou Nosso Senhor Deus signaes ácerca de sua morte, porque muito devemos sentir a perda de seu fallecimento, da qual não ha nenhum, posto que de pequena condição seja, que não tenha mui grande sentido.

Certamente nós lhe mostrariamos signal de pouco amor, perdendo em tão breve tempo a memoria de sua morte, não tomando sequer algum espaço porque o mundo conhecesse o sentimento que tinhamos d'ella, mas logo assim tirados dos choros de sua sepultura fazermos viagem, não seria bem, e que ainda que quizessemos leixar estas cousas, temos outro muito

grande empacho, que é muito pera consirar, e esto é que por azo da morte da rainha se desaviaram muitas cousas, pera corregimento das quaes não ha mister menos de um mez, pois nós somos agora quasi em fim de julho, e passado um mez seriamos em fim de agosto, que é já começo de inverno, em que se não deve começar similhante feito.

Assim que por todas estas razões, se deve por agora escusar a execução d'esta cousa.

Sobre estas duas opiniões houve em aquelle conselho grande debate, em o qual, dizem alguns, que o infante D. Pedro respondeu algumas razões mais asperas do que devia, ao Condestabre, porque disseram que era um d'aquelles que mais affirmava que el-rei devia ficar, empero nós não o soubemos determinadamente, nem o infante D. Henrique, que no similhante nos fallou, creio que o fez, por escusar algum prismo que houveram aquestes, que estas vozes mantinham.

CAPITULO XLVII

Como os infantes e tres dos outros do conselho tornaram a falar a el-rei em a determinação de seus acordos, e das razões que el-rei ácerca d'ello disse, e como finalmente determinou a partida.

Logo em aquelle dia aquelle conselho foi posto em determinação, de guisa que a noite seguinte ordenaram os infantes de tornar com resposta de todo a seu padre, mas porque elles todos tres eram

de uma parte, segundo já ouvistes, disseram os outros, que tinham a outra, que fossem outros tres, pera darem cada uns sua razão, segundo alegaram.

Os infantes disseram que eram contentes, e tiveram tal maneira em sua partida, que quando era manhã, ao domingo seguinte, foram com seu padre, segundo fizeram o dia d'antes. El-rei se apartou logo com elles em um alpendre que estava n'aquellas casas onde pousava, e o infante D. Duarte disse todas as razões que os outros alegaram, contrariando a ida d'el-rei, dando-lhe ainda melhores entendimentos, e mais claros do que lhe os outros que ahi estavam deputedos pera ello poderam dar, e enfim perguntou-lhes se queriam ainda além d'aquelle dizer alguma coisa? e elles disseram que não, cá tão bem o arrazoara por sua parte, que elles sentiram de si que o não podiam melhor fazer.

Muitos falaram depois ácerca d'aquelle arrazoamento, que assim fez o infante, havendo por grande maravilha tomar assim aquellas cousas na memoria, e retel-as por extenso, louvando muito a clareza de seu entender; outros porém de mais dura crença, não podiam entender senão que artificialmente tomava o infante assim aquellas cousas, cá por outra guisa maginavam que se não podesse fazer, como quer que em ello fossem enganados, cá aquelle era assaz de bem pouco pera outras muitas virtudes que lhe o Senhor Deus outorgara.

Acabadas assim aquellas cousas, que pertenciam á primeira razão, disse o infante pela mesma guisa as outras, que a elle e aos de sua parte pertenciam.

El-rei ouvidas assim aquellas razões, descobriu sua cabeça, que tinha coberta com seu dó, e disse:

— Muito me pesa que em tão boas pessoas seja

achado algum falecimento de fraqueza em similhante caso, cá certamente eu cuidara que, posto que eu por causa de minha grande tristeza, ou por outro algum azo, quizera ficar, que elles me constringeram a ir, aconselhando-me que todavia seguisse minha viagem. Porém consirando ácerca de todos os empachos que elles pozeram em minha ida, cuja força principalmente está em estes acontecimentos que se hora seguiram, contando pelo mais forte o fallecimento da rainha que Deus haja, crendo que o aparecimento d'estes signaes é mui grande amoestação de nossa ficada, o que eu tudo entendo pelo contrário, porque notorio está que pera proseguimento de tamanho feito, não cumpre mais que irmos arrependidos e pungidos de nossos peccados, inclinando ao Senhor Deus nossas almas, tornando-nos a Elle de todo coração, fazendo penitencia dos erros passados, que contra Elle comettemos, demandando-lhe mui humildosamente que nos livre de nossos inimigos, e que lhe praza dar gloria ao seu nome, exalçando a sua santa fé, quebrantando e destruindo todos os seus contrarios, com a sua propria virtude, esto devemos tanto com maior diligencia fazer, quanto a nossa tenção é movida a mais certo fim, a qual, humildade nós não poderemos mostrar melhor, nem mais cumpridamente em outra alguma cousa, como sofrendo com bom coração todos os casos contrarios, pois cremos certamente que por Elle são ordenados, cá lhe não fazemos em ello tamanho serviço como fazemos de nosso proveito, porque necessario é que Deus uze de suas creaturas, como lhe prouver.

Qual é o cavalleiro que ha-de entrar em alguma justa, que não prove primeiro seu cavallo, e um dia vê com que assocego suporta o arruido e pezo das armas, outro com que força toma o trabalho, e assim

todas as outras cousas? Pois que sabemos se Nosso Senhor Deus, por estas cousas nos quiz provar, cá o ouro prova-o o fogo, e os casos da fortuna provam os homens, certamente eu creio que todas estas cousas, que assim aconteceram, são mais porque Deus por ellas nos mostra a certidão da victoria que o contrario, porque o fim da tristeza é ledice e o fim da ledice é tristeza, e nós que agora somos tristes, prazendo a Deus começando nosso feito, seremos ledos, porque todas as cousas depois que chegam á maior alteza, não ha mais logar de subir, e a nossa tristeza não poderá ser maior, por todos em ella termos parte, que morrer uma semelhante pessoa, em cujo falecimento não ha ahi algum por de pequena condição que seja, que com razão não mostre sentimento em sua perda.

Quanto a nós falando directamente, não faz outro damno, sómente uma saudosa lembrança, a que nos sua presença, por razão de seu fallecimento acarreta, que quanto é pera rogar a Deus por nós, certo é que nenhuma pessoa n'esta vida, por virtuosa que seja, não é tão digna de ser ouvida, como depois que é apartada d'esta miseravel casa, que é a carne, cujos appetites continuadamente nos constroem a pecar, e assim entendemos que Nosso Senhor Deus, querendo mais limamente ouvir as orações da rainha, lhe prouve de a tirar d'entre nós, porque solta d'este corporal carcere, a sua alma mais livremente podesse contemplar na divinal magestade, procurando a nossa victoria, e pera nós isto firmemente cremos, ponhamos ante os nossos olhos as maravilhosas cousas que lhe aconteceram antes da sua morte, pelas quaes certamente sabemos que a sua alma está em bemaventurado repouso.

Porém por todas estas razões, eu determino com a graça do Senhor Deus, de todavia seguir minha tenção por seu serviço, cá d'outra guisa não me parece que faria o que devo.

O conde de Barcellos, que alli estava, falara já com el-rei ácerca d'aquelle, aconselhando-o que todavia seguisse seu proposito, e assim o fez em aquella hora, que ajudou muito a tenção dos infantes, e por similhante fez Gomes Martins de Lemos, que era um homem de grande sizo, pelo qual el-rei dava grande auctoridade a seus conselhos.

CAPITULO XLVIII

*Como os infantes se tornaram a Restello, e do avia-
mento que deram a todas as cousas que pertenciam
a sua viagem.*

QUANDO OS infantes sentiram de todo a vontade de seu padre, houveram grande refrigerio pera seu nojo passado, assim disseram que lhe tinham muito em mercê similhante determinação.

— Ora que será, senhor, disseram os outros tres que alli estavam, que ainda não tendes todo acabado, porque uma das maiores duvidas que achamos, é o desconcerto que se fez na frota, por azo da morte da rainha, o qual não se pôde tão azinha remedear, que ao menos não seja necessario esperar um mez?

— A nossa frota, disse el-rei contra o infante D.

Henrique, assim está desconcertada, que lhe seja necessario aquelle espaço pera se tornar a aviar?

— () desconcerto, senhor, que ella tem, disse o infante, é que vos podeis logo meter em ella e partir quando quizerdes, cá a maior detença será alevantar as ancoras e apparelhar as velas.

— Porém pois que assim é, toda a minha detença, disse el-rei, será d'aqui até quarta feira, e depois siga-me quem poder, e vós meus filhos, tornaes-vos logo a vossa frota e fazei dar a todo tal aviamento que quarta feira, prazendo a Deus, possamos partir, e porque o feito das armas, não ha mister tristeza nem choro, nem roupa de dó, antes requere que os cavalleiros se guarneçam das melhores cousas que tem, porque a sua vista lhes alegre os corações, como se escreve que faziam os romanos. Porém vós tirae logo vosso dó, e vesti-vos, como d'antes andaveis, e ainda melhor, e assim dae aviamento a todos os outros que o façam, e em outro tempo, com a graça de Deus, escolheremos em que se possa mais razoadamente fazer nosso dó.

Os infantes partiram logo caminho da frota, e o infante D. Henrique convidou seus irmãos pera jantarem com elle na sua galé, e tanto que foram em ella, trouxeram logo os vestidos aos outros infantes, e elle tambem se vestiu e mandou embandeirar a galé toda, e disse ás trombetas que se pozessem na maior altura, e que fizessem em seus instrumentos todo o signal de ledice que podessem, e como era domingo e os homens por razão das calmas estavam jogando todos e folgando em seus navios, porque o mais que podiam escusavam a cidade por causa da grande peste que n'ella havia, e quando ouviram o som das trombetas, de que tinham pouca esperanza, ficaram entre si mes-

mos muito maravilhados, empero pensaram que os infantes não estavrm ahi, e que por ello aquelles seus trombetas, com pouco tento filhariam aquelle ouzio, e alguns d'aquelles capitães que ali estavam queriam mandar requerel-os que se calassem, mas quando lhe disseram que a galé estava embandeirada e que além do som das trombetas ouviam n'ellas charamelas e outros instrumentos, bem criam que era feito a outro fim, e trigosamente mandaram aparelhar seus bateis pera saber parte, que cousa era aquella novidade, e os que pousavam nas aldeias, ou andavam folgando ao longo d'aquella praia, muito azinha se chegaram á ribeira pera serem certos do que aquillo queria dizer, e em breve tempo foram tantos os bateis d'arredor da galé do infante, que queriam jogar as punhadas sobre qual chegaria primeiro a bordo, e depois que souberam a determinação do feito, pozeram logo muita trigança em tornarem a correger seus navios pela guisa que já estava aquella galé.

Em verdade era formosa cousa de vêr uma frota, que pela manhã parecia alguma mata que perdera as folhas e fructo, ser em tão breve tempo tornada a parecer um formoso pomar acompanhado de muitas folhas verdes e flores de diversas côres, cá assim eram aa bandeiras e estandartes de desvairadas guizas, e que cantavam em elle muitas aves de graciosos sons, cá os instrumentos não eram poucos, porque em cada navio havia instrumentos de desvairadas guisas, os quaes todo aquelle dia a uma voz nunca fizeram fim de tanger.

Não tardou muito que as novas não chegaram á cidade, as quaes fizeram em ella mui grande alvoroço, porque todos estavam já quasi desaperecebidos de semelhante movimento, por cuja razão lhes foi necessa-

rio de se trigarem pera tornarem todo a correger, e cá o espaço era mui breve pera se correger tamanho feito, e foram logo dados pregões que até terça feira por todo o dia, fossem todos recolhidos á sua frota.

Bem é de consirar, que mandado tão trigoso, de similhantes cousas, não lhes daria grande espaço pera dormir.

Muitas cousas fallaria aqui, se quizesse, ácerca dos desvairados juizos que se davam sobre aquella partida, especialmente a gente do povo, culpando muito el-rei, por fazer similhante movimento, dizendo que o prior do Hospital, com suas fortalezas, movera primeiramente aquelle feito, e que elle tirava ainda agora el-rei de seu sizo; outros diziam que el-rei não quizerá partir, posto que aquelle ajuntamento estivesse feito, visto os maravilhosos signaes que lhe aconteceram, mas que o prior induzira os infantes, e que elles, como homens mancebos, desejadores de cousas novas, afficaram seu padre tanto, que o faziam partir contra sua vontade.

«Ora, hom Pac, diziam elles, cá pulhas foi a perda da rainha, pera a que mui cedo ha-de ser, cá nós outros não partimos senão como homens que querem tentar a Deus, e el-rei cuida que com estes filhos ha-de tomar a garça no ar, porque os vê assim homens de prol, e desenvoltos nas manhas, e que não ha mais nas forças das armas, que quanto elles sabem; ainda é de vêr quejandos homens serão depois que forem nos perigos, cá elles até agora não provaram como sabe a ferro frio.

«Mas a culpa d'este feito, não é tanto de nenhum d'elles, como d'outros muitos senhores de Portugal que são homens diosos, e que teem experiencia de muitas cousas, que lhe deviam de contradizer, ao menos con-

sirassem taes signaes, como acontecem cada dia no ceu e na terra.»

«Quem cuidaes, diziam outros, que ha-de ter atrevimento de falar a el-rei em tal cousa? cá ha mais de tres annos que elle tem este feito começado, e ninguem o sabia senão os infantes e o priol, que é certo que aquella ida que elle fez a Castella não foi senão por mandado d'el-rei, nem a prizão em que o tiveram, não foi senão acinte?»

«Ora, diziam outros, calae-vos, que nós ouvimos a pessoas que hão razão de o saber, que el-rei não quizera ir, vistas as cousas que aconteceram, se o infante D. Henrique não fôra, cá diziam todos que a frota não podia ser prestes, senão passante d'um mez, pela qual causa elle quizera ficar se lhe o infante não dissera que fosse na sua, que estava de todo prestes.»

«Não foi al, diziam outros, cá el-rei sempre teve este filho por mais homem que nenhum dos outros, perra feito d'armas, e assim se gloriava estranhamente de falar em elle, quando lhe disseram que trazia sua frota bem corregida do Porto; empero ainda é de vêr quão grande differença ha de matar os porcos montezes na Beira, a pelejar com homens armados, que se sabem defender. Cuidam que são as justas d'aqui, que se não atreve ninguem aos ir encontrar? sobre todo, praza a Deus que seja por bem, o que á bó fé está em duvida, segundo muitos sezudos prezumem, consirando os duvidosos casos que ácerca d'ello se podem seguir.

CAPITULO XLIX

Como el-rei partiu d'Alhos Vedros na galé do conde de Barcellos, e se veiu lançar em Restello, e como no dia seguinte se foi com sua frota ancorar a Santa Catharina.

EM este pequeno espaço que temos dito, se fizeram prestes quasi a maior parte de todos os que haviam de ir em aquella frota, e onde antes pediam espaço d'um mez, lhe abastaram tres dias, e ainda não de todo acabados.

A quarta feira seguinte se metteu el-rei na galé do conde D. Affonso, e foram-se pera elle os infantes, e muitos d'aquelles senhores que ahi eram, e veiu aquella noite cear e dormir a Restello, a qual nós podemos bem affirmar que foi melhor vigiada, que por ventura fôra á noite da nascença de Nosso Senhor Jesus Christo, porque o arruido era tão grande na frota, que os homens uns com os outros senão podiam entender, e a praia não era menos aluminada de tochas, e acompanhada, que se se em ella fizeram festas d'algun grande principe, e não menos era o trafego na cidade, por azo das muitas cousas que lhe eram necessarias pera sua viagem.

Na dia seguinte, que era vespóra de Santiago, vinte e quatro dias de Julho, partiu el-rei d'alli e mandou levar ancora, e foi aquella noite acerca de Santa Catharina, e este pouzo, que assim alli fez tão perto,

foi pera dar azo que se recolhesse a gente com maior trigança, mas no outro dia, que era dia de Santiago, mandou dar ás trombetas da sua galé, porque tanto que fôra em Restello se sahiu da outra, e se passou á sua. Assim como deram ás trombetas na sua, assim deram em todas as outras naus, fazendo signal aos marinheiros que desferissem as velas, o qual em um ponto foi posto em obra, e assim encaminharam com boa ventura, caminho da foz. El-rei, como já disse levava a capitania das galés, e o infante D. Pedro, das naus, levando cada um seu farol, pera regimento das outras.

E porque alguns quererão saber quaes eram os principaes que iam com el-rei, escrevemo-los aqui, empero não lhe guardamos nenhuma ordem no escrever, porque achamos que por nenhum modo o poderiamos fazer.

Eram principalmente, depois d'el-rei, os infantes D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, o conde de Barcellos e o mestre de Christo, D. Lopo Dias de Sousa e o prior do Hospital Alvaro Gonçalves Camello, o Condestable, o almirante Mice Lançarote, o marechal Gonçalo Vaz Coutinho, o capitão Affonso Furtado de Mendonça, João Gomes da Silva, alferes d'el-rei, o conde de Vianna, D. Pedro, alferes do infante, D. Fernando de Bragança, filho do infante D. João, irmão que foi d'el-rei, D. Affonso de Cascaes, D. João de Castro, D. Fernando seu irmão, D. Alvaro Pires de Castro, D. Pedro seu filho, D. João de Noronha, D. Henrique seu irmão, Martim Affonso de Mello, guarda-mór d'el-rei, João Freire d'Andrade, Lopo Alves de Moura, Gomes da Silva, Gil Vaz da Cunha, Vasco Martins da Cunha, Diogo Gomes da Silva, Gonçalo Anes de Sousa, Pero Lourenço de Tavora, Alvaro Nogueira, João Alveres

Pereira, João Rodrigues de Sá, Martim Vaz da Cunha, Ayres Gonçalves de Figueiredo, Affonso Vaz de Sousa, Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade, Nuno Martins da Silveira, João Affonso de Santarem, Gonçalo Nunes Barreto, Alvaro Mendes Cerveira, Mend'Affonso seu irmão, Diogo Lopes de Sousa, Gonçalo Anes d'Abreu, Vasco Fernandes Coutinho, Alvaro Pereira, sobrinho do Condestable, aquelle cujos filhos depois tiveram carregos da criação d'el-rei D. Affonso, como adeante se dirá, Gomes Martins de Lemos, João Affonso de Brito, Diogo Alvares, mestre-sala, Luiz Alvares Cabral, Fernão d'Alvares seu filho, o doctor Martim Docem, Diogo Fernandes d'Almeida, Diogo Soares de Albergaria, Alvaro da Cunha, Alvaro Fernandes Mascarenhas, João Affonso d'Alemquer, Gonçalo Pereira de Bouzela, Ruy Vaz seu irmão, Gonçalo Pereira, das armas, Lopo Dias d'Azevedo, Fernão Lopes d'Azevedo, Martins Lopes d'Azevedo, Gonçalo Gomes d'Azevedo, alcaide de Alemquer, Janemendes de Vasconcellos, Ruy de Sousa, Nuno Vaz de Castello Branco, Lopo Vasques, Paio Rodrigues, Pero Vasques, Gil Vasques, Diogo Soares, João Soares, todos estes irmãos de Nuno Vasques, Ruy Gomes da Silva, Garcia Moniz, Paio Rodrigues d'Araujo, João Fogaça, Vasco Martins do Carvalhal, Fernão Vasques de Siqueira, Fernão Gonçalves de Arca, Estevão Soares de Mello, Mem Rodrigues de Refoyos, Vasco Martins d'Albergaria, João Vasques d'Almada, Pedro Vasques, Alvaro Vasques, seus filhos, Alvaro Gonçalves d'Atayde, governador da casa do infante D. Pedro, Vasco Fernandes de Atayde, governador da casa do infante D. Henrique, Pedro Gonçalves Malafaia, Luiz Gonçalves seu irmão, João Rodrigues Tabora, Pedro Gonçalves de Curutello, João d'Atayde,

João Pereira, Alvaro Peixoto, Pero Peixoto, Pedro Annes Lobato, Belendim de Barbuda, Ruy Vasques Ribeiro, Diogo Lopes Lobo, Alvaro Anes de Cernache, Alvaro Ferreira, que depois foi bispo de Coimbra, Gomes Ferreira, todos estes senhores e fidalgos eram capitães de gente pouca, ou muita, cada um segundo seu estado.

Afóra estes, eram com el-rei aquelles estrangeiros que já dissemos, e um rico cidadão inglez, que chamavam Mondo, que veiu a serviço d'el-rei com quatro ou cinco naus, e muitos frecheiros e outra gente.

Ficaram isso mesmo no reino, pera todas as comarcas, fidalgos repartidos pera guardarem as fronteiras, e sobre todos o mestre d'Aviz, que ficava em pessoa d'el-rei.

CAPITULO L

Como el-rei em aquelle dia que partiu fez sua oração mui devotadamente, e das cousas que em ella pediu.

GRANDE foi sempre a devoção que el-rei em todos seus dias teve, segundo já disse no prologo d'aquesta historia, e dizem que em aquella sexta feira, que houve de partir, tendo seu altar corregido, em desferindo as vellas de sua frota, se poz em giolhos e alevantou os olhos e mãos contra o ceu, e disse:

ORAÇÃO D'EL-REI

«Senhor, pois que por tua infinda mercê e piedade, entre as tuas maravilhosas obras a mim feitas, por teu infindo poder te prouve trazeres a mim, teu pequeno servo, a este estado em que me pozeste por tua graça, dando-me reinos e terras pera reger e mandar, no qual me fizestes muitas e grandes mercês, principalmente dando-me ajuda e esforço pera contrariar meus inimigos, e agora me chegasse a este tempo, praza-te que por tua santa mercê, que te lembres de mim, e d'este teu povo, de que me deste cargo, que somos aqui juntados pera fazermos teu santo serviço, e nos queiras dar victoria contra os inimigos de tua santa fé, guardando a satisfação de nossos pecados pera outro tempo.

É vós minha Senhora Virgem Maria, que sempre de meus feitos fostes avogada, praza-vos continuardes em minha ajuda, porque pelos vossos merecimentos reciba eu victoria d'aquelle que sabeis, que com tamanho desejo vos requerer.»

Como o vento frio nas velas começou de lançar a frota pela boca da foz, a qual cousa era tão formosa de vêr que aquelles que a viam não podiam cuidar que sobre semelhante prazer, havia outro maior, todo o ajuntamento dos que ficaram em Lisboa era pelos muros da Alcaçova, e assim por todos os outros logares d'onde se bem podia vêr a sahida d'aquelle frota, na qual cousa sentiram todos muita folgança, salvo alguns que el-rei por necessidade mandara ficar.

«Oh! senhor, diziam elles, tamanho amor mostraste ao povo de Portugal, em lhe dar semelhante prin-

cipe pera seu regimento, bemaventurado foi o dia em que seu nascimento appareceu em este mundo, cá elle por certo poz a verdadeira corôa sobre a cabeça do seu povo; vá, diziam elles, com tanta boa ventura que a fama de sua victoria faça inveja a todos os principes do mundo;» e alli queria cada um certificar que sabia a verdade d'aquelle segredo, mas não porém que algum o soubesse, certamente outros se queriam trabalhar por saber o numero da frota, como quer que seu trabalho acerca d'ello prestasse pouco, e assim estiveram em suas repartições com pouca lembrança de comer nem beber, e muitos d'elles tinham o rosto e olhos cheios d'agua, não podendo reter a força das lagrimas ante a grandeza de sua maravilhosa alegria, não se querendo d'alli partir até que os montes de Cezimbra esconderam toda a vista da frota.

Assim correram todos aquelles navios sua viagem, de guisa que ao sabado sob a tarde, começaram de dobrar o cabo de S. Vicente, e por razão de certas reliquias que alli jaziam, mesuraram todos suas velas em dobrando o cabo, em signal de reverencia, e aquella noite foi a frota toda junta ancorar na bahia de Lagos, e ao domingo seguinte sahiu el-rei em terra, e teve logo alli seu conselho, no qual foi determinado que se divulgasse claramente toda a verdadeira intenção d'aquelle movimento, porém foi mandado ao mestre frei João Xira que prégasse, porque todo o povo podesse verdadeiramente saber qual era a intenção porque el-rei se movera a fazer aquelle ajuntamento.

CAPITULO LI

Como o mestre frei João Xira prégou deante de todo o povo, e das razões que disse.

MUITAS vezes falámos nos capitulos antes d'este, com quanto cuidado e diligencia foi sempre guardado o silencio d'aqueste feito, até este ponto, que já a sua rotura não podia trazer algum damno, e porém determinou el-rei, com accordo de seu conselho, de ser alli divulgado, pera a qual cousa mandou prégar o mestre frei João Xira, o qual avisado do que havia de dizer, subiu em seu pulpito pera haver de prégar deante d'aquelle povo, e ainda que lhe mui breve espaço fosse dado, elle assim como homem muito abastado de sciencia, falou muitas cousas de grande auctoridade, das quaes nós apanhámos algumas poucas, assim como as podemos aprender, segundo a longura do tempo, por acompanharmos nossa historia.

SERMÃO DO PADRE FREI JOÃO XIRA

«Creio, disse elle, que depois que el-rei nosso senhor teve determinada a execução d'este feito, foram entre vós outros desvairados juizos ácerca de sua intenção, não com pequenos desejos de saber seu proposito verdadeiro, e elle assim como principe muito sezudo, acautelando-sê dos damnos que poderiam acon-

tecer a vós e a elles, guardou sempre seu segredo como cumpria á grandeza de tamanho feito.

Agora, honrados senhores, que sente que é razoado de vos ser revelado, vos faz saber, que considerando elle as muitas e grandes mercês que Deus tem feito a este reino seu, e a vós seu povo, dando-lhe tantas e tão grandes victorias contra seus inimigos, pelas quaes trouxe seu feito a este fim, e porque em tratando assim aquellas primeiras cousas, ainda que contra sua vontade fosse, se fizeram muitos damnos aos christãos, dos quaes elle muito sempre desejou fazer cumprida pendenza, não porque elle sentisse sua consciencia por ello agravada, cá pequena culpa merece o que erra, sem consentimento de sua vontade, mas porque das boas vontades é, segundo diz S. Bernardo, conhecer o homem culpa, onde culpa não tem, quiz elle mover-se a fazer tal serviço a Nosso Senhor Deus, porque merecesse pera si e pera nós outros, parte na sua gloria, a qual por certo não podia ser maior, que guerrear os inimigos de nossa santa fé catholica, cá aquelle que póde contradizer ao erro e não o contradiz, por esse mesmo consentimento parece que o aprova, segundo é escripto na terceira causa, e na terceira questão do degredo, dizendo que aquelle que póde contradizer e empachar aos maus e não o faz, não é outra cousa salvo dar-lhes favor á sua maldade, e não carece de escrupulo de suspeição, da companhia escondida, o que manifestamente vê o pecado contra a santa fé, e não o contraria.

E pois tal como este, que é outra cousa senão similhavel a aquelles inimigos, que o fazem? pelo qual é digno e merecedor da mesma culpa, e assim deve por Deus ser julgado, cá como diz o Apostolo no primeiro capitulo da sua epistola aos romanos, que não

sómente aquelles que são contra a fé, são dignos de morte, mas ainda os que lh'o consentem, não lh'o contrariando com todas suas forças, pela qual cousa parece aquelle que se tem por catholico e verdadeiro christão, e que com toda sua força não se despõe a defender a sua santa fé, não é verdadeiro cavalleiro, nem membro de Jesus Christo, nem tem parte alguma com elle, e que é peor que cada um d'aquelles infieis, cá todo aquelle que vive sob alguma lei, é teu-do a se poer a perigo de morte pela guardar e manter, cá diz Tullio, no primeiro livro dos Officios e o philosopho no terceiro livro das Eticas, que aquelle é verdadeiramente forte, que vivamente soffre a morte por defensão de sua lei.

Ora quando o homem é obrigado a deffender as leis de sua terra, quanto mais deve ser pela lei de Nosso Senhor Jesus Christo, pela qual somos certos que posto que moramos em esta vida, viveremos sempre na outra, segundo dá testemunho S. Leão, Papa, na vigessima tertia e na oitava questão dos Degredos dos Santos Padres, onde diz :

«Tirae todo o pavor e espanto, e estudae em pelear esforçadamente contra os inimigos da santa fé, cá Deus todo poderoso sabe que se algum de vós outros morrer, que morre pela verdade da fé e salvação de sua lei, pelo qual elle mesmo dará o celestial galardão.»

Poendo exemplo de Moysés, coudel de seu povo, cá tantos perigos e trabalhos soffreu por defensão da sua lei.

Porém nosso senhor el-rei, assim como verdadeiro cavalleiro, se moveu principalmente por fazer serviço a Nosso Senhor Jesus Christo, empecendo aquelles que em doesto de sua lei vivem, na terra que elle primeiramente deu aos christãos.

Cá podeis saber que a cidade de Ceuta com toda a

outra mourisma, depois de sua paixão foi convertida a sua santa fé, na qual durou até o tempo do conde Julião, que a por sua vontade deu aos infieis, os quaes tornaram as suas santas egrejas em mesquitas, tirando d'ahi as cousas santas, e lançando-as em nosso doesto, por logares sujos e vis, e d'alli fizeram depois muitos damnos na Hespanha, pelos quaes nós justamente podemos fazer aquelle pranto que se escreve no segundo capitulo do primeiro livro dos Machabeus, que fez aquelle santo barão Mathatias, sobre a cidade de Jerusalem, dizendo:

«Ail de mim, porque nasci pera vêr a destruição da santa cidade, vendo-a posta nas mãos dos inimigos, e as cousas santas lançadas em sugidade, e o seu templo feito assim como o homem sem honra, e os vasos de seus santos sacrificios são levados captivos e tornados em usos abominaveis e sujos, e toda a formosura lhe é quitada, e o que era livre, agora é feito servo, ante a vista de nossos olhos.»

O qual santo barão, depois do pranto que assim fazia com tamanha dôr pelo abatimento de sua lei, e movido com zêlo de virtude, mui ousadamente matou um judeu de seu povo, sobre a arca onde publicamente em presença de todos queria fazer sacrificio aos idolos, e matou outrosim um gentio de Antiocho, porque o requeria que fizesse aquelle obominavel sacrificio, elle logo começou a dar grandes vozes, chamando os seus, dizendo:

«Todo aquelle que tem zêlo da lei, saia de pês mim, e assim morou com elles, com grandes trabalhos no deserto, até que lhe veio o tempo da morte, antes da qual os confortou que perseverassem todos fielmente pelejando e padecendo por amor da lei de seu Senhor Deus, dizendo:

«Agora filhos muito amados, sede amadores da lei, e dae vossas almas pelo testamento dos padres, e acordaes-vos das obras que elles fizeram em suas gerações, e recebereis grande gloria e nome perduravel!»

Ora, honrados senhores, el-rei nosso senhor vos faz saber como por todas a razões susoditas, sua tenção e, com a graça do Senhor Deus, ir sobre a cidade de Ceuta, e trabalhar quanto elle poder pela tornar á fé de Nosso Senhor Jesus Christo, porém vos encommenda que ajunteis em vós mesmos todas vossas forças, pera cobrardes verdadeira fortaleza, segundo sua intenção, e haverdes com elle parte de seu grande merecimento, e arredae de vós opiniões que alguns outro dia traziam em Lisboa, parecendo-lhe grave movimento o que el-rei assim queria fazer.

E isso mesmo o dó que mandou tirar tão em breve, pela morte de sua mulher, o qual juizo certamente foi assim deliberado, como de principe muito virtuoso e conhecedor de todo o bem, o qual bem deveis de saber que teve maior sentimento da morte de sua mulher, que outra nenhuma pessoa.

Empero, por fazer limpamente o serviço de Deus, tirou de si, pelo presente, todo signal de tristeza, e em esto não fez elle cousa nova, cá reconta Valerio Maximo, no seu primeiro livro, e Tito Livio no livro da segunda guerra, que havendo os romanos uma batalha com Annibal, acerca do rio de Canas, morreram dos romanos de dentro da cidade, quarenta e sete mil trezentos e trinta e quatro, afóra seus amigos e liados, de que morreram quasi numero infinito, pelo qual não ficou mulher em Roma que não fosse tinta de dô.

Empero acabados os trinta dias, foram todas ves-

tidas de vestiduras brancas, e assim leixaram todo outro signal de tristeza, sómente por sacrificarem mais alegremente suas animalias ante os altares de seus deuses, da qual cousa poderemos tirar dois respeitos, o primeiro a estima em que aquelles tinham a morte de seus filhos, irmãos e parentes, cá era entre elles havida por honrada e digna de gloria, quando a recebiam por defensão ou acrescentamento de sua propria terra.

E porém tinham que não devia por elles de ser tão longamente chorada, segundo era o grande acendimento e fervor que tinham ácerca das cerimoniaes e sacrificios de seus deuses, pois que sobre tanto espargimento de sangue, contra a natural inclinação de suas vontades, sómente com a vontade de religião se arredavam de toda tristeza, a qual cousa por certo é a nós mui grande doesto, quando estes certamente sabiam que as almas d'aquelles iam directamente ao inferno, que razão temos nós de chorar a morte d'aquella que sabemos que é na companhia dos bem-aventurados santos? cá visivelmente vimos signaes ante os nossos olhos porque o com grande razão devemos crêr, quanto mais em semelhante auto pera o qual alegremente devemos endereçar nossas vontades, quanto mais certamente sabemos que a sua fim é saudavel e digna de grande merecimento.

CAPITULO LII

Como o mestre publicou a cruzada, e como por sua auctoridade absolveu a todos de culpa e pena.

DEPOIS que o mestre assim acabou sua razão, quanto era aquelle processo em que tomára seu fundamento, disse:

— Honrados senhores, todo o que vos até aqui disse, foi dito e fallado por auctoridade e mandado de el-rei nosso senhor, mas o que vos agora quero dizer será dito como de meu officio, porque nós outros não somos senão como atalaia no povo de Deus para o avisar contra seus inimigos corporaes e espirituaes, segundo é escripto em muitas partes pelos santos padres prophetas, especialmente em o terceiro, e em os trinta e tres capitulos de Ezechiel, onde diz aos semelhantes pastores que os ha feito atalaia sobre o seu povo, ameaçando-os que se não forem diligentes em amoestar todos os seus erros e peccados, perigos e damnos, em que de presente estão, ou ao deante poderem estar, que a morte e damnação que lhe por elle possa vir, que a demandara de suas mãos, e condemnára por ella o seu sangue d'elles mesmos, e por essa mesma guisa se querela o propheta Jeremias, em a lamentação e pranto que fez sobre Jerusalem, dizendo que os seus prophetas e sacerdotes foram causa de seu captiveiro e destruição, segundo mais compridamente se declara no segundo capitulo, onde diz :

«Os teus prophetas te viram cousas falsas e loucas, e não te mostravam a tua maldade pera te provocarem a penitencia, cá em semelhantes tempos, disse o mestre, são as nossas armas necessarias, a saber, a palavra do Senhor Deus, presentando os seus santos sacramentos aos seus fieis e catholicos christãos, porque a sua fim possa ser segundo pertence a sua santa religião, assim como é escripto no mesmo capitulo do Deutoronom, que chegando-se a hora da batalha estivesse o sacerdote deante da face da hoste, dizendo :

— Ouve, Israel, e vós outros que quereis commetter peleja contra vossos inimigos, não haja medo em vossos corações, nem queiraes fugir com o seu temor, cá Nosso Senhor Deus em meio de nós pelejará contra nossos adversarios, porque nos livre de seu perigo, e isto mesmo confirma S. Thomaz na 2. 2. quadragesima quæstione, no artigo segundo, onde trata esta materia, concluindo que ainda que aos prelados e clérigos não convenha pelejar, pero a elles principalmente pertence e é justo e meritorio animar, induzir e esforçar a todos os fieis christãos porque justamente possam pelejar pela maneira que já tenho dito, ácerca do qual proposito diz S. Leão Papa, falando de si mesmo, na vigessima tertia causa, e na oitava questão do pgregredo, que elle fez ajuntar o seu povo contra os mouros, que era fama que vinham a um porto de mar, e que elle por sua propria pessoa sahiu com elles.

E porém uzando do meu officio vos requeiro e rogo a todos quantos aqui presentes sois, que consireis bem em vossas consciencias quaesquer peccados, males ou erros, que tenhaes commetidos, e que peçaes ao Senhor Deus perdão d'elles, com todo coração e vontade, e façaes d'elles penitencia, havendo firme proposito de vos guardar de peccar d'aqui em deante, pela qual cou-

sa sereis absoltos de culpa e pena, por virtude d'uma letra que o Santo Padre ontorgou a el-rei nosso senhor, vendo seu santo desejo, a qual letra logo alli de presente o mestre publicou, em fim da qual fez absolvição a todos, e disse: amigos, haveis de ter que a vida d'estes infieis não é entre nós por virtude de sua propria força, sómente por vontade do Senhor Deus, ao qual praz dar lugar que nos dêem fadiga e trabalho, porque nós assim affligidos e trabalhados, pelo poder de tão vis inimigos, conheçamos os muitos erros que contra Elle commettemos e nos tornemos a Elle por verdadeira penitencia, e nós assim tornados ao verdadeiro caminho possamos d'elle receber esforço e ajuda pera os destruir, os quaes até aqui eram por sua grande piedade suportados, não sem grande e escondido juizo, cá assim como Nosso Senhor Deus, no tempo do pataiarcha Abrahão, suportava os gentios e inimigos de sua fé, sómente por correição do seu povo, assim mantem agora aquestes entre nós em vista de nossos olhos, fazendo damno a muitos de nossos irmãos, sómente a fim de nos amoestar e castigar, onde se lê que Deus Nosso Senhor disse áquelle santo patriarcha:

«Tu irás a teus padres, e serás enterrado em tua velhice, pero em a quarta geração tornarão cá, a saber os que de ti descenderem, cá ainda não são compridas, até este tempo presente, as maldades dos que esta terra possuem».

Pois se nós tivermos em Elle cumprida esperanza, é de crêr que nos ajudará contra esta má geração, que por certo não será a nós pequena gloria e honra entre todos os povos que forem em esta Hespanha, sermos os primeiros que passamos em Africa, e começamos de poer o jugo da fé sobre os pescoços dos infieis, e assim teremos dois mui grandes proveitos, o

primeiro é a salvação que sabemos certamente que receberemos pera nossas almas, e o segundo honra mui grande entre todos nossos vizinhos, e perduravel memoria, que ficará pera todo sempre, emquanto hi houver homens que possam falar, e não ainda aquelle nome que os gentios cobravam por suas victorias e façanhas, ou que alguns principes christãos ainda receberam, por quererem subjugar seus visinhos sem causa justa nem honesta, mas receberemos o verdadeiro nome, porque o fazemos sómente por amor e honra d'Aquelle que por acorrer a nossa miseria e condenação em que eramos, e livrar-nos d'ella, não duvidou decender do céu e poer-se ante nós, vestido de nossa humanidade, em a qual padecendo poz sua alma por nós até ser morto na cruz e livrar-nos, em o que, como diz S. Pedro no segundo capitulo da sua primeira canonica, nos deu exemplo maravilhoso pera que sigamos as suas pégadas, em cuja provação diz S. João, no terceiro capitulo da sua primeira canonica, que assim como elle morreu por cada um de nós, assim devemos nós morrer, se fôr mister, por saude e salvação de sua santa fé, dizendo:

«Em esto conhecemos a caridade de Deus, porquanto Elle poz sua alma por nós, e nós outrossim devemos pôr nossas almas contra aquelles que blasphemam seu santo nome».

Que como em este corpo glorioso da egreja militante, cuja cabeça é Jesus Christo Nosso Redemptor, sejamos todos seus membros, e todas as perfeições, dignidades, riquezas e estados, nos sejam dispensados pôr Deus, porque com ellas ajudemos e sirvamos na sua santa casa, doendo-nos da deshonor que foi feita nas suas santas egrejas, sendo tornadas em serviço dos inimigos da fé, assim como se fosse feita a nós mesmos

sómente aquelles que são contra a fé, são dignos de morte, mas ainda os que lh'o consentem, não lh'o contrariando com todas suas forças, pela qual cousa parece aquelle que se tem por catholico e verdadeiro christão, e que com toda sua força não se despõe a defender a sua santa fé, não é verdadeiro cavalleiro, nem membro de Jesus Christo, nem tem parte alguma com elle, e que é peor que cada um d'aquelles infieis, cá todo aquelle que vive sob alguma lei, é teu-do a se poer a perigo de morte pela guardar e manter, cá diz Tullio, no primeiro livro dos Officios e o philosopho no terceiro livro das Eticas, que aquelle é verdadeiramente forte, que vivamente soffre a morte por defensão de sua lei.

Ora quando o homem é obrigado a deffender as leis de sua terra, quanto mais deve ser pela lei de Nosso Senhor Jesus Christo, pela qual somos certos que posto que moramos em esta vida, viveremos sempre na outra, segundo dá testemunho S. Leão, Papa, na vigessima tertia e na oitava questão dos Degredos dos Santos Padres, onde diz:

«Tirae todo o pavor e espanto, e estudae em pelejar esforçadamente contra os inimigos da santa fé, cá Deus todo poderoso sabe que se algum de vós outros morrer, que morre pela verdade da fé e salvação de sua lei, pelo qual elle mesmo dará o celestial galardão.»

Poendo exemplo de Moysés, coudel de seu povo, cá tantos perigos e trabalhos soffreu por defensão da sua lei.

Porém nosso senhor el-rei, assim como verdadeiro cavalleiro, se moveu principalmente por fazer serviço a Nosso Senhor Jesus Christo, empecendo aquelles que em doesto de sua lei vivem, na terra que elle primeiramente deu aos christãos.

Cá podeis saber que a cidade de Ceuta com toda a

outra mourisma, depois de sua paixão foi convertida a sua santa fé, na qual durou até o tempo do conde Julião, que a por sua vontade deu aos infieis, os quaes tornaram as suas santas egrejas em mesquitas, tirando d'ahi as cousas santas, e lançando-as em nosso doesto, por logares sujos e vis, e d'alli fizeram depois muitos damnos na Hespanha, pelos quaes nós justamente podemos fazer aquelle pranto que se escreve no segundo capitulo do primeiro livro dos Machabeus, que fez aquelle santo barão Mathatias, sobre a cidade de Jerusalem, dizendo:

«Ail de mim, porque nasci pera vêr a destruição da santa cidade, vendo-a posta nas mãos dos inimigos, e as cousas santas lançadas em sugidade, e o seu templo feito assim como o homem sem honra, e os vasos de seus santos sacrificios são levados captivos e tornados em usos abominaveis e sujos, e toda a formosura lhe é quitada, e o que era livre, agora é feito servo, ante a vista de nossos olhos.»

O qual santo barão, depois do pranto que assim fazia com tamanha dôr pelo abatimento de sua lei, e movido com zêlo de virtude, mui ousadamente matou um judeu de seu povo, sobre a arca onde publicamente em presença de todos queria fazer sacrificio aos idolos, e matou outrosim um gentio de Antiocho, porque o requeria que fizesse aquelle obominavel sacrificio, elle logo começou a dar grandes vozes, chamando os seus, dizendo:

«Todo aquelle que tem zêlo da lei, saia de pós mim, e assim morou com elles, com grandes trabalhos no deserto, até que lhe veio o tempo da morte, antes da qual os confortou que perseverassem todos fielmente pelejando e padecendo por amor da lei de seu Senhor Deus, dizendo:

«Agora filhos muito amados, sede amadores da lei, e dae vossas almas pelo testamento dos padres, e acordae-vos das obras que elles fizeram em suas gerações, e recebereis grande gloria e nome perduravel!»

Ora, honrados senhores, el-rei nosso senhor vos faz saber como por todas a razões susoditas, sua tenção é, com a graça do Senhor Deus, ir sobre a cidade de Ceuta, e trabalhar quanto elle poder pela tornar á fé de Nosso Senhor Jesus Christo, porém vos encommenda que ajunteis em vós mesmos todas vossas forças, pera cobrardes verdadeira fortaleza, segundo sua intenção, e haverdes com elle parte de seu grande merecimento, e arredae de vós opiniões que alguns outro dia traziam em Lisboa, parecendo-lhe grave movimento o que el-rei assim queria fazer.

E isso mesmo o dó que mandou tirar tão em breve, pela morte de sua mulher, o qual juizo certamente foi assim deliberado, como de principe muito virtuoso e conhecedor de todo o bem, o qual bem deveis de saber que teve maior sentimento da morte de sua mulher, que outra nenhuma pessoa.

Empero, por fazer limpamente o serviço de Deus, tirou de si, pelo presente, todo signal de tristeza, e em esto não fez elle cousa nova, cá reconta Valerio Maximo, no seu primeiro livro, e Tito Livio no livro da segunda guerra, que havendo os romanos uma batalha com Annibal, acerca do rio de Canas, morreram dos romanos de dentro da cidade, quarenta e sete mil trezentos e trinta e quatro, afóra seus amigos e liados, de que morreram quasi numero infinito, pelo qual não ficou mulher em Roma que não fosse tinta de dô.

Empero acabados os trinta dias, foram todas ves-

tidas de vestiduras brancas, e assim leixaram todo outro signal de tristeza, sómente por sacrificarem mais alegremente suas animalias ante os altares de seus deuses, da qual cousa poderemos tirar dois respeitos, o primeiro a estima em que aquelles tinham a morte de seus filhos, irmãos e parentes, cá era entre elles havida por honrada e digna de gloria, quando a recebiam por defensão ou acrescentamento de sua propria terra.

E porém tinham que não devia por elles de ser tão longamente chorada, segundo era o grande acendimento e fervor que tinham ácerca das cerimonias e sacrificios de seus deuses, pois que sobre tanto espargimento de sangue, contra a natural inclinação de suas vontades, sómente com a vontade de religião se arredavam de toda tristeza, a qual cousa por certo é a nós mui grande doesto, quando estes certamente sabiam que as almas d'aquelles iam directamente ao inferno, que razão temos nós de chorar a morte d'aquella que sabemos que é na companhia dos bem-aventurados santos? cá visivelmente vimos signaes ante os nossos olhos porque o com grande razão devemos crêr, quanto mais em semelhante auto pera o qual alegremente devemos endereçar nossas vontades, quanto mais certamente sabemos que a sua fim é saudavel e digna de grande merecimento.

CAPITULO LIV

*Como a frota chegou toda ante as Algeziras e como alli
veiu Pedro Fernandes Portocarreiro e os mouros de
Gibraltar trazer serviço a el-rei.*

BEM é de consirar qual esperança os mouros de Gibraltar teriam quando vissem chegar tamanha somma de frota tão perto de seus termos, porque ao sabbado sobre a tarde foi ancorar ante as Algeziras, a qual cousa poz muito grande espanto entre todos os mouros d'aquellas partes, e pelo presente não souberam outro remedio senão ajuntar as melhores cousas que se poderam haver, e levaram-nas em presente a el-rei.

— Senhor, disseram aquelles que o presente levavam, os visinhos e moradores d'esta villa de Gibraltar vos enviam este serviço, não cousa igual á excellencia de tamanho principe, mas como se pode haver por semelhantes pessoas, certificando-vos que vos não é offerecido com menos vontade do que seria a el-rei de Grada, nosso senhor, se presente fosse, porque sentimos e crêmos que todo o serviço que vos fizemos elle o haverá por tão bem empregado, como em si mesmo, e vos enviam pedir por mercê, que não hajaes por mal d'elles mandar fechar suas portas e poer recado em sua villa, cá o fizeram por duas cousas, a primeira porque elle foi certificado que não quizeis dar segurança de vossa frota a el-rei de Grada quando vol'a enviou re

querer, a segunda porque alguns d'aquelles mouros mancebos não tenham livre poder pera sahir fóra da villa, cá poderia ser que se travaria entre uns e outros tal escaramuça, porque vossa mercê haveria alguma sanha, e por ventura poderia ser azo de vos moverdes de todo contra elles, o que poderá ser que agora não tendes em vontade.

Porém por lhe fazerdes mercê e os tirares d'este cuidado, vos pedem que lhe mandeis declarar vossa vontade ácerca do que a elles pertence, pela qual cousa serão muito mais obrigados a vosso serviço do que até aqui foram.»

—E se eu, respondeu el-rei, não quiz a el-rei de Grada fazer semelhante rogo, que m'o tão aficadamente mandou requerer, que razão teria agora de o fazer? pois a determinação d'este feito ainda não está fora d'aquellas pessoas que são ordenadas pera meu conselho, quanto pera dar semelhante segurança; quanto é ao presente lhe dissei que lh'o tenho muito em serviço, e que me praz de lh'o receber por entender de lhe fazer mercê em alguma outra cousa, fóra d'aquesta que me de presente requereis.

Os mouros ficaram muito tristes ouvindo semelhante resposta, porque quanto elles podiam entender, todo o movimento d'aquelle feito se ordenára por caso de sua destruição, pera a qual cousa não havia mister mais certa prova que a vista da frota que viam repousada e ancorada entre a face da sua terra, a qual cousa lhes fazia acarretar desvairados pensamentos, porque as adivinhas das vontades sobre os males duvidosos, sempre aduzem tristes cuidados.

Em Tarifa tinha el-rei de Castella por fronteiro e alcaide um nobre cavalleiro que fôra natural d'estes reinos, irmão da condessa D. Guiomar, tio do conde D.

Pedro de Menezes, o qual se chamava Martim Fernandes Porto Carreiro, e assim aqueceu que o dia passado, quando a frota chegou á cabeça do estreito, como já ouvistes, os de Tarifa houveram vista d'ella, e porque viam tamanha multidão de frota como nunca viram nem esperavam em aquelle estreito, estavam em si muito maravilhados, mas a cabo de pouco amainaram todas as velas, e como era longe e sobre a tarde, os de Tarifa que estavam olhando disseram :

— Certamente que aquello eram phantasmas; mas um portuguez que ahi estava disse :

— Mais azinha creio eu, que é aquelle poder d'elrei de Portugal, meu senhor, que outra nenhuma vã similhança.

— Pois, disseram os outros, que todas as arvores de Portugal fossem desfeitas em madeira e todos os homens se tornassem carpinteiros, não poderiam em toda sua vida fazer tamanha multidão de navios.

— «Vós vereis, disse elle, muito cedo aquello a que agora chamaes phantasmas, carregadas de boas gentes d'armas com as bandeiras de Portugal, passar perante os vossos olhos;» a qual cousa nenhum dos outros podia crêr, porque além da multidão da frota, quando os navios assim andam, e muitos mais, se os homens veem de longe, parece dez tanta somma. O portuguez teve cuidado de dar vista á ribeira pera vêr a certidão do que elle suspeitava, e quando ao outro dia era manhã, a frota começava já de passar por d'avante os muros da villa, e pera ainda ser a sua vista mais formosa, acertara-se em aquella manhã uma grande nevoa que a encobriu toda; senão quando elles ouviram o som das trombetas e dos outros instrumentos que se tangiam em todos os navios, cujo som parecia a

elles cousa celestial, e em esto rompeu a força do sol e pareceu a frota que passava sua viagem.

Mas qual seria aquelle que podesse fazer outra cousa na villa, que leixasse de vèr tamanha formosura?

«Certamente, disse Martim Fernandes, bem parece esta obra ordenada por el-rei D. João; parece-me quando consiro nos feitos d'este homem, que é um sonho, no que me parece quando Jacob dormindo; consirae bem, disse elle contra os outros que alli estavam, que nunca vistes nem ouvistes que nenhum rei de Hespanha, nem d'outra nenhuma parte, por si só ajuntasse tamanha multidão de frota; e tanto que a frota ancorara ante as Algeziras, mandou logo Martim Fernandes fazer prestes um grande presente de vacas e de carneiros, e mandou com ellas Pedro Fernandes seu filho, fazer serviço a el-rei.

CAPITULO LV

Como el-rei teve conselho se levaria logo sua frota sobre a cidade, e como alli Pedro Fernandes mandou enforcar um almogavere de Grada.

Como alli chegou Pedro Fernandes com aquelle presente, logo houve um batel em que foi falar a el-rei a bordo da galé, e depois que lhe beijou a mão, disse:

— Senhor, meu padre Martim Fernandes vos envia pedir por mercê, que se entenderdes que vos elle em

alguma cousa pôde servir, que façaes d'elle conta como de cada um dos outros de vossa casa, e vos envia dizer que por que elle tem em si carregó d'aquella villa, por el-rei de Castella seu senhor, que vos não pôde por si vir fazer aquella reverencia que é teudo, segundo vosso grande estado, nem esso mesmo se pôde fazer prestes pera se ir comvosco pelo encarrego que tem, mas quer-vos fazer serviço de mim, que sou seu filho, em idade e desposição pera vos poder servir em qualquer cousa que me vossa mercê mandar, e porque entende que ha já dias que sois no mar e que haveis mister algum refresco pera vossos cavalleiros e fidalgos, vos envia alli aquelle gado, o qual vos pede por mercê que recebaes d'elle em serviço como de cousa vossa.

El-rei foi muito ledo com aquelle offerecimento de Pedro Fernandes, e disse:

— A boa vontade de vosso padre recebo eu por grande serviço, e por ello lhe farei mercê, e assim a vós quando quer que me fôr requerido, e quanto é ás vacas e carneiros, dissei-lhe que eu tenho provisão por agora que me baste pera mim e pera minha frota, e que aquello sinto que será melhor pera elle, pera guar-nição de sua fortaleza.

Pedro Fernandes tanto que foi fóra do batel caval-gou em um ginete que trazia, e começou de alancear todo o gado ao longo d'aquella praia, e os da frota quando aquello viram, mataram todas as vacas e carneiros, e aproveitaram-se d'ellas, cada um como melhor podia, o que el-rei e todos os bons que alli eram tiveram a grande bem aquelle fidalgo.

Mas outro serviço fez elle, que lhe el-rei muito mais agradeceu, cá ouvindo o dito Pedro Fernandes dizer como um grande almogavere do reino de Grada anda-

va alli salteando os moços que sahiam á fructa, como entonce levava um, trabalhou-se de o filhar e trouxe-o alli preso em uns pardiciros velhos que alli estavam, entre os quaes era uma torre, que tinha ameias, e alli o mandou enforcar.

Mas o mouro não recebeu pequena honra em sua justiça, que foi acompanhado de muita e muito boa gente, que com boa vontade o iam vêr, os quaes tanto que o viram enforcado o atassalharam todo ás espadas, e esto fez Pedro Fernandes com mui boa vontade, sem embargo do reino de Castella ter entonce pazes com o de Grada, mas estes serviços não lhe foram a elle mal agradecidos, que logo alli lhe mandou el-rei dizer que lhe rogava que tanto que fosse em seu reino, o viesse vêr, como de feito depois veiu, onde lhe foi dado sómente por el-rei mil dobras d'ouro em uma copa, dizendo que lh'as mandava pera um cavalo, fôra outras muitas joias que foram estimadas em outro tanto valor, e com todo esto lhe fizeram os infantes cada um por si mui grandes mercês, de que elle foi mui contente.

E estando assim el-rei em aquelle lugar, teve conselho d'ir sobre a cidade a segunda feira seguinte, e em fazendo em aquelle dia sua viagem, sobreveiu uma mui grande cerração que fez grande empaço a toda a frota, pera governar directamente onde queria, e porque as correntes são alli mui grandes, lançaram toda a frota das naus caminho de Malaga, fôra uma em que ia Estevão Soares de Mello, e as galés e fustas e outros navios pequenos foram em aquelle dia mesmo ante a cidade, onde a torvação era entre os mouros por similhante chegada, empero não grande, porquanto elles ainda não viram toda a frota junta tão perto de si, como viram as galés e fustas, nem podiam cuidar que el-rei ia sobre aquella cidade, po-

rém fecharam suas portas e pozeram-se por cima dos muros mais por vêr que por se defender.

CAPITULO LVI

Como el-rei mandou passar as galés da outra parte de Barbaçote, e do conselho que alli teve.

DEPOIS que os mouros viram as galés de todo ancoradas sobre o seu porto, foram já algum tanto perdendo de sua primeira segurança, especialmente Salabençala, e assim alguns d'aquelles velhos da cidade, por cuja razão escreveram logo a todos aquelles logares d'arredor que se viessem com suas armas e corregimentos, até que vissem o que podia ser d'aquella vinda.

Outros dizem que logo que a frota appareceu pelo estreito, mandaram este recado.

Mas de qualquer guiza que fosse, o espaço podia ser pouco, porque sabbado houveram elles vista primeiramente da frota, e á segunda feira chegou sobre a cidade, e d'aquelles mouros que estavam sobre os muros começaram alguns de tirar com trões e béstas aos da frota, no que bem mostravam que tinham perdida toda a esperança de paz, e como quer que assim trabalhassem de fazer seus tiros, não podiam muito empecer a nenhum dos christãos, porque os navios estavam bem afastados do muro, senão a galé do almirante, a qual logo como chegou foi ancorar mais perto

da praia que as outras, onde estava mui sujeito ao perigo d'aquellas settas, mas elle por nenhuma guisa se quiz afastar d'alli, como quer que lhe fosse dito por algumas pessoas, ao que elle respondia que pois que a ventura alli primeiramente o lançara, que alli queria esperar qualquer perigo que lhe viesse, que pois elles vieram pera ir deante, não era razão que tornassem atraz.

Certo que elle em sua vida foi sempre mui esforçado homem d'armas, e portanto não queria que por elle passasse cousa grande nem pequena, que não pertencesse ao nome que tinha.

Alguns d'aquelles mouros mancebos sahiram á praia escaramuçar com os christãos, e os christãos isso mesmo sahiram nos bateis e andavam ao longo da praia tirando uns aos outros, e assim travaram sua escaramuça um grande pedaço.

Alguns d'aquelles mouros filharam um grande penedo que estava no mar, pera terem d'alli melhor azo pera empecerem aos christãos, mas Estevão Soares, conhecendo-lhe aquella vantagem, foi rijamente a elles e tomou-lhes o dito penedo, e assim andaram um grande pedaço até que alguns d'aquelles mouros morreram, e outros houveram por seu barato de se recolher á cidade.

A' quarta feira, que era vespera de Santa Maria de Agosto, teve el-rei seu conselho de se passar da outra parte da cidade pera onde se chama o Barbaçote, com intenção de esperar alli as naus que as correntes lançaram em Malaga, como já dissemos, e depois que lá foi, porque viu que as naus punham grande tardança em sua vinda, mandou ao infante D. Henrique que fosse na sua galé pelo infante D. Pedro seu irmão, e que dissesse a toda a outra frota que trabalhasse

muito de se ajuntar com elle, o mais cedo que podesse.

O infante D. Henrique partiu á quarta feira acerca da noite, e começou de seguir sua viagem, e pelo farol que a nau do infante D. Pedro trazia, logo em aquella mesma noite a galé de seu irmão chegou a ella.

— Senhor, disse o infante D. Henrique, el-rei **nosso** senhor e padre manda que vós vades logo em esta galé, que quer ter conselho ácerca de filhar da terra, se será em aquella parte de Barbaçote onde já está, ou se tornará da outra parte onde primeiro estivemos, e que mandeis esse mesmo recado a todas as outras naus dar avisamento que se trabalhem de o mais cedo que poderem fazer sua viagem direita pera o logar onde estão as galés.

— Não sei porque maneira, senhor, respondeu o infante D. Pedro, deva partir assim e deixar esta gente, na qual sinto bem que será mui grande desconsolação, além da que trazem pela peste que anda entre elles, e assim pela tristeza que os são trazem dos mortos e doentes, e outrosim pelo enfadamento do mar, que poucos homens suportam de boa vontade, empero d'outra parte consiro que vou a mandado d'el-rei, e mais sendo chamado por tal pessoa como vós.

Entonce mandou dar avizo a toda a outra frota que se trigasse o mais que podesse, segundo el-rei tinha mandado, e os infantes se foram ambos na galé á sexta feira pela manhã cedo, e indo assim sua viagem, aconteceu que um peixe ia voando pelo ar, e cahiu dentro na galé dos infantes, com que elles aquelle dia houveram algum refresco, e porque esta historia escrevi, nunca vi nem ouvi similhante cousa, o reconto assim por me parecer cousa maravilhosa, e algum tanto afastada da natureza, segundo meu juizo.

CAPITULO LVII

Como o auctor fala nas grandes divisões que havia nos mouros da cidade, e das cousas que aconteceram o outro anno passado.

POR certo, diz o auctor, a mim conviria falar por muitas maneiras, se eu quizesse contar toda a maior mormuração que havia entre os mouros depois que as galés primeiramente lançaram ancora deante da cidade, e diremos primeiro o que aconteceu n'aquelle Março passado, em que elles tiveram o seu Ramadão, que é o jejum, o qual se começara a vinte e sete de Fevereiro quando a lua fazia um bissexto, segundo o conto dos seus annos, porque elles trazem a sua era segundo o costume da lua, e porque o circulo da lua é mais pequeno que o do sol, tornam elles sempre atraz onze dias com começo d'aquelle jejum, a que elles chamam Ramadão e em pouco menos de tres annos tem acabada a volta de sua roda, em que ha dezenove bissextos, e assim dão os dias do anno solar trezentos sessenta e cinco, e do anno da lua trezentos sessenta e oito e uma hora e dezesete minutos e quarenta e nove pontos.

E porque os mouros em aquelle tempo fazem suas abstinencias, assim como nós fazemos em nossas qua-resmas, e pensam elles que quaesquer signaes que em aquelle tempo apareçam ou sonhos assignados, porque elles muito crêem, cá dizem que por uma de qua-

tro cousas vem a qualquer homem os sonhos quando dorme, a primeira por sobegidão de vianda, de que o estomago está empachado, a segunda por mingua de mantimento, a terceira por força de pensamentos que o homem traga de dia em alguma cousa, e a quarta por revellação divinal.

Ora foi assim, que n'aquelle Ramadão que já dissemos, foram tres partes da lua criz, e pareceu logo seguinte na novidade da outra lua, uma estrella acerca d'ella, de maior grandeza e resplandimento que outra alguma que houvesse no ccu, das mil e vinte e duas em cujo conto alguns astrologos pozeram o numero das estrellas de que se possa filhar alteza, a qual estrella durou assim entre elles toda a circulação da lua, cuja vista trouxe a elles grande cuidado, e muito mais porque um d'aquelles seus mouros santos, durando o tempo de jejum, sonhou que via aquella cidade cuberta de abelhas, e que pela boca do estreito vinha um leão com uma corôa d'ouro posta na cabeça, e que trazia muito grandes bandos de pardaes após si, que cometiam todas aquellas abelhas, por cuja razão Calabençala fez juntar quantos sabedores se poderam achar por toda aquella terra, entre os quaes veio alli um grande astrologo, que era Almocadem maior na cidade de Tunes, e grande sabedor em muitas cousas da sua seita, especialmente em astrologia, ao qual chamavam Almedebenfilhe, e tanto que assim foram juntos, tiveram seu conselho na mesquita maior, onde foram recontadas todas estas cousas passadas, sobre as quaes houve mui grandes debates.

Mas aquella almocadem nunca falou palavra, antes meteu as mãos de sob uma aljuba que trazia, e a continencia muito triste, e os olhos baixos contra a terra, suspirando muito a meude, se deixou estar acerca de

duas horas, sem nunca dar nenhuma resposta a coisa que lhe perguntassem, e em fim constrangido por Calabengala, levantou a cabeça e poz a mão em a barba, que tinha sem nenhum cabello preto.

— Dou ao demo, disse elle, taes movimentos e taes signaes, cá o curso do mundo anda fóra de toda sua lei, e os planetas perderam sua certa carreira, ou a destruição de toda a terra d'Africa é aparelhada, cá semelhantes tres signaes nunca me lembra que os lesse, que assim apparecessem sobre um effeito; verdade é que eclipse da lua traz muitas vezes pestilença, outras vezes fome ou discordia. Mas estella nunca foi homem que a visse ante a face da terra, senão agora. Bem é que eu acho que ella parece certos tempos do anno em terra da India maior.

Mas não que acompanhe a lua, nem siga seu curso, como fez agora esta, a qual chamam alguns dos nossos auctores Orião, porque traz figura de esplada, e dizem alguns que a sua influencia traz fogo e sangue, cá ella é uma d'aquellas estrellas que cahiu do cabo do carneiro, segundo é declarado nos textos de Ptholomeu, e porque a qualidade d'aquelle signo, que se chama Aries, é quente e seco, dizem que traz esta estrella comsigo fogo, e porque outrosim os primeiros auctores a pozeram em figura de espada, é forte signal, ca se o planeta Saturno, que é estrella que empece a parceira, designada de seu curso, não me anojara tanto como esta, e sobre tudo o cris que ante appareceu me faz ainda a esperança muito peor, ca acho pelos almenaques, que quando os mouros outra vez perderam Hespanha, que outro semelhante criz foi visto primeiro, e ainda não tão forte como este, porque acho que a aquelle tempo, mais estava na casa do Escorpião, o qual com seu cabo ardente

apremava Jupiter em sua alteza. E Venus, que é nosso planeta, vejo-a triste e fóra de toda alegria. Mercurio outrosim, que lhe devia de acorrer por sua trigança que traz pelo ceu, acho-o mui afastado de sua companhia.

Ora que leixassemos estas cousas, sómente aquelle sonho é abastante pera nos poer grande espanto, porque creio que tendes em vossos escriptos como no tempo do grande Miramolim, que a primeira vez que passou d'esta terra em Hespanha andava um mouro cavando em uma sua horta, acerca d'esta cidade, e tirando a pedra d'uns alicerces velhos, achou um marmore, em o qual era esculpida uma imagem d'um nosso propheta, que chamavam Brafome, de Marrocos natural, sob cujos pés estavam escriptas umas letras em quatro regras, que diziam assim :

«Da casa de Hespanha sahirá um leão com tres cachorros seus filhos, acompanhado de grande frota, carregada de muitas gentes, e apremará a tua nobre cidade. Oh! cidade, e do seu femel virá o destruidor das partes d'Africa. Mouros fugi, e não queiraes esperar o brandimento de sua espada.»

E assim concerta esta prophecia com o sonho d'este mouro, porque diz que via leão coroadado, pela boca do estreito, outrosim as abelhas significamos nós outros, e os pardaes são os christãos, cá semelhante viu um mouro em Cordova em sonhos, quando os mouros a perderam.

Porém o meu conselho é que nos soccorramos á providencia divinal, fazendo nossas orações mui devotamente, que nos livre de tamanho perigo; e pera isto ser bem feito, cumpre de escreverdes a alguns logares onde sintaes que estão alguns religiosos, que lhe praza receberem este feito em encommenda, o que

eu creio que elles farão de necessidade, porque estes signaes assim pertencem a elles, como a nós, se não tanto que aquelle sonho dos pardaes que filhavam as abelhas, significa que o damno será primeiro n'esta cidade, e será bem que se tenha todo bom avizamento em quaesquer estrangeiros que aqui sejam, de guisa que não tenham azo de esguardarem os muros da cidade, nem os leixem andar soltamente por onde elles quizerem, porque não sabe homem a tenção que trazem.

CAPITULO LVIII

*Como a frota por azo da tormenta tornou outra vez
as Algeziras, e como ao dobrar do cabo de Almi-
na as galés foram em grande perigo*

FICARAM OS mouros mui desconsolados, ouvindo assim aquellas novas de sua destruição, empero foi em isto, o que é em todas as cousas, que quando hão de ser, não podem leixar de ser, e a fortuna cega os entendimentos dos homens, que se não sabem desviar d'aquellas cousas que lhe são ordenadas.

Que cousa foi a de Annibal, que com tanta fortaleza correu toda a Italia, fazendo tantos e tão maravilhosos feitos em armas, e por derradeiro constringido da fortuna requeria piedosamente paz a seu inimigo capital Scipião?

E Pompeu, n'aquella derradeira batalha que houve

com Julio Cesar, seu sogro, nos campos de Emathia, pero tivesse tamanho poderio, elle mesmo confessa que a fortuna forçosamente o tirava de seu entender pelo trazer á batalha, a fim de se mostrar.

E Gayo Cesar, quando foi a hora de sua fim, como quer que tamanho sabedor fosse, e lhe tantos signaes fossem revelados em declaração de sua morte, nunca porém se pode desviar de seu cruel aquecimento, e assim o diziam alguns d'aquelles mouros sabedores, a quem preguntavam que pois elles sabiam que el-rei ia sobre a cidade, e passaram tantos dias sem lhe fazer nojo algum, porque não punham em si, e em seus muros melhor guarda? Quanto mais, sendo assim avisados por aquelles signaes, que tinham visto.

«Verdade é, diziam elles, que nós tínhamos este avizamento, e bem poderamos em treze dias, que el-rei andou d'arredor de nós sem nos fazer algum empecimento, afortalezar nossa cidade muito mais, e fazer pera nossa guarda mil remedios, se tiveramos industria. Mas as rodas celestiaes nos tinham assim atados, que eramos feitos quasi immobiles, e portanto não era em nosso livre poder receber nenhum conselho nem avizamento, sobre a cousa determinada.

Depois que os infantes foram assim com seu padre, como dito é, toda a outra frota se juntou aquelle dia, segundo lhe fôra mandado.

El-rei teve seu conselho, no qual se determinou de tomar terra em direito d'umas salgas que ahi estavam, nas quaes se aconteceu que alguns dos christãos sahiram fôra, assim como homens de pouco sizo, e sahiram os mouros a elles e começaram de se embrulhar de tal guisa que morreu um christão, pelo qual se poz a frota em tamanho alvoroço que quizeram a maior parte d'elles sahir fôra, senão fôra por temor el-rei que

o mandou defender mui rijamente, porque certamente fôra um mui grande perigo, por azo da grande multidão dos mouros que estavam mui acerca, e d'outros muitos que se poderam recrecer, os quaes todos embrulhados fôra azo de grande perdição, e muito mais dos christãos que dos mouros, assim pela vantagem do logar, como pela pouca ordenança que entre si levavam.

E estando assim el-rei em este conselho pera filhar alli terra, sobreveiu uma grande tormenta, pela qual foi necessario que se el-rei d'alli partisse pera outra parte, porque o logar era tal que a frota não podia alli pairar, mas esto foi enviado pela graça de Deus, segundo adiante será contado.

E assim foram as galés em muito grande perigo ao dobrar da ponta d'Almina, e as naus não poderam tão azinha. fazer sua volta, e andando assim pairando ao mar, abrandou a tormenta, e quando quizeram seguir a viagem das galés que eram tornadas ás Algeziras onde primeiro estiveram, lançou-as a corrente caminho de Malaga, segundo antes fizera. Do qual abalamento que assim a frota fez os mouros houveram muito grande prazer, como quer que se enganavam muito em ello, porque aquelle foi um mui grande azo pelo qual a cidade foi tão azinha tomada, segundo adiante será contado.

CAPITULO LIX

Da maneira que os mouros tiveram depois que a frota partiu, e como se em ello pôde consirar que Deus só foi o que trouxe o fim da victoria.

GRANDE folgança tiveram os mouros por aquella partida d'el-rei, não conhecendo o calado segredo que a Providencia Divina em ello ordenava, e porque em ello verdadeiramente possamos conhecer quanto Nosso Senhor Deus em ello quiz obrar por sua graça, devemos esguardar tres maravilhosas cousas que se em ello seguiram, além da ordenança da rasão, pelas quaes podemos receber avizamento pera o deante, que posto que algumas cousas não venham á nossa vontade, que as hajamos por boas, consirando que nos acontecem a fim d'outro bem maior, o qual nós pôr aquelle presente não conhecemos.

Onde é de saber, que a determinação d'el-rei era filhar terra pela parte de Barbaçote, segundo já ouvistes, pensando que a não poderia tão desempachadamente filhar da outra parte, a qual cousa, se assim fôra, podera ser que posto que se a cidade depois filhára, fôra com mui grande trabalho, e não sem grande espargimento de sangue, cá o lugar era muito fragoso, e a multidão dos mouros muito grande, porque além dos vizinhos da cidade, eram outros de fóra que estavam em numero de cem :

e aquella tormenta foi causa de se el-rei partir, e escusar aquelle perigo, e mais que tanto que os mouros viram assim partir aquella frota, cuidaram que se ia de todo, e porque os outros mouros de fóra lhe faziam nojo e damno, cá elles por natureza são grandes estragadores de cousas alheias, mandou Calabença por requerimento dos outros da cidade que se fossem muito embora pera suas casas, porque sua presença a elles já não era necessaria, agradecendo-lhe porém muito seu trabalho e boa vontade que tiveram pera os vir ajudar.

Ora vêde se poderemos directamente attribuir este acontecimento senão a Deus, o qual é Aquelle, segundo diz o Apostolo, que obra em nós o seu cumprimento, segundo diz Arato, poeta, vivemos á perfeição de todas as cousas.

Outra cousa diremos ainda aqui, porque pertence a Deus Nosso Senhor, esto é que el-rei D. João era assim compressionado, que quanto na terra era forte, no mar enfraquecia muito, e sómente em passar de Lisboa pera Coima, enjoava de tal guisa, que não sabia de si parte, e porque elle conhecia em si esta falta, se encommendou á Virgem Maria da Escada que o livrasse d'aquelle trabalho, e foi cousa maravilhosa, que em todo um mez que andou no mar, nunca fez mostra de nenhum enjoamento.

El-rei quizera ter logo alli seu conselho, porque toda a outra frota levava a corrente, como já dissemos.

Mandou el-rei outra vez ao infante D. Henrique que fosse com as galés pelas naus, como antes fizera, e indo assim sua viagem de noite, ouviram vozes da companhia que vinha em uma nau, em que era João Gonçalves Homem, com outros muitos do infante D.

Pedro, e segundo parecia, encontrou outra nau com ella de cujo encontro abriu por tal guisa que parecia que a escalaram com um cutello, e estavam em mui grande perigo os que n'ella vinham, e não lhes foi pequeno conforto quando sentiram as galés junto comsigo, pedindo ao infante D. Henrique que lhes fizesse acorrer.

O infante fel-a logo alijar da mór parte da carga e apertar com cabres mui grossos e fortes. Mas todavia foi-lhe dito que aquella nau por nenhuma via podia fazer vela que logo de todo senão alagasse, e entonce a levaram á tóa, de guisa que d'ella senão perdeu cousa alguma, e a nau foi depois concertada segundo era necessario, pera navegar como da primeira.

O infante seguiu sua viagem, e trouxe as naus como lhe fôra mandado.

CAPITULO LX

Da visão que Fernão d'Alvares Cabral viu acerca do acontecimento do infante, e das razões que acerca d'ello diziam.

QUANTO acontecimento se seguiu maravilhoso ainda, em aquella frota, e foi assim que ao tempo que el-rei havia de partir de Lisboa, além da gente que o infante D. Henrique trouxera do Porto, lhe subreveiu outra muito mais, por cuja razão lh foi ordenado por seu padre el-rei uma nau grand

em que podesse levar a dita gente, da qual o infante fez capitão Luiz Alvares Cabral, seu vedor, e mandou a seu filho Ferrão d'Alvares Cabral que fosse com elle em lugar de seu padre pera o fazer servir em a sua galé, e estando assim n'aquella obra de Gibraltar aqueceu que o dito Fernão d'Alvares se lançou a dormir sobre uma mesa que estava debaixo do telhado, e d'alli a um pedaço acordou bradando, e assim acordado começou a dizer com o espirito apressurado e trigoso, que acorressem ao infante seu senhor que andava embrulhado com os mouros, e tantas vezes e com tal aficamento disse isto, que alguns dos que andavam pela galé se chegavam pera elle, e porque o viram assim acordado, foram mui maravilhados, empero fallaram-lhes alguns dizendo que cousa era aquella que lhe assim parecia, que o infante estava fóra de simillhante cuidado.

— Vêdes, disse elle, que cousa pera crêr? vejo-o eu andar entre aquelles perros, sem lhe acorrer nenhum de vós outros. Mas empero Deus é com elle, que já tem derrubados dois; ajuda-e-o por Deus, que o não levem aquelles mouros ante si, cá são tantos que sou espantado como se pode d'elles defender; e entonce começou a dizer, oh! Virgem Maria, acorre-lhe, que se tua ajuda lhe falece, de nenhum dos seus pode ser ajudado.

E queixando-se fortemente contra os seus porque o não iam ajudar, e quando lhe parecia que o infante dava algum golpe a algum mouro, era o seu prazer tamanho que todo o rosto se lhe enchia de rizo, e muito mais quando lhe parecia que o matava, e entonce começava de esforçar o infante, dizendo que não temesse nenhuma cousa, que Deus o ajudaria, e assim dizia outras muitas cousas, como se propriamente vis-

se andar o infante entre os mouros, como de feito depois andou.

A qual cousa fizeram saber ao infante, o qual posto que bem conhecesse que aquillo era ar de peste, mandou porém ao seu phisico, mestre João, que o fosse vêr, e quando chegou a elle e lhe falou, foi Fernão d'Alvares muito mais queixoso, dizendo-lhe que faria muito melhor d'ir ajudar seu senhor, que de estar com elle em similhantes razões.

—Empero, disse elle, deixai vós os fanados, cá cuido eu que lhes vae a elles de quando em quando o infante meu senhor, corregendo a fazenda, e assim tornava as suas primeiras razões, e o mestre João disse ao infante:

—Eu tenho bem visto a Fernão d'Alvares, e quero-vos acerca d'ello fallar como phisico e como conselheiro, e quanto a phisico me parece que todavia o deveis d'ir vêr, porque certo é que isto que assim fala não é al, senão ramo de peste, o qual lhe representa assim estas cousas e revelações como cousas que hão de ser, trazendo a alma quasi apartada do corpo para conhecer aquellas cousas, que por si só depois hade vêr, e tanto que vos vir não ha duvida senão que perca aquella maginação e torne a seu proprio entender, e falando como conselheiro me parece que não deveis lá de ir, antes vos afastar d'elle quanto poderdes, porque este ar é contagioso como sabeis, e chegando-vos a elle ponde-vos a perigo. E porém sobre tudo vossa mercê póde fazer o que lhe prouver.

O infante disse que Deus Nosso Senhor fizesse o que sua mercê fosse, que todavia entendia de o ir vêr, e tanto que chegou a elle e lhe falou, Fernão d'Alvares saltou logo em pé fóra da mesa, e alevantou as mãos contra o ceu dizendo que louvava muito ao Se-

nhor Deus pela victoria de tamanho perigo, contando-lhe todo o que lhe apparecera.

— Ora pois, disse o infante, torna-e-vos a repousar e folgar, ca esto não foi al senão algum assombramento d'ar corrupto que vos quizera empecer e não pôde.

— O repouso que eu hei-de fazer, disse Fernão d'Alvares, é mandar-vos fazer a ceia, que já pedaço ha que me quizera alevantar pera ello, se não estivera em aquelle trabalho.

Todas estas cousas que assim Fernão d'Alvares disse, depois aconteceram ao infante, sem falecer nenhuma, e assim aconteceu a elle que estando a frota ante a cidade de Ceuta lhe deu uma levação, pela qual logo o infante o mandou bem curar de sangrias, e de todas as cousas que lhe ao presente eram necessarias, e mandou que o levassem a Tarifa pera ser lá melhor curado, mas elle por nenhum modo quizera partir até se despedir do infante, o qual o mandou trazer a bordo da sua galé, e lhe falou.

— Senhor, disse elle, Deus sabe quanto desejo de vos servir, e não quizeram os meus pecados que eu n'este tempo vos servisse segundo desejava, de que minha alma não leva pequena magua, porém estou n'estes termos que vedes, que não sei a fim que hei-de haver, mas qualquer que seja, eu vos peço por mercê que me encomendeis em vossas orações, e se eu morrer vos lembreis de minha alma, cá se me Deus dá vida bem creio que por meu serviço conhecereis minha boa vontade.

E prouve a Deus de lhe dar vida e mostrou bem a obra de suas palavras, cá sempre depois serviu bem o infante, e assim mesmo em seu serviço morreu sobre o cerco de Tanger.

CAPITULO LXI

Como el-rei teve seu conselho se tornaria outra vez sobre a cidade de Ceuta, e das razões que se no dito conselho passaram.

JA na frota não havia algum que cuidasse que havia d'alli fazer viagem senão pera Portugal, e entonce havia entre elles muitas e desvairadas repartições.

«Agora, diziam elles, podera el-rei conhecer as traições do prior, cá certo é que nos trazia todos vendidos pera nos resgatar como seus prisioneiros; vêde que cousa ia metter em cabeça a el-rei, que havia de tomar a cidade de Ceuta, onde se adergamos de filhar terra, nunca de nós tornára pé d'homem pera Portugal.

«Quem duvida que elle não escrevesse a Salabençala que pozesse em si recado, avizando-o de todo corregimento d'el-rei? cá certo é que quando elle foi á Secilia, em vez de olhar os muros da cidade, foi falar com Salabençala, e á bó fé, segundo alguns disseram, mais levou elle d'aqui do que rendeu o seu priorado vinte annos; pois vêde vós, diziam outros, ainda com todas essas cousas os infantes não o chegam menos a si, que se porventura entendessem que por seu azo haviam de cobrar á cidade.

«Assim lh'o meterá elle em cabeça, diziam outros, e elles como são gente manceba crer-lhe-hão quantas abusões lhe elle disser.

«Não pôde ser, diziam alguns, cá el-rei não é parvo nem esse feito não é pera ter em jogo, e posto que el-rei cale, vós vereis a derradeira, que elle lhe dará tão bom castigo que pera todo sempre seja memoria, e o que lhe a elle faleceu pera fazer quando jouve no castello de Coimbra, acabar-lh'o-hão agora.

Mas sobre todo foi prazcr de vêr quando el-rei á segunda feira mandou chamar todos do conselho que viessem nos bateis pera falar com elle ácerca d'aquelle feito.

Quando o prior passava acerca dos navios no seu hatel, não olhavam todos menos pera elle cá se souberam certamente ser verdade o que antes diziam, e não cuidavam al senão que el-rei lhe queria demandar razão d'aquelle feito, e não era a gente do povo muito de culpar, pois que muitos dos capitães lhe davam culpa, dizendo que elle ordenára todo aquelle feito.

Mas o prior que era homem sezudo, ainda que ouvia todas aquellas palavras, deitava tudo a jogo, sómente se acha que disse a alguns d'aquelles fidalgos que o atormentavam por aquella razão, que os corações lhe não falecessem, cá o que elle encaminhara e ordenara elle daria d'ello boa conta.

Depois que os do conselho foram assim juntos propoz el-rei sua razão, dizendo que bem sabiam com quantos trabalhos e despezas trouxera alli aquelle ajuntamento a fim de filhar a cidade de Ceuta, como elles bem sabiam, sobre o qual se fizera já quanto elles viram, porém que lhe dissessem o que acerca d'ello lhe parecia, sobre a qual proposição foram arrezoadas muitas cousas, e finalmente foi o conselho partido em tres partes, a saber: uns disseram que era bom todavia tornar a Ceuta, outros disseram que fi-

lhassem Gibraltar, e outros que se tornassem pera Portugal, e os que eram do conselho que se filhasse Ceuta, foram principalmente os infantes, os quaes responderam a seu padre por esta guisa:

«Senhor, vós deveis consirar quanto tempo ha que começastes este feito e quantas e quão grandes cousas tendes movidas pera chegardes ao fim, por cuja razão a fama d'este feito voou por muitas partes do mundo, e como posto que no começo encobristes este segredo, que já agora o tendes revelado, e tornando-vos assim ou apontando em outra cousa de menos valia, não podeis haver victoria que vos não fique maior prasma, quanto mais por não provardes nem sairdes com vossa força e poder sobre a grandeza d'aquella cidade, cá se por ventura já vos jouvereis em seu cerco sobre ella alguns tempos arrazoados, não tivera o mundo porque vos dar tamanha culpa, mas tornardes-vos assim, parecerá que vos espantou a sombra dos mouros, nem aos mouros será pequena alteração quando consirarem que vos assim espantastes da sombra da sua cidade, e pôde ser que lhe ficara d'aqui ouzio e atrevimento de correrem com seus navios a costa do Algarve, mais do que até qui fizeram, porém nosso conselho é que todavia vos vades sobre a cidade e que a cerqueis e combateis com vossos engenhos, e esperamos em Deus que vos dará victoria, cá pois esto principalmente foi ordenado por seu serviço, pelo qual desprezastes todos os outros contrarios, quantos se vos offereceram no começo d'este feito, não deveis agora tornar atraz por este que é muito mais pequeno, e Deus que sabe vossa vontade e tenção vos ajudará por tal guisa que acabeis vosso feito como desejaes.»

Estas razões e outras muitas acerca d'este propo-

sito disseram os infantes e o conde de Barcellos a el-rei, com os quaes se foram dois ou tres do conselho, e os que falaram em Gibraltar propozeram suas razões em esta forma:

«Se por ventura este feito não pertencesse senão á cidade de Ceuta sómente, ou ella fosse tal que se podesse bem cercar, logo seria bem de aventurarmos nossos corpos e fazendas por cobrar seu senhorio, e ainda que vissemos milhares de mortos dos nossos christãos, e nós outros feridos e cançados sobre elles pelejando, não era razão que nos partissemos de semelhante contenda.

«Mas que será quando cuidarmos que havemos de pelear com todos os mouros d'Africa, e aventurar com tanto fim o que não tem fim.

«Quanto mais que nós não podemos cercar a cidade, ainda que nos muito trabalhemos, não lhe tolheremos que não entrem mantimentos e gente de fóra quanta quizerem.

«Entonce vos digo, disse um d'aquelles, que será pelea bem egual nós affastados de nossa terra comendo nossos mantimentos cada dia que d'ella trouxemos, por cujo falecimento não estamos em certa esperança que possamos tão azinha cobrar outros, e entonce será nossa pelea muito razoada, elles serem mais que nós muito, que hão de vir como quem vem a perdões como souberem que nós aqui estamos, e farão escarneio de nós se nos virem jazer em nosso cerco, sentindo com nossa vinda razoado temor; vêde que logar é Ceuta, que ha n'elle uma legua pera cercar assim de ligeiro, pera o qual por boa fé que havia mister toda a Hespanha, pela qual razão somos em accordo que pois já cá somos que vos contenteis de filhar a villa de Gibraltar, porque além de todas razões é pera consirar

como somos hoje em dezenove dias de Agosto, e que pera assentar vossas artilherias e arraial ha mister dez ou doze dias de Setembro, e não tardará muito o inverno que não comece mostrar os signaes de sua frialdade, cá tanto que o sol entra no signo de Libra, logo os dias começam de abaixar cada vez mais, e as tormentas aqui no inverno são muito grandes, de guisa que gravemente podem aqui estar nenhuns navios sobre ancora muito tempo, e esta é uma das cousas que vos é muito necessarias, a saber, a frota, porque a maior parte d'ella como vêdes é cercada de mar, aonde ha mister estes navios, e ainda se os tivesseis, porém é bem que consireis sobre todo, cá estas cousas são mui grandes e hão mister mui bem providas com todas suas partes.

CAPITULO LXII

Como os outros do conselho disseram a terceira razão, e como por el-rei foi determinado á ponta do Carneiro, que queria ir sobre a cidade de Ceuta.

LONGO mais do arrazoadado fôra este capitulo, se quizeramos escrever em elle a declaração de todas as razões d'aquelle conselho, porém guardamos pera aqui a derradeira intenção dos que diziam que se tornassem pera Portugal, os quaes ouvidas as razões outros disseram:

«Nem é conselho o primeiro que dizem que vades

Ceuta, nem o segundo em que vos aconselham que tomeis Gibraltar, porque não são cousas que devaes de poer em execução, segundo nosso conhecimento.

«E fallando primeiramente do que pertence a Ceuta, assaz nos parece que vos foi alli fallado os muitos inconvenientes que havia, os quaes evidentemente são conhecidos entre aquelles que entendem em similhanças feitos, empero não foi em elle fallado na tardança que se segue de necessidade, se a cidade fôr cercada segundo pertence, cá deveis de consirar que não será vossa honra alevantardes-vos do cerco depois que a uma vez cercardes, cá sabeis como se diz que el-rei D. Fernando de Castella jouve sobre a cidade de Coimbra sete annos, e outros dizem que el-rei D. Afonso de Castella jouve outros sete annos sobre esta cidade, no qual tempo fez aquelle cerco de Algezira, que está de fóra.

«Pois vós ao menos que estivesseis aqui um anno se mister fôsse, não seria muito, ora vêde que frete haveis mister pera a multidão de tantos navios como aqui tendes, quanto mais ainda que elles por sua vontade não estarão aqui, cá tem de levar as mercadorias pera governança de suas terras, sem as quaes porventura se não poderam governar. Ora pera que são mais razões ácerca d'ello? basta que consirados todos os casos contrarios, achareis que é quasi impossivel de o poderdes acabar.

«E quanto é á filhada de Gibraltar, isto é cousa que não deveis fazer, pelas pazes que tendes com o reino de Castella, cá dirão que o não fizestes senão a fim de os injuriar, mostrando que seu poder não era bastante pera acabar sua conquista, e vós em seu despreso quereis vir guerrear sua empresa, cá bem sabeis como escrevestes a el-rei D. Fernando, que vos

filhasse na companhia d'aquella conquista, e o que vos el-rei respondeu, e poderia ser que durando-vos sobre o cerco d'esta villa, os castellãos haverão as pazes por quebradas e se trabalharão de fazer alguma novidade em vossos reinos, o que seria azo de grande perigo, e finalmente nossa tenção é que vos torneis pera Portugal, visto como não podeis nem deveis mais fazer.

«E pois que vós principalmente começastes este feito por serviço de Deus, Elle que sabe vossa tenção e conhece que não podeis em ello mais fazer, receba vossa boa vontade com a grandeza do trabalho que acerca d'ello tendes levado cumpridamente por obra, cá não é seu serviço levardes tanta gente a morrer sem alguma esperança da victoria, cá escripto é que os mortos não louvam o Senhor, mas os que vivem e conhecem o seu nome.»

Esto até aqui disseram aquelles derradeiros, mas el-rei não quiz nenhuma cousa responder, antes disse que a determinação d'aquillo leixava pera depois, e mandou logo fazer prestes toda a frota, e que se fossem lançar á ponta do Carneiro, a qual cousa foi feita mui ledamente, porque todos maginavam que ahi não havia já outra cousa senão tornar pera Portugal, tendo pouco cuidado de quanto trabalho e despeza sobre aquelle feito era levado, e como todo juntamente se perderia ao ponto d'uma só hora, e assim pareceria que todas as cousas até alli feitas, foram feitas afim de trazerem deshonra a el-rei e ao reino.

Depois que a frota foi assim toda junta na ponta do Carneiro, el-rei saiu em terra e ajuntou consigo todos os do conselho, e assentou-se no chão e elles todos d'arredor d'elle.

— Agora, disse elle, vos quero responder a todo o

que me falastes ácerca de meus feitos, e quanto é ao que me dizeis que me torne pera meu reino, parece-me que assaz seria de grande mingua haver acerca de seis annos que ando n'este trabalho, fazendo sobre ello tantas circumstancias como sabeis, pelas quaes o mundo está com as orelhas abertas pera ouvir a fim da victoria, e leixal-o assim agora parece-me que não seria outra cousa senão um escarneo. E outro sim acerca do que dizeis de Gibraltar, assaz seria feia cousa ter o fito posto em uma tamanha cidade e por derradeiro desfечь em uma similhante villa, e porém abreviando as circumstancias dos contrarios que acerca d'ello poderam acarretar, declaro que minha vontade é o dia d'hoje, a Deus prazendo, ser sobre a cidade de Ceuta, e d'amanhã filhar terra, e d'ahi em diante proseguir minha intenção até que Deus traga aquelle fim que sua mercê fôr.

Ora convem, diz o auctor, que digamos aqui de como Pedro Fernandes Porto Carreiro, tanto que sentiu que a determinação d'el-rei era filhar a cidade de Ceuta, requereu a seu padre licença pera se ir pera elle.

— Leixa primeiro, disse seu padre, a el-rei assentar seu arraial, e entretanto encaminharemos alguma boa cousa que lhe leves em serviço, que assás de tempo haverá hi pera o servires.

Esto escrevemos assim aqui como membro que fazem os pedreiros sobre a parede, pera tornarmos depois aqui pera fundarmos outra rasão.

CAPITULO LXIII

Como el-rei ainda teve conselho acerca do filhar da terra onde seria, e das rasões que disse ao infante D. Henrique.

MUITO parecia á maior parte d'aquelles do conselho d'el-rei aquella viagem perigosa, empero não tiveram nenhuma rasão de a contradi-
zizer, depois que viram determinadamente a vontade d'el-rei, quanto mais sendo seus filhos primeiramente em aquelle accordo, e bem poderamos aqui nomear expressamente quaes eram aquelles conselheiros que alli estavam e as vozes que cada um dava, mas porque poderia ser que seriam julgados ao revez de suas intenções, leixamos de o fazer.

Ora sabeis que não foi menos contenda sobre o desembarcar d'aquella frota, do que foi primeiro sobre o cerco da cidade, porquanto el-rei determinadamente disse que queria poer seu arraial na Almina, a qual cousa era contra a opinião de todos, cá lhe disseram que seu cerco não prestaria nenhuma cousa se elle não empachasse aquella parte do sertão.

— Parece, senhor, disseram elles, que vós vindes pera cercar e quereis ser cercado, bem sabeis que os mouros não tem tamanho poder por mar como por terra, e além d'isso tereis abastança de mais aguas e melhores, e sereis seguro d'elles enviarem recado a nenhuma parte, e posto que grande multidão de

mouros venha, podereis fortalecer vosso arraial de cavas e artificios de madeira, por tal guisa que nunca vos poderão empecer, e se estiverdes na Almina elles podem metter quantos mouros quizerem dentro na cidade e entrar e sahir quando lhes aprouver, e adubar seus bens e trazer seus fructos pera suas casas, como se vós ahi não estivesseis, assim que vós estareis mais cercado que elles; e por esta guisa se passaram sobre este feito outras muitas rasões, ao que el-rei respondeu que elle havia por melhor de ter alli seu arraial, porque não tinha necessidade d'outro palanque, e que sómente havia de ter cuidado depois que alli estivesse de pelejar com os mouros da cidade, e se estivesse da outra parte que teria dois cuidados, um de pelejar com os mouros da cidade e outro de se defender dos que viessem a seu soccorro.

— Ora, disse elle contra o infante D. Henrique, meu filho, bem me lembra os requerimentos que me fizestes quando eramos acerca de Lisboa, aos quaes vos eu disse que vos responderia quando fosse mister, e porque agora é tempo de vos responder ao que me requerestes, que vos outorgasse que fosseis em companhia d'aquelles que primeiro filhassem terra, eu vol'o concedo, mas não me apraz que em ello vós vades como companheiro, mas como principal capitão, e quando el-rei isto falava toda sua cara estava cheia de rizo, como aquelle que tinha grande esperança no engenho e fortaleza de seu filho.

— Nós prazendo a Deus, disse el-rei, iremos hoje sobre a noite ancorar nossa frota d'avante da cidade, e vós ireis primeiramente com a vossa frota que trouxestes do Porto direito a Almina, e ahi fareis lançar vossas ancoras e alojar vossa frota, e nós iremos da outra parte dos banhos por tal, que quando os mou-

ros virem a maior força da frota em aquella parte, entendam que alli ha-de ser a principal força da nossa desembarcação; pela qual cousa acudirão alli a maior parte d'elles por empachar nossa sahida, e da outra parte de Almina não farão grande conta, pela suspeita que terão que não havemos alli de filhar terra, e vós tanto que virdes meu signal, lançareis vossas pranchas em terra e sahireis o mais despachadamente que poderdes, e depois que nós sentirmos que tendes a praia filhada, passaremos nossa frota pera acerca da vossa, e encaminharemos de vos seguir, de guisa que vos não leixemos muito estar sem companhia.

— Outro sim, disse el-rei, porque a corrente não haja logar de nos lançar as naus caminho de Malaga, como já fez duas vezes, tereis maneira de levar vossas galés por tal ordenança que posto que alguns dos navios de nossa companhia queiram esgarrar por força da corrente, que não hajam logar de correr mais avante.

CAPITULO LXIV

Como a frota partiu pera ir sobre a cidade de Ceuta, e das razões que os escudeiros do infante D. Henrique houveram com elle.

Não poderia directamente contar o grande prazer que o infante D. Henrique houve, quando lhe seu padre deu aquellas novas, cá assim como homem que o recebia em especial mercê, lhe foi beijar a mão com a continencia mui alegre, e tanto que todos foram na frota, mandou logo o infante aparelhar todas suas cousas de guisa que quando as trombetas fizeram signal pera partir, disse a todos que pensassem de si de maneira que depois que a frota partisse não se andassem ocupando em outras cousas, de que todos houveram mui grande prazer, pensando que a sua viagem directamente havia de ser pera Portugal, e assim com aquella lédice, posto que fosse vã, corregeram mui azinha todas suas cousas, de maneira que sendo feito o signal de partida estavam todos prestes, e porque era em tal tempo como sabeis, acerca da tarde muitos d'elles fizeram sua ceia temporã, por darem maior esforço a seu prazer, e o infante mandou logo adereçar, suas galés por aquella ordem que lhe seu padre mandara, pera reter a corrente da agua quando trouxesse os navios da frota d'el-rei, e depois que o infante e o conde seu irmão foram partidos, começaram de caminhar todos os navios da frota d'el-

rei, e depois que todos os mareantes e aquelles que haviam de reger a frota sentiram que todavia haviam d'ir avante á cidade, alevantaram vagarosamente suas ancoras e corregiam seus aparelhos assim como tem por costume de se levantar homens preguiçosos quando em tempos de frio jazem em camas moles e brandas, de guisa que por sua tardança mostram quanto suas vontades são contrarias aquello que fazem, e assim faziam aquelles mareantes em corregger seus aparelhos, porque já a galé d'el-rei era acerca de Aljezira, quando o derradeiro navio partia da ponta do Carneiro, e assim iam ordenados um ante outro, que não parecia senão uma ponte que chegava de terra a terra, e depois que os navios do infante D. Henrique assim foram partidos como já dissemos, e os da frota d'el-rei começaram partir caminho d'Aljezira, aquelles que iam na galé do infante pensavam que se tornavam pera Portugal, e ficaram d'ello muito espantados, e disseram que caminho era aquelle que aquella frota assim levava?

— Leixae, disse o infante, cá o que governa já sabe por onde ha-de ir.

— Antes nos parece que o não sabe, responderam elles, pois que leva tal caminho, cá elles vão caminho de Ceuta e nós imos pera Portugal.

— Leixae fazer, disse o infante outra vez, a frota sua viagem, que vae acabar o por que aqui foi vinda, a qual palavra não foi mui doce nos ouvidos d'aquelles, entre os quaes se começou logo um novo rumor falando cada um apartadamente sobre a determinação d'aquelle feito, e principalmente se apartaram todos aquelles escudeiros que iam com o infante, e acabado de pouco foram assim todos juntos falar ao infante.

— Senhor, disseram elles, nós vos pedimos por

mercê nos queiraes perdoar algumas razões que vos queremos dizer, porque sentimos que será muito melhor de vol'as dizermos agora que ao depois que o feito fôr começado, cá poderia ser que parecendo nossas tenções justas e razoadas, ao tempo que nos houvesseis de mandar não compriríamos vosso mandado com aquella obediencia que vos devemos, a qual cousa seria azo de vos queixardes do que agora ouvireis antes que o feito seja começado.

— Ora senhor, disseram elles, nós somos bem certos que el-rei vosso padre fez duas vezes conselho acerca de sua vinda, porque sente que não pode fi-lhar a cidade de Ceuta como queria, e não sabe como se torne que pareça razoado ao mundo, e por isso quer levar a frota sobre a cidade e mandar sahir a mor parte da gente meuda com alguns capitães dos mais somenos, e elle comvosco e com outros principaes ficardes na frota, porque ao depois se possa dizer que elle trabalhou por tomar terra e não pôde, e que fez sobre ello toda sua posse. O que senhor se assim é, vós sabeis que será grande mal, cá outra melhor cautella devia vosso padre buscar que não aquesta, que notorio é que nos espadacharão alli a todos na metade d'aquella area, ante a vista de vossos olhos, sem nenhuma esperança de remedio. Porém vós sabeis que posto que vos ouçamos tal mandado, que muitos havemos de poer duvida ao cumprir. Por tanto vol'o fazemos assim a saber por vosso avizamento, que consireis que será bem de o fazerdes saber a vosso padre, cá segundo cremos não o tem menos em vontade todos os outros.

CAPITULO LXV

Como o infante D. Henrique respondeu a aquelles escudeiros e a frota chegou d'avante da cidade.

O INFANTE algum tanto ficou espantado de semelhante novidade, e assim mostrou a continencia alguma maneira queixosa quando lhes deu a resposta, principalmente por reprehender suas desavisadas palavras.

— Parece, disse elle, que el-rei meu senhor teve um conselho em terra e vós outros tivestes outro no mar, e pensaes que elle nem nós outros teremos de vossas vidas aquelle carregó que é razão de termos, porém vossas palavras me forçaram declarar-vos o que d'antes tinha pouco em vontade, e esto é que de manhã prazendo a Deus Nosso Senhor, me vereis sahir primeiro que ninguem pela prancha d'esta galé em terra, e porque nenhum de vós haja razão d'ir apoz mi, mandarei aos outros navios por dois dos meus, para levar commigo, e vós podereis seguir bem vossas vontades, porque a mim apraz que até que me vós não vejaes sahir, que por mandado que venha d'el-rei meu senhor, nem meu vós não façaes movimento algum.

Grande arrependimento mostraram todos aquelles d'aquellas palavras que disseram ao infante, e antes quizeram perder sua fazenda, que ter falado semelhante cousa, e alli começaram de se queixar mui fortemente, dizendo que aquello seria já muito peor que o da pr

meira, cá o que elles disseram não fôra dito com má intenção, sómente por lhe parecer que não seria razão de os alli deixar morrer sobre cousa de que a elle ficava pouca honra.

— Empero, disseram elles, senhor, vós não cuideis que assim haveis de sahir sem nossa companhia, antes crêde que não ha aqui tal, que antes se não leixe morrer, que ser-lhe feita similhante injuria. E posto que vós queiraes sahir como dizeis, vós sabeis que nós sahiremos todos a par de vós, ou nos alagaremos n'este mar.

— Não mais, disse o infante, que sobre o que vos disse não entendo fazer outra mudança.

E assim ficaram todos aquelles escudeiros com aquelle nojo, dispendendo a parte que lhe ficava do dia, fallando sobre aquelle feito.

Os mouros da cidade tanto que viram a frota acerca de seus muros, encheram todas as janellas e frestas de candeias, por mostrarem que eram muitos mais do que os christãos presumiam, e assim pela grandeza da cidade como por ser de todas as partes tão alumiada, era mui formosa de vêr, sobre a qual nós aqui podemos interpretar que assim como a candeia quando se quer apagar dá sempre grande lume, assim estes que ao outro dia haviam de deixar suas casas e fazendas, e muitos d'elles haviam de partir das vidas pera todo o sempre, faziam aquella sobeja mostrança de claridade significando sua fim, ou porventura mais directamente podemos dizer que Nosso Senhor Deus querendo mostrar como aquelles maus sacrificios que até alli se fizeram, estavam pera fazer fim, quiz assim em figura demonstrar que assim como em aquella hora a cidade era mais alumiada do que nunca fôra por fogo temporal, assim seria no dia se-

guinte alumiada do verdadeiro fogo do Espirito Santo, quando os christãos trouxessem o signal da cruz por todas as partes da cidade.

CAPITULO LXVI

Como os da frota traziam por essa mesma guisa lume por seus navios, e das tenções que entre si haviam.

POSTO que aquelles mouros assim alumiassem sua cidade a fim de acrescentarem em a similhaça de sua multidão, os outros que estavam nos navios não alumiamam menos a sua frota, mas isto era mais por necessidade que por mostrar sua multidão, porque tanto que os navios tiveram suas ancoras lançadas, logo cada um começou de cuidar no que lhe cumpria pera o dia seguinte, e com tochas que os capitães tinham ante si e as candeias que os homens traziam nas mãos quando andavam corregendo suas cousas, era a frota mui alumiada e parecia ainda muito mais aos da cidade, porque o fogo feria na agua do mar e parecia que tudo era lume, a qual cousa não punha pequeno espanto áquelles mouros que a directamente podiam esguardar, mas depois que a noite se começou de gastar e os senhores se metteram em suas camaras pera filharem seu repouso, começaram cada uns d'aquelles de se acostar em seu alojamento, e porque em semelhante tempo os homens tem vagar de cuidar em quaesquer cousas, porque em-

quanto a força do somno não tira o natural sentir, não podem arredar de si desvairadas imaginações, onde cada um leva seu entender pera aquello que traz mais acerca da vontade.

E certo é que em tal tempo pôde homem consirar o damno ou proveito que lhe pôde vir melhor que em outro algum tempo, cá dito é pelo philosopho que o coração estando quieto se faz prudente.

Jazendo assim aquelles, começaram a consirar qual seria a sua fim no outro dia, cá posto que ahi houvesse muitos ardidos e fortes, assim estavam outros de pequenos corações.

Cá na grande multidão necessario é que haja de todo metal, os quaes toda aquella noite não podiam dormir senão a bocados, e andavam a seus peitos tão desvairados pensamentos que os não leixavam livres a um só cuidado, e assim como a nau quando traz pequena carga a arvore secca, anda sobre as ondas d'uma parte pera outra sem ter certo rumo porque faça sua viagem, bem assim andavam os pensamentos d'aquelles, aluindo sem certo curso. E uma vez se lhe apresentava ante a imagem da alma como os mouros eram homens que arreceavam pouco a morte, comtanto que elles podessem cumprir suas vontades matando seus inimigos; outra vez pensavam que se ali fallecessem, no que elles punham grande duvida, que sepulturas haveriam e como os não veriam seus filhos nem seriam acompanhados de parentes no seu enterramento, quando lhe fizessem sua derradeira honra, nem poderiam chorar sobre suas covas os que grande sentimento de suas mortes tivessem.

«Oh! diziam elles entre si, como foram bemaventurados todos aquelles a que Deus leixou acabar seus dias em seus leitos, os quaes em tal tempo são acom-

panhados de suas mulheres e filhos, aconselhados de seus abbades com grande proveito de suas consciencias, e estão fazendo repartição de seus bens segundo o movimento de suas vontades.

«Mas nós outros os que aqui morremos não veremos nenhuma d'estas cousas, antes jazeremos sem sepulturas, desprezados de todos os vivos, e assim se gastarão nossas carnes sem de nós alguém saber parte senão depois da derradeira resurreição do juizo.

«E que proveito nos pôde trazer o ganho dos trabalhos que levamos em nossas mocidades e mancebias, senão havemos de ter poder em nossos dinheiros pera os darmos pera saude de nossas almas?»

Por certo mais nobres pensamentos tinham aquelles a que a natureza guarnecera da verdadeira fortaleza, os quaes consirando em este feito diziam entre si:

«Bemaventurados somos nós a quem Deus entre todos os de Hespanha outorgou primeiramente graça de cobrar terra nas partes d'Africa, e que havemos primeiro de despregar nossas bandeiras sobre a formosura de tamanha cidade.

«Vá com Deus, diziam elles, por bem empregado nosso trabalho em similhante serviço, pois que o nosso sangue ha-de ser espargido por remimento de nossos peccados. E que perda receberemos os que aqui fizermos fim de nossos dias? Pois temos certeza que as nossas almas que são espirituaes, verão verdadeiros prazeres no outro mundo. E os auctores das historias, apartados em seus estudos, estarão contemplando na bondade de nossas forças, e escreverão nossos feitos pera ensinança de muitos vivos, e voará a fama de nossas mortes por todas as partes onde os homens conhecerem escripturas, e nossa fortaleza será como espelho de todas aquellas gentes que descenderem de

nossa linhagem, os quaes sempre viverão em favor de nosso merecimento, cá os reis que depois vierem a Portugal sempre terão rasão de se lembrar de tamanho feito.

E pensando assim em estas cousas muito a meude, se levantavam a olhar o movimento das estrellas pera saber camanha parte ficava por passar da noite, cá tarde lhe parecia que chegava a claridade do dia pera verem a hora que tanto desejavam.

CAPITULO LXVII

Como no dia seguinte os mouros e os christãos cada uns trabalhavam em seus feitos.

PEUQUENA tardança poz o sol em começar seu diurnal trabalho, cá esto era uma quarta feira vinte e um do mez d'Agosto, em a qual aquelle imperial planeta entrava em seis graus do signo que se chama de Virgo, e em aquella hora que Ganimedes começou de romper a primeira teia do oriental crepusculo.

A gente da frota que no começo da noite fôra trabalhada, uns em corregimento das suas fardagens, outros aparelhando as guarnições de seus navios, eram ainda algum pouco asonorentados, e quando viram a claridade do sol que tendia seus raios pelas arcas de seus navios começaram de se apitar uns aos outros, chamando-se por seus nomes, e des-ahi meteram suas mãos a revolver as armas, provendo-as de todas as

partes se tinham algum falecimento, outros andavam com os ferramentaes nos braços e com os martellos nas mãos pera pregarem seus arnezes, outros tentavam as atacas de seus gibões se tinham aquella fortaleza que lhe cumpria, outros se lembravam de seus pecados e andavam buscando seus abades, mostrando a Deus o grande arrependimento que haviam em seus corações, outros provavam suas armas tomando as fachas nas mãos e desenvolvendo os braços pera uma parte e pera outra pera vêr se os embargavam em alguma parte, outros tiravam as espadas das bainhas e começavam-nas a brandir, provando se tinham aquelle fio que lhes cumpria.

«Ah! diziam elles, boa espada que quando Deus queria, bem sohieis vós a cortar por cima das folhas e das cotas, veremos hoje o que sabeis fazer pela carne d'estes perros que não podem suportar nenhuma cuberta.»

Outros abriam as cerraduras das suas botas em que traziam seus biscoitos, apresentando a seus amigos as melhores viandas que tinham.

«Comamos, diziam elles, cá por ventura este é nosso derradeiro dia, e se nos Deus por sua mercê deixar vivos depois da victoria, não nos falecerá vianda.»

Taes havia ahi que já tinham as côres quejandas lh'as a morte havia de aparelhar d'ahi a pouco espaço; outros andavam tão ledos que já em seus rostos se via a similhança da victoria.

Nem os mouros não estavam tão ociosos que não cessavam de reparar todas as cousas que sentiam que lhe poderia prestar pera sua defensão, e assim andavam correndo por aquelles muros d'uma parte pera outra, mostrando que nenhum medo tinham em seus corações.

Mas outro cuidado era o dos mouros velhos e de todos os que sabiam a declaração d'aquelles signaes que já dissemos, e uns andavam escondendo seus haveres, outros estavam descalços em suas mesquitas com os corpos tendidos ante as reliquias dos seus prophetas, pedindo mercê ás divinaes virtudes que trouxessem aquelle feito a tal fim que a sua cidade não ficasse quebrantada ante a ira d'aquelle rei.

«Ah! Deus, diziam elles, e pera que era tal fundamento de cidade, cuja nobreza nas partes d'Africa tinha corôa, se a formosura de nossas ruas ha-de ser tinta de nosso sangue? E tu santo propheta Mafamede que na casa de Deus Padre tens a segunda cadeira, porque não abres os olhos de tua divinal magestade e esguardas sobre nós que vivemos sob a tua disciplina? e não nos leixes assim trilhar em poder d'estes infieis que com tamanha soberba querem destruir a tua lei, e se tu sabias que a tua cidade havia de ser casa de christãos, porque o não revelavas a nossos padres que a leixassem despovoar? Mas agora que os seus ossos já são desfeitos em cinza d'arredor das tuas sagradas mesquitas, cujas paredes elles com seus trabalhos alevantaram, e nós obrigados de as acompanhar, queres tu agora consentir que nós vamos buscar as terras alheias e participar com aquelles em egualza que por razão da nobreza de nossa cidade nos viviam em obediencia?»

«Certamente a tua divinal clemencia não consentirá que vejamos hora de tanta crueza. Se por ventura a grandeza de nossos pecados te forcarem de o consentir, tu ouvirás os nossos gemidos no meio da nossa cidade quando recebermos os derradeiros golpes ante as aras sagradas das tuas mesquitas, espargendo nosso sangue sobre as sepulturas de nossos padres, e nós

alli tendidos receberás nossas almas que sahirão de nossos corpos, e nossas mulheres e filhos que escaparem da crueza do triste ferro, carregados de prizões passarão nas partes da Hespanha, onde muitos dos nossos parentes já tiveram tamanho senhorio. E alli farão os seus netos vida miseravel, pelo falecimento da celestial ajuda. E sobre todo a força do captiveiro lhes fará renunciar a tua lei, que tu entre todas as outras cousas devias mais sentir. Ora vê com que piedade poderás suportor todas estas cousas, e que proveito nos veiu a nós de guardarmos a tua lei e seguirmos os teus mandamentos, se na hora de tão estreita necessidade não acorres a este povo mesquinho com a tua celestial ajuda?»

CAPITULO LXVIII

Como el-rei mandou apparelhar uma galeota em que andou avizando todos os capitães da frota da maneira que haviam de ter.

QUANDO el-rei viu que o sol começava de quecer e que a sua gente andava toda em trabalho de se correger, mandou fazer prestes uma galeota e meteu-se n'ella, posto que n'aquelle tempo lhe era mais razoado o repouso que o trabalho, por quanto em querendo entrar na sua galé, quando estava da outra parte do Barbaçote, se feriu em uma perna, e por azo do grande trabalho e a ferida não ser

pequena, se lhe fez na perna um grande inchaço o qual cada dia crescia mais, e pera dôr de semelhantes logares é a melhor mezinha o repouso que outra nenhuma.

Empero el-rei não fez outra mostrança, sómente escusou de levar o arnez das pernas, e assim com uma cota vestida e com uma barreta na cabeça e a sua espada na cinta, andou por todos aquelles navios, dando avizamento a cada um da maneira que havia de ter, e assim trazia sua continencia alegre que a todos parecia manifesto signal da victoria que esperavam, e quando falava com aquelles capitães todos os outros do navio sahiam a bordo pera ouvir suas palavras, e não menos esforço recebiam de as ouvir, que se certamente souberam que Deus lhe enviava um anjo do ceu pera lh'as dizer.

— Todos, disse elle contra os capitães da sua frota, tende tal avizamento que nenhum de vós não saia em terra senão depois que vir que o infante D. Henrique meu filho tem filhada a praia d'aquella parte d'onde está determinado, porém tende todos vossos bateis corregidos por tal guisa que com pequena tardança possaes ser em aquelle logar onde o infante estiver; e chegando á galé do infante D. Henrique começou de se rir, e perguntou-lhe em que termo estava seu corregimento?

— N'este que vêdes senhor, respondeu elle parecendo todo armado com todos os seus acerca d'elle armados e a bordo de sua galé, e assim estão todos os outros d'esta frota que cá mandastes.

— Vedes? não vos disse eu, disse el-rei, que ante manbã havia de ser meu filho de todo prestes? cá em taes tempos como estes logo elle sabe perder o somno toda uma noite sem mostrança de sertir por ello trabalho.

— Ora pois meu filho, disse elle contra o infante, com a benção de Deus e com a minha, quando virdes tempo já sabeis o que haveis de fazer.

Tanto que aquelle nobre principe acompanhado de todas as virtudes, o infante D. Duarte, viu seu padre fóra da galé, cá ambos estavam aquelle dia em uma, mandou trazer suas armas com intenção de ser dos primeiros no commetimento d'aquelle feito, e como se armasse acertou d'haver uma pequena ferida em uma mão.

— Certamente, senhor, disseram os que ahi estavam, não seria mau escusardes vossa ida á terra por este dia, cá o espalhamento d'este sangue é muito pera arrecear, cá são signaes que ás vezes parecem por bem, se o homem se quer guardar por seu avizamento, assim como dizem que fez um consul romano quando estava pera pelejar com Anibal junto da cidade de Taranto, que por vista d'um similhante signal escusou sua partida por aquelle dia, pelo qual salvou sua vida e de toda sua hoste.

O infante ouvindo aquellas razões começou de se rir contra elles, dizendo que sabiam muito mal conhecer a verdadeira intenção d'aquelle signal.

— Pois que quer isto al dizer, disse elle, senão que assim como em esta minha mão primeiro appareceu sangue, assim espargirei eu hoje com ella com a graça de Deus, tanto sangue dos corpos dos infieis, até que por força de meu braço os veja sahir ante mim fóra da sua cidade.

E' certo que o esforço do dito principe era grande, e posto que elle aquellas cousas dissesse em jogo, certo foi que a sua espada aquelle dia foi muitas vezes banhada em sangue, cá aquelle que elle acertava ante si com o primeiro golpe, não havia mister o se-

gundo, e taes dava que logo com elles lhe dava a derradeira hora.

Todos os seus que alli estavam sentiam aquelle grande prazer que elle tinha, e emquanto lhe vestiam as armas departiam, estando em muitas cousas de seus desenfadamentos, falando n'aquelle que os homens mancebos mais trazem acerca de suas vontades, a saber, bemquerença de suas amigas.

— E vós, senhor, disse Fernão Affonso de Carvalho, que era page do infante, haveis hoje de fazer alguma cousa de vantagem por amor de vossa dama?

— Se m'a tu lembrasses, respondeu o infante, em tempo que eu tivesse logar de fazer pelo seu amor tão assignada cousa porque podesse cobrar sua graça, farias boa cousa!

Bem mostrou o infante, diz o autor, por aquellas razões, que era pouco de damas, cá se o elle fôra verdadeiramente, não houvera mister outra lembrança senão aquelle mortal tormento que os bem amantes por força de razão trazem esculpido em seus peitos.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDEX

	PAG.
CAPITULO XXXI — Como aquelles embaixadores vieram a Portugal e como deram a embaixada a el-rei, e da resposta que houveram, e como Dia Sanches de Benavides morreu, e o bispo se tornou.....	5
CAPITULO XXXII — Como el-rei de Aragão enviou seus embaixadores a el-rei, e da resposta que levaram, e como n'este tempo vieram alguns estrangeiros offerecer-se a el-rei, e da maneira que com elles teve	10
CAPITULO XXXIII — Como os embaixadores d'el-rei de Grada vieram a el-rei, e do que lhe requereram, e como traziam recado d'el-rei ao infante D. Duarte e á rainha, e do que lhe prometeram.....	17
CAPITULO XXXIV — Como o infante D. Henrique veio depois de janeiro fallar a el-rei seu padre, e como se tornou pera o Porto, e da maneira que teve na sua armação.....	23
CAPITULO XXXV — Como el-rei escreveu ao infante D. Henrique que partisse com sua frota, e como o infante partiu, e da ordenança que levava.....	29
CAPITULO XXXVI — Como Afonso Annes chegou aos infantes com as novas da doença da rainha, e como por aquelle azo aquelle grande prazer em que estavam, foi tornado em tristeza... ..	33
CAPITULO XXXVII — Como el-rei disse á rainha determinadamente sua tenção, e da resposta que lhe a rainha deu, e como por azo d'alguns, que ali adoece-ram de peste, el-rei se partiu pera o mosteiro d'Odivellas, e como a rainha ficou pera acabar suas devoções e como em aquelle dia adoeceu... ..	36
CAPITULO XXXVIII — Como o infante D. Henrique e o conde D. Afonso chegaram a Odivellas, e como a dôr se acrescentou á rainha.....	43
CAPITULO XXXIX — Como a rainha havia verdadeiro conhecimento de sua morte, e das obras que ácerca d'ello fazia, e como deu o Lenho da cruz a seus filhos	47
CAPITULO XL — Como a rainha deu as espadas aos infantes, e das razões que disse a cada um, quando lhe deu a sua espada.....	50
CAPITULO XLI — Como a rainha tornou a falar ao infante D. Duarte e lhe encomendou os infantes seus irmãos e Brites Gonçalves de Moura e Mécia Vaz sua filha, e assim todas as outras suas cousas.....	54
CAPITULO XLII — Como o infante D. Pedro requereu á	

rainha que fosse sua mercê deixar as suas terras á infanta sua irmã, e como lhe foram outorgadas....	58
CAPITULO XLIII — Como os infantes pediram a el-rei que se partisse d'alli, e do conselho que ácerca d'ello tiveram, e das visões que a rainha viu antes de sua morte.....	62
CAPITULO XLIV — Como a rainha foi comungada e ungida, e como fez fim de seus dias, e como o auctor diz que em ella havia cumpridamente as quatro virtudes cardeaes.....	68
CAPITULO XLV — Como o auctor faz divisão das virtudes, e como se os infantes partiram d'aquelle mosteiro pera Restello.....	72
CAPITULO XLVI — Como os infantes tiveram seu conselho ácerca dos feitos primeiros, e como foram falar a el-rei e tornaram outra vez a ter conselho a aquella aldeia.....	77
CAPITULO XLVII — Como os infantes e tres dos outros do conselho tornaram a falar a el-rei em a determinação de seus acordos, e das razões que el-rei ácerca d'ello disse, e como finalmente determinou a partida.....	81
CAPITULO XLVIII — Como os infantes se tornaram a Restello, e do aviamento que deram a todas as cousas que pertenciam a sua viagem.....	85
CAPITULO XLIX — Como el-rei partiu d'Alhos Vedros na galé do conde de Barcellos, e se veiu lançar em Restello, e como no dia seguinte se foi com sua frota ancorar a Santa Catharina.....	90
CAPITULO L — Como el-rei em aquelle dia que partiu fez sua oração mui devotadamente, e das cousas que em ella pediu.....	93
CAPITULO LI — Como o mestre frei João Xira prégon deante de todo o povo, e das razões que disse....	96
CAPITULO LII — Como o mestre publicou a cruzada, e como por sua auctoridade absolveu a todos de culpa e pena.....	102
CAPITULO LIII — Como el-rei partiu de Lagos e se foi a Faro, e como d'alli seguiu seu caminho até que chegou com toda sua frota ante as Algezirás.....	108
CAPITULO LIV — Como a frota chegou toda ante as Algezirás e como alli veiu Pedro Fernandes Portocarrero e os mouros de Gibraltar trazer serviço a el-rei	110